A black and white portrait of Allan Kardec, a man with a mustache, wearing a suit and tie. The portrait is the background of the entire cover.

Eurípedes
Kühl

150
Anos
de
Allan
Kardec

Em comemoração
ao sesquicentenário
do lançamento de
O Livro dos Espíritos

Em sua
hora de glória

petit

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

150 Anos de K Allan Kardec



Somos associados da **Fundação Abrinq** pelos direitos da criança. Nossos fornecedores uniram-se a nós e não utilizam mão-de-obra infantil ou trabalho irregular de adolescentes.

O autor cedeu os direitos autorais desta obra à
CORASSOL – Centro de Orientação, Reintegração e Assistência Social
Rua Legionário Maurício, 69, Vila Pompéia, CEP 14060-310, Ribeirão Preto/SP, tel.: (0xx16) 3622-6998.
Declarada de Utilidade Pública Municipal, Estadual e Federal
CNPJ 01.905.513/0001-04

150 Anos de Allan Kardec

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda., 2006

2-2-07-2.000-6.000

Direção editorial: **Flávio Machado**

Assistente editorial: **Dirce Yukie Yamamoto**

Chefe de arte: **Marcio da Silva Barreto**

Capa e diagramação: **Ricardo Brito**

Revisão: **Maria Aiko Nishijima**

Fotolito da capa: **Digigraphic**

Impressão: **SERMOGRAF – Artes Gráficas e Editora Ltda.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kühl, Eurípedes.

150 anos de Allan Kardec / Eurípedes Kühl. – São Paulo : Petit,
2006.

Bibliografia

ISBN 85-7253-145-9

1. Espiritismo 2. Espiritismo - Filosofia 3. Kardec, Allan,
1804-1869. O livro dos espíritos I. Título.

06-4930

CDD: 133.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Doutrina espírita kardecista : Espiritismo 133.901

Direitos autorais reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma
ou por qualquer meio, salvo com autorização da Editora.

(Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.)

Traduções somente com autorização por escrito da Editora.

Impresso no Brasil, no verão de 2007.

Prezado leitor(a),

Caso encontre neste livro alguma parte que acredita que vai interessar ou mesmo ajudar outras pessoas e decida distribuí-la por meio da internet ou outro meio, nunca deixe de mencionar a fonte, pois assim estará preservando os direitos do autor e conseqüentemente contribuindo para uma ótima divulgação do livro.

150 Anos de Allan Kardec

Eurípedes Kühl



Rua Atuaí, 383/389 – Vila Esperança/Penha

CEP 03646-000 – São Paulo – SP

Fone: (0xx11) 6684-6000

Endereço para correspondência:

Caixa Postal 67545 – Ag. Almeida Lima

03102-970 – São Paulo – SP

www.petit.com.br | petit@petit.com.br



*O professor Hippolyte Léon Denizard Rivail,
em Paris, aos 25 anos.*

*“Jesus, a porta.
Kardec, a chave”¹.*

1. Psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, “O Mestre e o Apóstolo”, em *Opinião Espírita*, mensagens dos Espíritos Emmanuel e André Luiz (Uberaba, CEC, 1998).

Conceitos de Allan Kardec

*“Nascer, morrer, renascer ainda,
e progredir sempre: tal é a lei!”*

✘

*“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente
a razão, em todas as épocas da humanidade”*

✘

“Fora da caridade não há salvação”

✘

“Trabalho, solidariedade, tolerância”

✘

*“Reconhece-se o verdadeiro espírita pela
sua transformação moral e pelos esforços que
emprega para domar suas inclinações más”
(esta, a pedra angular da evolução
moral: a auto-reforma!)*

Palavras iniciais

EM OUTUBRO DE 2003, a pedido de amigos que mantêm na Internet um *site* do centro espírita que freqüentam, iniciei a elaboração de textos procurando sintetizar, capítulo a capítulo, os temas de *O Livro dos Espíritos* para publicar na web, mas por outro lado acoplando neles, aqui ou ali, os avanços da ciência, além de registrar alguns acontecimentos importantes.

O encargo, necessariamente, *era e é superior* à minha capacidade. Recusar, de pronto me acorreu.

Contudo, simultaneamente, lembrei-me da recomendação do Espírito Emmanuel, conclamando: “O Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade – a caridade da sua própria divulgação”². Por isso aceitei a honrosa bem como difícil incumbência, dentro do princípio de participar, o quanto possível, da divulgação do Espiritismo.

A tarefa está concluída. O que fiz foi com o maior respeito e admiração a Allan Kardec. Justo agora eis que desponta o sesquicentenário de *O Livro dos Espíritos* (18 de abril de 1857 a 18 de abril de 2007) e, por isso, tenho a alegria de humildemente homenagear o insigne e abençoado codificador do Espiritismo, dedicando-lhe meu trabalho.

2. Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, *Estude e viva* (Rio de Janeiro, FEB, 1965), pág. 172.

De início, à guisa de simples alicerce para eventuais leitores não-espíritas, apresentarei singelas notas e depois aspectos biográficos de Allan Kardec, sempre de forma sintética.

Para não mais repetir, fica o registro: todos os textos daquela sublime obra foram resumidos e minha maior dificuldade foi fazê-lo de forma a não prejudicar, nem o contexto, nem principalmente a mensagem. As deficiências se devem tão-somente à minha limitação em ombrear-me com tanta responsabilidade. O que fiz foi feito com dedicação.

LIVRO ESPÍRITA NÚMERO UM!

Meu pensamento volve a 18 de abril de 1857, ao lançamento de *O Livro dos Espíritos*, pedra angular da Doutrina Espírita.

Tamanha e tanta é a luz que emana dessa obra, que dela, com gratidão profunda, reverencio seu autor “de fato”, fundamental: o Mestre Jesus, que nela recorda e amplia o entendimento daquilo que já havia dito e exemplificado, derramando ensinamentos morais, ora cumprindo o prometido quanto ao Consolador espiritual dos tempos modernos.

Naturalmente, Jesus incumbiu prepostos de repassarem a Allan Kardec – investigador emérito – as respostas que iluminariam a dúvida humana, consubstanciada nas reflexões filosóficas de todos os tempos, do indivíduo que pergunta: *de onde vim, a que estou, para onde irei?* A essas três perguntas fundamentais da existência humana, bem como a centenas de outras, *O Livro dos Espíritos* responde, com lógica irretorquível. É por isso que reafirmo:

O Livro dos Espíritos: livro espírita número um!



O Livro dos Espíritos é composto de:

Introdução

Princípios Básicos

Parte Primeira: 4 capítulos

Parte Segunda: 11 capítulos

Parte Terceira: 12 capítulos

Parte Quarta: 2 capítulos

Conclusão



Proponho uma profunda reflexão sobre o “pré-Espiritismo”, o que, em linhas gerais, significa passar em revista o mundo “pré-Allan Kardec”.

Em Moisés, com a *Bíblia*, a humanidade teve uma primeira revelação. Jesus, sol brilhante nas almas, trouxe-nos o *Evangelho*, que é considerado a segunda revelação. Deixou-nos uma promessa... Depois de Moisés e de Jesus, a história registra que a humanidade, não obstante o progresso material, mergulhou por várias vezes em séculos que cobriram de trevas o progresso moral: o martírio dos cristãos nas arenas romanas; as Cruzadas; a Inquisição.

Nunca será demais nos lembrarmos da cultura popular que desde muito tempo afirma que, por mais densas e negras sejam as nuvens, por trás delas o Sol jamais deixa de brilhar e não tarda a resplandecer, dissipando-as todas..

A Renascença, iniciada no século 15, na Itália, deu a partida para uma renovação mundial, cultural e artística, sem precedentes. Não tardou e enfraqueceu-se o Absolutismo (poder exercido de forma ilimitada e indivisível – regime das monarquias da Europa ocidental, que durou até os séculos 17 e 18).

Então, no século 18, com o Iluminismo (“Século das Luzes”), emergiu na humanidade o poder da razão. Como decorrência, em 1789, a França, sob a égide da trilogia “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, deflagra a chamada Revolução Francesa, com

repercussões mundiais, naquilo que se constituiria parâmetro para o destino de muitos povos, Brasil inclusive (Inconfidência Mineira) ...

Tais transformações, que eclodiram no berço mundial da cultura de então (Europa), sinalizavam que o mundo já não era o mesmo e que não mais voltaria a ser como até então tinha sido.

Na verdade, pode-se inferir que a humanidade fora aprovada num vestibular espiritual, ante-sala de novos tempos.

Então... soou a hora de um farol bendito iluminar a mente humana.

CONSOLADOR

(Prometido por Jesus: João, cap. 14; 15 a 17 e 26)

O Espiritismo é o Consolador prometido, que veio, no devido tempo, recordar e complementar o que Jesus ensinou, “restabelecendo todas as coisas no seu verdadeiro sentido”, trazendo, dessa forma, à humanidade, as bases reais para sua espiritualização. A época: a segunda metade do século 19.

Para cumprir o que Jesus houvera prometido, o Espiritismo realiza: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.

Indubitavelmente, a Doutrina dos Espíritos é a terceira revelação!

ENSINAMENTOS ESPÍRITAS

Complementando essa rápida volta ao passado, apresento (à guisa de pequeno *trailer*) breve sinopse dos assuntos abordados em *O Livro dos Espíritos* – primeiro livro de uma série denominada “Obras Básicas do Espiritismo”.

De antemão, rogo aos leitores relevar o que das minhas reflexões não esteja necessariamente inserido no contexto. É que, para realizar essa tarefa, minha única chance seria aproveitar-me dos 150 anos que se passaram do lançamento daquela sublime obra. Como? Pinçando aqui, ali e acolá, uma e outra nota de tudo o que nesse período ocorreu na humanidade, particularmente a braços com as ciências. Ao final, resta indubitável a abençoada propriedade informativa e consoladora de *O Livro dos Espíritos*, cujos conceitos – científicos, filosóficos e religiosos – contêm clareza ímpar.

Além disso, sou de opinião que tão abençoada obra vem sendo alicerce para todas as demais obras literárias espíritas.

PONTOS FUNDAMENTAIS

Deus: é a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas. É eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente bom e justo.

O Universo: é criação de Deus. Abrange todos os seres racionais e irracionais, animados e inanimados, materiais e imateriais.

Mundo Espiritual: além do mundo corporal, habitação dos Espíritos encarnados (homens), existe o mundo espiritual, habitação dos Espíritos desencarnados.

Outros mundos habitados: no universo, há outros mundos habitados, com seres de diferentes graus de evolução: iguais, mais evoluídos e menos evoluídos do que os homens.

Leis divinas: todas as leis da natureza são leis divinas, pois que Deus é o seu autor. Perfeitas, eternas, imutáveis, abrangem:

Leis físicas: minerais;

Leis naturais: vegetais;

Leis da conservação das espécies: animais;

Leis morais: homens.

REENCARNAÇÃO – VIDAS SUCESSIVAS

Kardec anotou à resposta da questão 171:

“A doutrina da reencarnação, que consiste em admitir para o homem diversas existências sucessivas, é a única que responde à idéia que fazemos da justiça de Deus em relação aos homens que se acham numa condição moral inferior; a única que pode nos explicar o futuro e firmar nossas esperanças, porque nos oferece o meio de resgatar nossos erros por novas provações. A razão nos demonstra essa doutrina e os Espíritos a ensinam”.

JESUS – MODELO E GUIA

Jesus é o guia e modelo para toda a humanidade.

A doutrina que ensinou e exemplificou é a expressão mais pura da Lei de Deus – o amor!

A moral do Cristo, contida no *Evangelho*, é o roteiro para a evolução segura da humanidade.

A prática dos ensinamentos do Mestre Jesus é a solução para todos os problemas humanos e o objetivo a ser atingido pela humanidade.

Lei áurea cristã: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”.

LIVRE-ARBÍTRIO

O homem tem livre-arbítrio para agir, mas responde pelas conseqüências de suas ações. A essa responsabilidade pode-se denominar:

Lei de Causa e Efeito;
Lei de Ação e Reação;
Choque de retorno.

Para auxiliar o homem a decidir, pelo bem ou pelo mal, quando o situou nas faixas inaugurais da razão, Deus dotou-o de: inteligência: análise/reflexão/entendimento/formação de alternativas; consciência: bússola infalível da direção moral a seguir; livre-arbítrio: atributo individual de escolher e decidir.

A PRECE

É um ato de adoração a Deus.

Está na Lei Natural e é o resultado de um sentimento inato do homem, assim como é inata a idéia da existência do Criador.

Torna melhor o homem: aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. A prece é um socorro que jamais a providência divina se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.

FUNDAMENTOS ESPÍRITAS

Toda a prática espírita é gratuita, dentro do princípio do *Evangelho*: “Dai de graça o que de graça recebestes”.

O Espiritismo não impõe os seus princípios: convida os interessados em conhecê-los a submeter os seus ensinamentos ao crivo da razão, antes de aceitá-los.

O Espiritismo respeita todas as religiões, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização

entre todos os homens, independentemente de sua etnia, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social.

O Espiritismo reconhece que “o verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza”.

Kardec: defensor do Espiritismo

MEU OBJETIVO NÃO É remoer o passado, mas sim pôr a descoberto, para os espíritas de hoje, como Kardec é-nos modelo, a toda vez que o Espiritismo seja alvo de perfídias, que infelizmente ainda ocorrem amiúde.

Será útil aos espíritas ser conhecido o grande amor que ele dedicou à Doutrina Espírita e as lutas que teve de empreender em sua defesa.

Seu exemplo não pode de maneira alguma deixar de ser seguido, sempre que idênticas ocasiões se apresentem. Esse é um dever e mesmo um compromisso que os espíritas não deveremos jamais recusar ou omitir...



A data de nascimento do Espiritismo é a mesma da de Allan Kardec: 18 de abril de 1857. Tal certidão de ambos inexistente em termos cartorários.

Com efeito, ninguém jamais encontrará nos registros cíveis da França o nome de Allan Kardec, entretanto esse personagem francês é bem conhecido pela história mundial...

Explica-se: em 3 de outubro de 1804, na cidade de Lyon (França), nasceu Hippolyte Léon Denizard Rivail, descendente de antiga família lionesa, católica, de nobres e dignas tradições. Ele se tornaria famoso pelos seus invulgares dotes morais e intelectuais, inteiramente voltados para a educação, como professor e

tradutor, além de autor de inúmeras obras pedagógicas, destinadas à instrução primária, secundária e até mesmo superior, algumas com aplicação até hoje na França.

Aos 50 anos de idade, o professor Hippolyte era membro efetivo de 12 associações culturais francesas – *sociedades sábias*. Foi por essa época que teve a atenção voltada para os espetáculos públicos das chamadas “mesas girantes e dançantes” (mesas que se erguiam nos ares, desenhavam movimentos e respondiam, por pancadas, às perguntas dos circunstantes).

Tais espetáculos, então, eram verdadeira epidemia no mundo.

Investigando o insólito fenômeno, detectou que só por forças desconhecidas aquilo poderia acontecer: forças pensantes...

Daí a atinar serem Espíritos, que por intermediação com encarnados “davam vida e inteligência” à matéria foi uma brilhante dedução, tão despercebida à maioria das pessoas, quanto simples, qual o “ovo de Colombo”.

Decidido a “pôr em pratos limpos” tais fenômenos, valendo-se do invulgar tirocínio que caracterizava sua mente e trilhando metodologia científica, não tardou a comprovar que os chamados “mortos” viviam além-túmulo, e mais: que esses tais, em circunstâncias naturais, com intermediação de médiuns, podiam dialogar com aqueles que ainda não tinham ido para o reino “das sombras”.

A esse intercâmbio entre o plano material e o espiritual, denominou *mediunidade*. Descobriu, logo, que “do lado de lá” não existiam apenas “sombras”, bem ao contrário: de lá promanavam muitas luzes, permanentemente disponíveis àqueles que concedessem à razão uma chance de comprová-lo, e ele concedeu!

Num trabalho altamente didático, valendo-se de vários médiuns, desconhecidos entre si, formulou centenas de perguntas “aos mortos” e deles obteve resposta para todas, paralelas no conteúdo, coerentes com a lógica.

Com impecável pedagogia, garimpou esse farto material e catalogou-o em código, daí resultando as chamadas Obras Básicas (são cinco).

Não querendo comprometer a Doutrina Espírita à sua já enaltecida carreira de homem público, houve por bem adotar o pseudônimo de Allan Kardec.

Ali, porém, inaugurava-se um ciclo de grandes dificuldades para ele e esposa...

INTOLERÂNCIA E PERSEGUIÇÕES³

Em todos campos da atividade humana, em todos os tempos, idéias novas não são aceitas *a priori*, senão após duros embates daqueles que as formulam ou após a vida diplomá-las com o selo da verdade.

O Espiritismo não foi uma exceção a tais investidas.

Mas, como não existe força no universo superior à “força da razão”, que será sempre vitoriosa nos embates contra aqueles que querem ter “razão à força”, também as multiplicadas críticas ao Espiritismo, eivadas de injúrias e controvérsias, não resistiram. Como jamais resistirão!

Allan Kardec codificou o Espiritismo e nele palmilhou por 12 anos.

Foram anos difíceis, de permanentes ataques à nova ordem filosófica, bem como a ele próprio, “que não foi poupado, sequer, nos assuntos de sua vida pessoal, privada. Um escândalo que envolvesse dinheiro, riquezas, bem que serviria para ferir fundo os propósitos que o animavam, da implantação por tantos indesejada

3. Notas extraídas da coleção *Revista Espírita* (1858-1869) e da obra *Allan Kardec – Pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação*, de Zêus Wantuil e Francisco Thiessen (Rio de Janeiro, FEB, 1973), vol. 2.

de uma Doutrina como a do Consolador prometido por Jesus. As acusações partiram de toda parte, de sacerdotes e de vários indivíduos e organizações (...) Houve até verdadeiros traidores, criaturas perturbadas e de intenções as mais sórdidas e torpes no movimento nascente, na própria Sociedade de Paris” .

Sentindo que o Alto o credenciara a tão glorioso e ousado empreendimento, Kardec manteve-se destemido, atento, “o capitão e o alferes”, como ele próprio o diria, uma vez, num desabafo.

Kardec rebateu as inúmeras ofensas ao Espiritismo (e a ele próprio), a todas, apelando sempre para o bom senso e a lógica, clareando com o ensino dos Espíritos as mentes agressoras. Aqui, vou elencar apenas alguns desagravos, mostrando como a inteligência e a evolução espiritual do codificador tornaram-no inigualável defensor do Espiritismo.

Na *Revista Espírita* de dezembro de 1859, responde a um articulista que lançara o ridículo sobre a ação dos Espíritos que voluteavam mesas, sobre a “nova doutrina” (o Espiritismo), bem como aos seus partidários, dizendo-lhe:

“(...) parece que não amais as doutrinas; cada um com seu gosto; todo o mundo não gosta da mesma coisa: somente direi que não sei muito a qual papel intelectual o homem seria reduzido se, desde que está sobre a Terra, não tivesse doutrinas que, fazendo-o refletir, o tirassem do estado passivo da brutalidade”.

Ainda na mesma revista, Kardec assim respondeu a um sacerdote que por volta de 1859, discorrendo sobre o Espiritismo, dissera que há os que em nada crêm:

“(...) é prudente não nos pronunciarmos com muita levianidade a respeito de coisas que não conhecemos”.

Na *Revista Espírita* de 1860, Kardec assim se expressou:

“Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e das alusões ofensivas, não os seguiremos no terreno de uma controvérsia sem objetivo (...) Estudai primeiro e veremos em seguida. Temos outras coisas a fazer do que falar àqueles que não querem ouvir”.

Na *Revista Espírita* de dezembro de 1861, há a narração do tenebroso “Auto-de-fé de Barcelona” (Espanha), pelo qual, em 9 de outubro de 1861, justamente no local onde eram executados os criminosos condenados à pena de morte, a Inquisição espanhola, representada por um padre paramentado com trajes sacerdotais próprios para o ato, tendo numa das mãos uma cruz e na outra uma tocha, queimou em praça pública centenas de livros espíritas. Entre os livros estavam: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O que é o Espiritismo?*, todos de Allan Kardec; coleções da *Revue Spiritualiste*, redigida por Piérat; “Fragmento de Sonata”, ditado pelo Espírito Mozart ao médium Bryon-Dorgeval; “Carta de um católico sobre o Espiritismo”, pelo doutor Grand, antigo vice-cônsul de França; “História de Joana D’Arc”, ditada por ela mesma a Ermance Dufaux, de 14 anos de idade; e, por fim, “A realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta”, do barão de Guldenstubbe.

O século não mais comportava tão bizarra quanto ridícula cena, mas a praça estava atravancada por multidão que a tudo assistia, espantada...

Para não me alongar, menciono apenas uma frase de Allan Kardec:

“Se examinarmos este processo sob o ponto de vista de suas conseqüências, desde logo vemos que todos são unânimes em dizer que nada podia ter sido mais útil para o Espiritismo”.

E como foi! No mundo todo, mentes se agitaram e buscaram avidamente conhecer o conteúdo de tão “pernicioso material” destruído naquelas “chamas salvadoras”...

Na *Revista Espírita* de 1862, págs. 179-183, num artigo intitulado “Eis como escrevem a história!” e subtítulo “Os milhões de Allan Kardec”, o mestre responde a um eclesiástico de grande cidade comercial (Lyon, provavelmente), o qual propalava existir uma fabulosa fortuna amealhada por Allan Kardec mediante o Espiritismo. Chegava o padre V... ao disparate de dizer que Kardec pisava, em sua casa, os mais belos tapetes de Aubusson, tinha carruagem puxada por quatro cavalos e gastava principescamente em Paris. Asseverava o padre que toda a fortuna de Kardec lhe vinha da Inglaterra e que ele vendia caro os manuscritos de suas obras, cobrando ainda, sobre elas, uma percentagem. E outras coisas mais, absurdas, verdadeiras sandices. Respondendo à história tão leviana dos “milhões”, registrou Kardec:

carruagem de quatro cavalos: “minhas viagens, faço-as por trem”;

vida principesca: “(...) minhas refeições são bem mais magras que a magra de certos dignitários da Igreja”;

venda de seus manuscritos: “isto entra no domínio privado, onde não reconheço a quem quer que seja o direito de se imiscuir (...) se tivesse vendido meus manuscritos nada mais faria que usar do direito que todo trabalhador tem de vender o produto do seu trabalho: mas, não vendi nenhum: há mesmo os que dei pura e simplesmente no interesse da causa, e que vendem como querem sem que me caiba um soldo”.

Revelou, ainda:

“A primeira edição de *O Livro dos Espíritos* foi feita por minha conta e risco total, pois não encontrei editor que dela quisesse encarregar-se”.

Na *Revista Espírita* de junho de 1863, encontra-se: um padre considerando que “nada mais é abjeto, mais degradante, mais vazias de fundo e de atrativo na forma do que essas publicações (espíritas)”, logo bradando o padre: “destruí-as, pois, com isso não perdereis nada. Com o dinheiro que se dispensa em Lyon por essas inépcias, ter-se-iam facilmente fundado alguns lugares a mais nos hospícios de alienados, atravancados depois da invasão do Espiritismo”.

Em magistral resposta, eis Kardec, enérgico, mas pacificador:

“Lede, e se isto vos convém, retornais a nós; fazemos mais, dizemos: lede o pró e o contra e comparai. Respondemos aos vossos ataques sem fel, sem animosidade, sem amargor, porque não temos cóleras”.

Texto de antigo oficial reformado, ex-representante do povo na Assembléia Constituinte de 1848, que publicou em Argel uma brochura de calúnias, injúrias, invenções e ofensas pessoais, dirigidas ao Espiritismo e ao mestre lionês.

Sobre a *Revista Espírita*, assacou: “existe uma revista mensal espírita, publicada pelo senhor Allan Kardec, coletânea indigesta que ultrapassa de longe as lendas maravilhosas da Antiguidade e da Idade Média...”

Procurava o difamador provar que a finalidade do Espiritismo era uma gigantesca especulação. Para tanto, alinhavou uma série de cálculos absurdos, de que resultaram, para Kardec, rendimentos fabulosos que “deixavam bem para trás os *milhões* com

que certo padre de Lyon (item anterior) generosamente o gratificara”. Arrematou o designado oficial expondo quantias absurdas coletadas por Kardec: “se a Europa se deixar infestar, não será mais por milhões que a renda (do proprietário da *Revue* e soberano pontífice) se avaliará, mas sim por bilhões”.

Sem se abalar, Kardec demonstra que do balanço anual da Sociedade de Paris, apenas haviam restado 429 francos e 40 centavos, e que de tudo ali jamais fora cobrado algo a quem quer que fosse; e que, em vez dos 3000 membros, o número não chegava a 100, dos quais apenas alguns eram pagantes (voluntários); que o que ali se arrecadava era gerido por uma comissão de despesas, sem jamais valor algum passar pelas mãos do presidente (ele, Kardec).

Na *Revista Espírita* de junho de 1864, há a notícia de que a *Sagrada Congregação do Index*, da corte de Roma, voltara suas vistas às obras de Kardec:

“Se uma coisa surpreendeu os espíritas, é que tal decisão não tenha sido tomada mais cedo, sendo que essa medida da Igreja, uma das que já esperava, só traria bons efeitos, e, segundo notícias por ele recebidas, a maioria das livrarias se apressaram em dar maior evidência às obras proibidas”.

Na *Revista Espírita* de 1869, lendo num jornal a frase “Na França o ridículo sempre mata”, Kardec faz várias considerações a respeito e arremata:

“Na França, ridículo sempre mata *o que é ridículo*. Isto explica por que o ridículo, derramado em profusão sobre o Espiritismo, não o matou”.

Há muito mais para relatar, porém o espaço e a própria valia não o aconselham.

E, também, apresentar outras críticas... para quê?

Contudo, se algum pesquisador quiser inteirar-se das incontáveis atribuições por que passou Allan Kardec, sendo ferozmente atacado por todo tipo de calúnia, há mais informações na obra da Federação Espírita Brasileira citada em nota de rodapé deste capítulo (mas essa obra mesma não se alonga em tais disparates).

Quem tiver o cuidado de percorrer a coleção da *Revista Espírita* se espantará, ante outros tantos absurdos e cruéis ataques desferidos contra Kardec – que a todos respondeu valente e doutrinariamente, argumentando com sabedoria e amor, sobretudo.

A certa altura da sua vida, disse ele, na *Revista Espírita* de 1865, pág. 163:

“ (...) jamais pedi nada a ninguém, ninguém jamais me deu algo, para mim, pessoalmente; nenhuma coleta de um *ceitil sequer* veio prover minhas necessidades; numa palavra, não vivo *às expensas de ninguém*, pois, quanto às quantias que voluntariamente me foram confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela foi desviada em meu proveito. (...) O Espiritismo foi a obra de minha vida. Dei-lhe todo o meu tempo, sacrifiquei-lhe meu repouso, minha saúde, porque diante de mim o futuro estava escrito em caracteres irrecusáveis. Eu o fiz de *motu proprio*, e minha mulher, que não é nem mais ambiciosa, nem mais interessada do que eu, aderiu plenamente aos meus intentos e me secundou na minha laboriosa tarefa”.

Amelie Gabrielle Boudet (1795-1883), esposa de Kardec, nos 40 anos em que esteve com Kardec, e nos 14 anos após a morte dele prosseguiu corajosamente sustentando o movimento espírita em todas as frentes de trabalho, particularmente na publicação da *Revue Spirite*.

Nós, os espíritas do mundo todo, muito devemos a ela!

Apenas como breve registro, anoto a barbaridade perpetrada contra a viúva de Allan Kardec, já bem idosa: teve de enfrentar a tempestade de um processo contra a *Revista Espírita*⁴, devido a Pierre-Gaëtan Leymarie (editor das obras de Kardec) ter divulgado o trabalho de um fotógrafo que, de início, agindo com seriedade, produzia fotografias mediúnicas, ou seja, ao fotografar uma pessoa, os parentes e amigos desencarnados do fotografado apareciam na foto. Posteriormente, atendendo a interesses pessoais, o profissional forjou fotografias, comprometendo-se: fez um acordo com o juiz, assinou uma confissão de fraude, escapando assim da prisão. Leymarie, contudo, foi condenado e cumpriu um ano na penitenciária de Paris. Intimada como testemunha, a idosa senhora foi impiedosamente inquirida pelo juiz, que aviltou a memória de Allan Kardec, provocando viva reação da viúva do codificador, que exigiu respeito à memória de seu esposo.

✕

Sendo o Espiritismo verdadeira bússola para a rota evolutiva da humanidade e farol a dissipar as brumas dos limites humanos, lembrando as lutas íntimas e as defesas intransigentes daquele que o codificou, meu coração, de par com a mente, está sempre murmurando:

– Kardec, Kardec: Deus lhe pague!

4. P. G. Leymarie, *Processo dos Espíritas* (Rio de Janeiro, FEB).

Sumário

INTRODUÇÃO	37
PRINCÍPIOS BÁSICOS	49
PARTE PRIMEIRA – AS CAUSAS PRIMÁRIAS	53
CAPÍTULO 1 – DEUS	55
Deus e o infinito (questões 1a 3)	55
Provas da existência de Deus (questões 4 a 9)	56
Atributos da divindade (questões 10 a 13)	56
Panteísmo (questões 14 a 16)	60
CAPÍTULO 2 – DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO	61
Conhecimento do princípio das coisas (questões 17 a 20)	61
Espírito e matéria (questões 21 a 28)	62
Propriedades da matéria (questões 29 a 34a)	64
Espaço universal (questões 35 e 36).....	65
O Espiritismo e a ciência.....	67
CAPÍTULO 3 – CRIAÇÃO	71
Formação dos mundos (questões 37 a 42).....	71
Formação dos seres vivos (questões 43 a 49).....	72
Povoamento da Terra. Adão (questões 50 e 51)	74

Diversidade das raças humanas (questões 52 a 54).....	74
Pluralidade dos mundos (questões 55 a 58)	75
Considerações e concordâncias bíblicas no tocante à criação (questão 59)	76
CAPÍTULO 4 – PRINCÍPIO VITAL.....	77
Seres orgânicos e inorgânicos (questões 60 a 67a).....	77
A vida e a morte (questões 68 a 70)	78
Inteligência e instinto (questões 71 a 75)	79
PARTE SEGUNDA – MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS.....	83
CAPÍTULO 1 – DOS ESPÍRITOS.....	85
Origem e natureza dos Espíritos (questões 76 a 83).....	85
Mundo normal primitivo (questões 84 a 87)	86
Forma e ubiqüidade dos Espíritos (questões 88 a 92a)	86
Perispírito (questões 93 a 95)	86
Diferentes ordens de Espíritos (questões 96 a 99).....	87
Escala espírita (questões 100 a 113).....	87
Progressão dos Espíritos (questões 114 a 127).....	89
Anjos e demônios (questões 128 a 131).....	90
CAPÍTULO 2 – ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS.....	91
Objetivo da encarnação (questões 132 a 133a)	91
A alma (questões 134 a 146)	91
Materialismo (questões 147 e 148).....	94
CAPÍTULO 3 – RETORNO DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPIRITUAL.....	95

A alma após a morte (questões 149 a 153a)	95
Separação da alma e do corpo	
(questões 154 a 162).....	97
Perturbação espiritual (questões 163 a 165).....	98

**CAPÍTULO 4 – PLURALIDADE DAS
EXISTÊNCIAS..... 99**

Generalidades	99
A reencarnação (questões 166 a 170)	100
Justiça da reencarnação (questão 171)	101
Encarnação nos diferentes mundos	
(questões 172 a 188)	101
Transmigração progressiva (questões 189 a 196).....	103
Destinação das crianças após a morte	
(questões 197 a 199a).....	103
Sexo nos Espíritos (questões 200 a 202)	104
Parentesco, filiação (questões 203 a 206).....	104
Semelhanças físicas e morais (questões 207 a 217)	105
Idéias inatas (questões 218 a 221a)	105

**CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A
PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS 107**

CAPÍTULO 6 – VIDA ESPÍRITA.....113

Espíritos errantes (questões 223 a 233)	114
Mundos transitórios (questões 234 a 236e).....	114
Percepções, sensações e sofrimentos dos	
Espíritos (questões 237 a 256)	115
Ensaio teórico da sensação nos Espíritos	
(questão 257).....	115
Escolha das provas (questões 258 a 273)	117
Relações após a morte (questões 274 a 290).....	119

Relações de simpatia e antipatia entre os Espíritos. Metades eternas (questões 291 a 303a).....	119
Lembrança da existência corporal (questões 304 a 319)....	119
Comemoração dos mortos. Funerais (questões 320 a 329)	120
CAPÍTULO 7 – RETORNO À VIDA CORPORAL.....	123
Prelúdio do retorno (questões 330 a 343).....	123
União da alma e do corpo. Aborto (questões 344 a 360)	124
Faculdades morais e intelectuais do homem (questões 361 a 366)	125
Influência do organismo (questões 367 a 370).....	125
Os deficientes mentais e a loucura (questões 371 a 378)	126
Infância (questões 379 a 385).....	126
Simpatia e antipatia terrenas (questões 386 a 391)	127
Esquecimento do passado (questões 392 a 399).....	127
CAPÍTULO 8 – DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA.....	129
O sono e os sonhos (questões 400 a 412).....	129
Visitas espíritas entre pessoas vivas (questões 413 a 418)	130
Transmissão oculta do pensamento (questões 419 a 421)	130
Letargia, catalepsia, mortes aparentes (questões 422 a 424)	131
Sonambulismo (questões 425 a 438).....	131
Êxtase (questões 439 a 446)	133
Dupla vista (questões 447 a 454a).....	134
Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista (questão 455).....	135

CAPÍTULO 9 – INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL.....	137
Como os Espíritos podem penetrar nossos pensamentos (questões 456 a 458).....	138
Influência oculta dos Espíritos sobre nossos pensamentos e nossas ações (questões 459 a 472)	138
Possessos (questões 473 a 480).....	138
Convulsivos (questões 481a 483).....	139
Afeição dos Espíritos por certas pessoas (questões 484 a 488a).....	139
Anjos de guarda; Espíritos protetores, familiares ou simpáticos (questões 489 a 521)	140
Presentimentos (questões 522 a 524).....	141
Influência dos Espíritos sobre os acontecimentos da vida (questões 525 a 535).....	141
Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza (questões 536 a 540).....	142
Os Espíritos durante os combates (questões 541 a 548)	143
Pactos (questões 549 a 550)	143
Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros (questões 551 a 556)	143
Bênção e maldição (questão 557).....	144
CAPÍTULO 10 – OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS	145
CAPÍTULO 11 – OS TRÊS REINOS	149
Os minerais e as plantas (questões 585 a 591)	150
Os animais e o homem (questões 592 a 610)	153
Metempsicose (questões 611 a 613).....	155

PARTE TERCEIRA – LEIS MORAIS.....	157
CAPÍTULO 1 – LEI DIVINA OU NATURAL.....	159
Preâmbulo – Sobre as leis (humanas).....	159
Características da lei natural (questões 614 a 618).....	162
Origem e conhecimento da lei natural (questões 619 a 628)	162
O bem e o mal (questões 629 a 646)	163
Divisão da lei natural (questões 647 a 648).....	164
CAPÍTULO 2 – LEI DE ADORAÇÃO	167
Objetivo da adoração (questões 649 a 652).....	167
Adoração exterior (questões 653 a 656).....	167
Vida contemplativa (questão 657).....	167
Prece (questões 658 a 666).....	168
Politeísmo (questões 667 e 668).....	169
Sacrifícios (questões 669 a 673).....	169
CAPÍTULO 3 – LEI DO TRABALHO	171
Necessidade do trabalho (questões 674 a 681).....	171
Limite do trabalho. Repouso (questões 682 a 685a)	173
CAPÍTULO 4 – LEI DE REPRODUÇÃO.....	175
População do globo (questões 686 e 687).....	175
Sucessão e aperfeiçoamento das raças (questões 688 a 692)	177
Obstáculos à reprodução (questões 693 e 694)	178
Casamento e celibato (questões 695 a 699).....	178
Poligamia (questões 700 e 701).....	178
CAPÍTULO 5 – LEI DE CONSERVAÇÃO.....	181

Instinto de conservação (questões 702 e 703)	181
Meios de conservação (questões 704 a 710)	181
Prazeres dos bens da Terra (questões 711 a 714a).....	183
Necessário e supérfluo (questões 715 a 717)	183
Privações voluntárias. Mortificações (questões 718 e 727)	184
CAPÍTULO 6 – LEI DE DESTRUICÃO	189
Destruição necessária e destruição abusiva (questões 728 a 736)	189
Flagelos destruidores (questões 737 a 741).....	191
Guerras (questões 742 a 745)	192
Assassinato (questões 746 a 751)	192
Crueldade (questões 752 a 756)	193
Duelo (questões 757 a 759a)	193
Pena de morte (questões 760 a 765).....	194
CAPÍTULO 7 – LEI DE SOCIEDADE.....	195
Necessidade da vida social (questões 766 a 768).....	195
Vida de isolamento. Voto de silêncio (questões 769 a 772)	195
Laços de família (questões 773 a 775)	197
CAPÍTULO 8 – LEI DO PROGRESSO.....	199
Estado natural (questões 776 a 778).....	199
Marcha do progresso (questões 779 a 785).....	200
Povos degenerados (questões 786 a 789).....	201
Civilização (questões 790 a 793).....	202
Progresso da legislação humana (questões 794 a 797)	203
Influência do Espiritismo sobre o progresso (questões 798 a 802)	203

CAPÍTULO 9 – LEI DE IGUALDADE	207
Igualdade natural (questão 803)	207
Desigualdade das aptidões (questões 804 e 805)	207
Desigualdades sociais (questões 806 e 807).....	208
Desigualdade das riquezas (questões 808 a 813)	208
Provas de riqueza e de miséria (questões 814 a 816)	210
Igualdade dos direitos do homem e da mulher (questões 817 a 822a).....	211
Igualdade diante do túmulo (questões 823 e 824).....	211
CAPÍTULO 10 – LEI DE LIBERDADE.....	213
Liberdade natural (questões 825 a 828a).....	213
Escravidão (questões 829 a 832)	213
Liberdade de pensar (questões 833 e 834)	214
Liberdade de consciência (questões 835 a 842)	215
Livre-arbítrio (questões 843 a 850)	215
Fatalidade (questões 851 a 867)	218
Conhecimento do futuro (questões 868 a 871).....	220
Resumo teórico da motivação das ações do homem (questão 872).....	221
CAPÍTULO 11 – LEI DE JUSTIÇA, AMOR E CARIDADE	223
Justiça e direitos naturais (questões 873 a 879).....	223
Direito de propriedade. Roubo (questões 880 a 885)....	224
Caridade e amor ao próximo (questões 886 a 889).....	224
Amor maternal e filial (questões 890 a 892)	227
CAPÍTULO 12 – PERFEIÇÃO MORAL	229
As virtudes e os vícios (questões 893 a 906).....	229
Paixões (questões 907 a 912)	232
Egoísmo (questões 913 a 917).....	233

Características do homem de bem (questão 918).....	234
Conhecimento de si mesmo (questão 919).....	235

PARTE QUARTA – ESPERANÇAS E CONSOLAÇÕES.... 237

CAPÍTULO 1 – PENALIDADES E PRAZERES

TERRENOS.....	239
Felicidade e infelicidade relativas (questões 920 a 933)	239
Perda de pessoas amadas (questões 934 a 936).....	241
Decepção. Ingratidão. Afeições destruídas (questões 937 a 938a).....	242
Uniões antipáticas (questões 939 e 940)	242
Medo da morte (questões 941 e 942)	243
Desgosto da vida. Suicídio (questões 943 a 957).....	244

CAPÍTULO 2 – O NADA. VIDA FUTURA..... 253

O nada. Vida futura (questões 958 e 959)	253
Intuição das penalidades e prazeres futuros (questões 960 a 962)	255
Intervenção de Deus nas penalidades e recompensas (questões 963 e 964).....	255
Natureza das penalidades e prazeres futuros (questões 965 a 982)	256
Penalidades temporais (questões 983 a 989).....	259
Expição e arrependimento (questões 990 a 1002).....	260
Duração das penalidades futuras (questões 1003 a 1009)	262
Ressurreição da carne (questões 1010 e 1011).....	263
Paraíso, inferno e purgatório (questões 1012 a 1019)	264

CONCLUSÃO.....	267
-----------------------	------------

Introdução

Ao estudo da Doutrina Espírita

ALGUNS PONTOS EXTRAÍDOS dos longos comentários que Kardec alocou no início desta obra:

1 – PALAVRAS NOVAS

“Para designar coisas novas são necessárias palavras novas (...) As palavras *espírita*, *espírita*, *espírita* têm um significado bem definido (...) e qualquer um que acredite ter em si algo além da matéria é espírita, embora isso não queira dizer que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo material. Em vez das palavras *espírita*, *espírita*, utilizamos, para designar a crença nos Espíritos, as palavras *espírita* e *Espiritismo*, que lembram a origem e têm em si a raiz e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, reservando à palavra *espírita* sua significação própria. Diremos que a *Doutrina Espírita* ou o *Espiritismo* tem por princípio a relação do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo espiritual. Os adeptos do Espiritismo serão os *espíritos*, ou, se quiserem, os *espíritistas* (...)”.

2 – A ALMA

A palavra *alma* encerra várias definições: princípio da vida material orgânica, sem vida própria e se aniquila na morte; princípio da inteligência, agente universal, fração da alma universal; ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. São três definições distintas para uma única realidade.

Kardec optou pela seguinte definição: “*o ser imaterial e individual que existe em nós e que sobrevive ao corpo*”. Considerando que todos os seres têm em si uma força que os mantém vivos, independente do grau de inteligência de cada um deles, Kardec denominou essa força de *fluido vital* (princípio da vida material e orgânica).

3 – A HISTÓRIA

Neste item, Kardec expõe longamente a postura da incredulidade humana ante a evidência das manifestações do mundo material. Inicia falando das “mesas girantes” e lista inúmeras comprovações do que o fenômeno delas representava segundo observações sérias de pessoas dotas. Lamenta que os incrédulos declarem, sem cuidado algum, tratar-se de fraudes...

4 – O MÉTODO

Ainda sobre o fenômeno que a título de gracejo alguém teria denominado de “dança das mesas”, Kardec enumera experiências com essas mesas, demonstrando nitidamente que por trás dos movimentos havia uma inteligência. Mas vinda de onde, de quem, como? Perguntando às mesas, elas próprias informaram que quem se manifestava era o “Espírito” ou “gênio”. A ninguém,

antes, ocorrera que as respostas precisas e inteligentes podiam advir de “mortos”, ou melhor, “de Espíritos”...

Como as respostas davam-se por pancadas e a cada letra do alfabeto correspondia um determinado número de pancadas, “a própria mesa” sugeriu um meio mais rápido: amarrar um lápis a uma cesta ou outro objeto que, colocado sobre uma folha de papel, pôs-se a movimentar-se e a escrever mensagens, independente da ação física de ninguém! Surge aqui a força de pessoas dotadas de condições especiais a auxiliar o movimento do lápis: os médiuns.

5 – O SURGIMENTO DA PSICOGRAFIA

Não tardou e o sistema de mensagens, longas e precisas, com uso da cesta com lápis foi abandonado, sendo substituído pelo lápis à mão do próprio médium. As mensagens passaram a ser muito mais rápidas e quase que sob impulso involuntário de quem as grafava (método esse que se mantém até hoje).

Além da escrita, outras formas de comunicação dos Espíritos passaram a mostrar as faculdades mediadoras: pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato etc., além da *escrita direta*, esta sem o concurso nem de médium, de lápis ou de tinta!

A mudança da caligrafia e do idioma nessas mensagens e seu conteúdo, superior ao conhecimento intelectual de quem as registra, vem de ser comprovante irretorquível da sua origem: de Espíritos.

6 – RESUMO DOS PRINCIPAIS PONTOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

Este item é uma síntese de todas as informações que os Espíritos repassaram a Kardec, que as comentou. Em resumo:

Deus: é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom; Criador do universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais. Os seres imateriais são os Espíritos; Mundo visível: constituído dos seres materiais, é mundo secundário;

Mundo invisível: é o mundo normal, primitivo, eterno; Alma: é o Espírito revestido de invólucro material, perecível;

No homem encarnado há três coisas: o corpo físico, a alma e o invólucro intermediário – o perispírito –, que une os dois primeiros;

Na morte do corpo físico, o Espírito conserva o perispírito, o qual às vezes pode se tornar tangível ou visível, no caso das aparições;

Os Espíritos pertencem a várias classes de elevação moral e qualquer que seja a sua classe progridem sempre, por intermédio da reencarnação, num ou noutro mundo, fato esse que se repete por incontáveis vezes; Retornando ao mundo espiritual, o Espírito reencontra os que conheceu na Terra e que o precederam. E, neste ponto, Kardec complementa textualmente: “(...) todas as suas existências anteriores desfilam na sua memória com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que fez”.

De minha parte pondero, com o máximo respeito, que há aqui força de expressão, pois em diversas obras psicografadas por médiuns sinceros há a informação de que no geral os Espíritos não reúnem condições para conhecer todo o seu passado, pois na maioria dos casos isso poderia levá-los a total desequilíbrio ou até à loucura. No livro *Nosso Lar*, por exemplo, no cap. 21, sobre o casal Laura-Ricardo, há a descrição de como ambos só puderam

obter reminiscências até o limite de 300 anos, sendo advertidos de que poucos são os que podem tudo recordar... E, para lerem suas memórias, gastaram dois anos.

Os Espíritos encarnados habitam em todos os mundos do universo.

Novamente assinalo, sempre com grande respeito, que ante as descobertas da ciência, esta afirmação é outra força de expressão, que pode significar: há habitantes em todos os mundos do universo, sendo defeso ao conhecimento humano compreender, por enquanto, em que condições.

Constantemente, os Espíritos exercem influência sobre os encarnados; com ou sem evocação, aproximam-se na razão direta do patamar moral e da respectiva sintonia, no bem ou no mal.

Não há faltas irremediáveis que a expiação não possa apagar.

7 – A DOCTRINA ESPÍRITA E A CIÊNCIA

Kardec faz aqui “profissão de fé” sobre a capacidade dos cientistas, aos quais dedicava elevado respeito. Não obstante, proclama também que as opiniões deles não podem ser intocáveis, visto que a ciência, ao longo da história, vem de alterar verdades consagradas, em face das descobertas do progresso.

No terreno das concepções comprovadas, a palavra dos sábios é soberana, mas quando se tratar do desconhecido aí eles já não mais deterão igual autoridade.

Dessa forma, se um sábio opina sobre o Espiritismo, ele se compara a um arquiteto opinando sobre música. Na verdade, se o laboratório obtém provas *in vitro*, já ninguém poderá obter prova de algo *in spiritus*, pois os fenômenos espirituais subordinam-se à vontade dos Espíritos, que têm vontade própria, e estes, não estão à disposição dos caprichos dos encarnados, sejam cientistas ou não.

O Espiritismo, pois, não é da alçada da ciência, que é incompetente para se pronunciar, com autonomia, sobre suas questões.

Tanto quanto o pára-raios e o vapor, que foram ridicularizados pelos doutos da época em que foram anunciados, as premissas da Doutrina Espírita não podem igualmente ser ajuizadas por homens, por mais sábios que sejam.

8 – A SERIEDADE DA DOUTRINA

Tratando o Espiritismo de coisas novas, natural que se levantassem objeções aos seus proclamas. De fato, não se pode aceitá-las *a priori*, mas seria também inaptidão decretar sua falsidade sem experimentações sérias. É só isso que Kardec “pede” aos incrédulos: que se dispam de preconceitos e façam um estudo sério, para só então ajuizar. Numa reunião de homens sérios, Espíritos sérios virão e, numa reunião com participantes fúteis, dela se afastarão. No primeiro caso, magníficas respostas dos Espíritos obterão os que ali estiverem com a alma voltada para o aprofundamento sincero da busca da verdade.

9 – A DOUTRINA E OS SEUS CONTESTADORES

Quem se dispuser a pesquisar a atividade mediúnica, em particular a psicografia, com método e perseverança, logo verificará ser *impossível* atribuir a um médium sem cultura as páginas maravilhosas que rapidamente grafa, muitas delas até mesmo em outros idiomas, ou contendo respostas fidedignas a perguntas intencionalmente formuladas sobre matéria absolutamente inexistente nos conhecimentos dele, médium.

A observação séria afastará a fraude, bem como a estatura moral dos médiuns há de ser aval fiel de que o que escrevem tem origem fora da sua mente.

10 – OBJEÇÕES

Quem freqüente apenas uma ou poucas reuniões mediúnicas, em que se apresentam Espíritos mentirosos e de más tendências, não pode formar juízo de que em todas as demais é isso que ocorre. A assiduidade às reuniões, de médiuns e assistentes sérios também, logo comprovará que os Espíritos infelizes que eventualmente a elas comparecem têm permissão de Deus. Certamente, ali receberão esclarecimentos, fraternidade, evangelização. Não há impedimento algum que bons Espíritos também se façam presentes, simultaneamente, aconselhando-nos.

11 – QUE ESPÍRITOS?

Espíritos de homens renomados comparecem às reuniões, mas nem sempre. Nada objeta sua presença depois de evocada, e naquelas que tratem de questões miúdas. Terem sido famosos não significa que denotem supremacia, podendo até acontecer de reis se apresentarem em condições de manifesta humildade. Aliás, serem chamados não os obriga a aceitar o convite. Mas, o que mais se nota, é a visita de Espíritos desconhecidos.

12 – A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

Tanto quanto entre encarnados, há na espiritualidade usurpadores de nomes famosos, que se fazem passar por eles visando a proveitos indevidos.

Quanto aos Espíritos, identificá-los com segurança torna-se mais difícil, mas não impossível: em se tratando de parentes, detalhes íntimos familiares serão aval suficiente, principalmente quando conhecidos apenas dos pais ou de um filho. Esse tipo de comprovação costuma provocar grandes comoções.

Cito, de memória, o caso de Cesare Lombroso (1835-1909), famoso criminologista italiano, professor de psiquiatria da Universidade de Turim. Sempre que podia, ridicularizava o Espiritismo e as manifestações mediúnicas. Em 1891, por insistência de um amigo, com relutância e após impor uma série de condições, foi assistir a uma reunião mediúnica com a médium Eusápia Paladino. Assistiu a outras e convenceu-se plenamente da veracidade do que testemunhava, isto é, a comunicabilidade dos Espíritos dos que haviam morrido com os que ainda estavam “vivos”. Numa dessas reuniões foi fortemente surpreendido com a materialização de sua falecida mãe, o que o levou a retratar-se publicamente e atestar a veracidade do que presenciara.

Agora, quando o Espírito é desconhecido, não se lhe pode exigir certidão de identidade. Contudo, há casos que ajudam a atestar a identidade do Espírito comunicante, como, por exemplo: na psicografia, pelo reconhecimento da caligrafia; nas idéias, o Espírito discute com propriedade as que tenha deixado; informações ignoradas, o Espírito relata-as e são posteriormente comprovadas; teor moral, Espíritos elevados passam sempre comunicações elevadas; se um outro Espírito sem essa elevação (moral) tentar se passar por sábio não o conseguirá desde que o médium psicógrafo esteja atento e seja estudioso, pois, auxiliado por seu anjo guardião, filtrará essa mensagem não autêntica e certamente nem a registrará..

Uma das dificuldades do Espiritismo reside justamente na possibilidade de vários equívocos serem tidos à conta de verdades, quase que amiúde com grupos de médiuns que não permanecem observadores atentos e tudo aceitam.

13 – CONTRADIÇÕES ENTRE OS ESPÍRITOS

Quando uma mesma questão é posta diferentemente por dois Espíritos, cabe aos médiuns estudiosos, de atenção demorada

e de observação paciente, contínua e perseverante, optar por uma das proposições como a correta.

O estudo do Espiritismo é imenso e engloba todas as questões da metafísica e as de ordem social. O cuidado que a verdade exige é que seja observado o conteúdo e não o continente. Palavras, muitas podem ser ditas sobre um mesmo fato, levando ao final à mesma conclusão. Como exemplo, Kardec cita as palavras *alma* e *Deus*, as quais, da primeira à última análise, sempre serão alma e Deus.

O mesmo se dá com a classificação moral dos Espíritos: é arbitrária, e nenhum deles deixará de estar onde o mérito o conduziu, qualquer que seja o grau que se queira utilizar.

O que acontece é o caso de se estudar botânica, por exemplo, por vários métodos: cada qual terá particularidades inexistentes em outro método, mas no resultado o principal terá sido aprendido.

14 – MANEIRAS E MÉTODOS/ERROS DE ORTOGRAFIA

Para os Espíritos, a idéia é tudo o que interessa: a eles, pouco importa *como* é expressa.

A linguagem que costumeiramente utilizam é a do pensamento.

É assim que apontar falsidade numa psicografia por conter erros gramaticais ou ortográficos perde por completo a razão de ser, primeiro porque até mesmo Espíritos elevados não têm necessariamente obrigação de excelência gramatical e vernacular e, segundo, porque geralmente a deficiência poderá ser do médium que, ao realizar a construção fraseológica, o faz em desacordo com a estrutura gramatical ou até mesmo filtrando equivocadamente a mensagem do autor espiritual.

15 – A LOUCURA E O ESPIRITISMO

“A loucura tem como causa principal uma predisposição orgânica do cérebro (...)” É assim que existem pessoas que perderam o raciocínio de tanto estudar essa ou aquela matéria, ciência, religião ou outra atividade humana. O estudo do Espiritismo não produz loucos; ao contrário, impede que os haja, desde que bem compreendido pelos que se debruçam a estudá-lo com afinco.

Entendendo a causa das atuais aflições e tendo crença inabalável na justiça divina, pode-se dizer que qualquer que seja sua expiação, quitando-a com resignação, estará preservado da loucura.

O desequilíbrio mental acontece, no mais das vezes, diante de decepções, infortúnios, afeições contrariadas, condições que não raro desembocam no suicídio. O espírita compreende, com sinceridade, que as amarguras da vida são resultante de ações que ele próprio praticou em vidas pregressas e não se revolta.

Causa de loucura, no passado, deveu-se ao temor exagerado do inferno e do diabo, prodigamente difundido por algumas religiões, que se impunham pelo terror.

16 – TEORIAS ENGANADORAS

Duas teorias sobre as manifestações atribuídas aos Espíritos:

Por efeito magnético, os médiuns se achariam em estado de sonambulismo desperto, quando então suas faculdades se exacerbariam;

O médium é a única fonte produtora das manifestações, só que não as extrai de si mesmo, mas do meio ambiente, qual um espelho a refletir as idéias dos que o cercam.

No primeiro caso, de fato pode ser que a manifestação seja sonambúlica, mas duas hipóteses indicam que nem sempre: como poderiam os médiuns formular a teoria da Doutrina Espírita e não assumir a autoria? Com que proveito declaram ter vindo de Espíritos? Como imaginar que tantos deles tivessem a precisão, a lógica e a sublimidade com que são esclarecidos os fenômenos do mundo material e principalmente do mundo dos Espíritos?

No segundo, as manifestações de médiuns, estranhas ao ambiente em que ocorrem, quando submetidas a comparações com outras acontecidas em outros países ou continentes, mostram singular semelhança. Isso vem a demonstrar a universalidade dos conceitos expostos, oriundos de uma única fonte: os Espíritos.

Comunicações dos primeiros tempos do Espiritismo, sem escrita ou palavras, aconteceram por pancadas adequadas a cada letra do alfabeto, formando frases inteiras. Como imaginar que uma pessoa o pudesse fazer?...

Ademais, os Espíritos sérios abstêm-se de responder a perguntas frívolas, e essa “não-resposta” não implica que não saibam a resposta: ao contrário, demonstram que a mediunidade não é fórum de frivolidades.

Em qualquer caso, os Espíritos comunicantes vêm e vão quando o decidem.

A nenhum chamamento, pedido ou súplica atendem para voltar.

Se fosse o médium o autor da manifestação, isso ocorreria?...

17 – A DOCTRINA E AS OBRAS DE DEUS

O desconhecimento do Espiritismo, por falta de aprofundamento na análise e no estudo de suas premissas, é o responsável pela existência dos seus contraditores.

O Espiritismo só poderá ser entendido se o pesquisador desarmado de preconceitos buscar a compreensão de duas vertentes-pilares: a filosofia dos seus postulados⁵ e a observação direta das manifestações inteligentes (mediúnicas, na maioria).

“A verdadeira Doutrina Espírita está no ensinamento dado pelos Espíritos”, registra Kardec, acrescentando: “e os conhecimentos que esse ensinamento comporta são muito sérios para serem adquiridos de qualquer outro modo que não seja por um estudo atencioso e contínuo, feito no silêncio e no recolhimento (...)”.

A seguir, Kardec declara não possuir nenhum mérito pessoal e que todos os princípios do Espiritismo são de autoria integral dos Espíritos que os ditaram.

Conclui a longa introdução lembrando as lacunas que os astrônomos observam no espaço sideral, deduzindo pela existência nelas de algum corpo celeste, fato que mais tarde vem a ser comprovado; da mesma forma, aqueles que observarem as lacunas existentes entre o mundo material e o mundo espiritual acabará por deduzir pela existência dos Espíritos, e mais que isso: pelo que repassam, de acordo com seu grau evolutivo, o vácuo será preenchido e então tudo se liga, do alfa ao ômega do universo, isto é, do homem a Deus.

5. Postulado: proposição não evidente nem demonstrável, que se admite como princípio de um sistema dedutivo, de uma operação lógica ou de um sistema de normas práticas (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira).

Princípios Básicos⁶

FENÔMENOS AINDA NÃO compreendidos pelos homens acontecem em toda parte e em todos os tempos: a comunicação mediúnica, por exemplo, apesar de ausente dos compêndios científicos, é produzida regularmente. Ela ocorre seja sem método (mediunismo) seja com critério e responsabilidade (reuniões mediúnicas nos centros espíritas, com médiuns sinceros e educados evangelicamente).

O Espiritismo foi revelado por meio da força dessa fenomenologia por vontade de Deus e por meio dos Espíritos que a cumprem, tudo visando à regeneração da humanidade.

Por ordem deles – Espíritos ministros divinos – *O Livro dos Espíritos* foi escrito. A filosofia racional que procede deles. Contudo, a forma como foi codificada, isto é, a ordem pela qual as matérias foram registradas, e apenas isso, é de autoria de Kardec (ele o disse...). O que, reconhecidamente pelos espíritas, foi tarefa para um gênio missionário, que bem a cumpriu!

Foram esses luminares da espiritualidade (muitos que a história registra como homens que viveram em épocas diversas na Terra) e outros tantos, desconhecidos, mas igualmente elevados,

6. Em muitas traduções do original, ao invés de “Princípios Básicos”, é adotada a palavra “Prolegômenos”, que tanto pode significar “exposição preliminar dos princípios gerais de uma ciência ou arte”, quanto “longa introdução apresentando as noções necessárias à compreensão da obra; prefácio extenso”. Por isso, esta Editora contempla o atual título. (Nota do Editor)

que estiveram o tempo todo com Kardec, desde a elaboração de *O Livro dos Espíritos*, o primeiro, e dos outros quatro que, juntos, compõem a chamada “codificação do Espiritismo”.

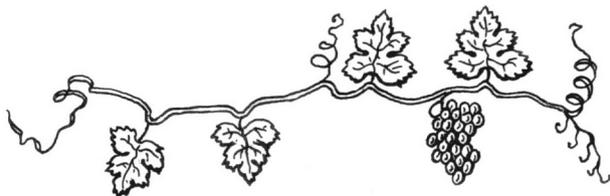
Dentre as várias recomendações que os Espíritos ditaram para Kardec, assinalo:

“Ocupa-te com zelo e perseverança do trabalho que empreendeste com a nossa cooperação, porque esse trabalho é nosso”.

“Estaremos contigo todas as vezes que o pedires e para te ajudar em todos os outros trabalhos, porque isso é somente uma parte da missão que te foi confiada”.

“Entre os ensinamentos que te são dados, há alguns que deves guardar somente para ti, até nova ordem. Nós vamos te indicar quando o momento de publicá-los tiver chegado”.

“Coloca no início do livro a cepa de vinha que te desenhámos [veja figura abaixo], como emblema do trabalho do Criador; todos os princípios materiais que podem melhor representar o corpo e o Espírito estão nela reunidos: o corpo é a cepa; o Espírito é o licor; a alma ou Espírito unido à matéria é o bago da uva. O homem purifica o Espírito pelo trabalho e tu sabes que é somente pelo trabalho do corpo que o Espírito adquire conhecimento”.



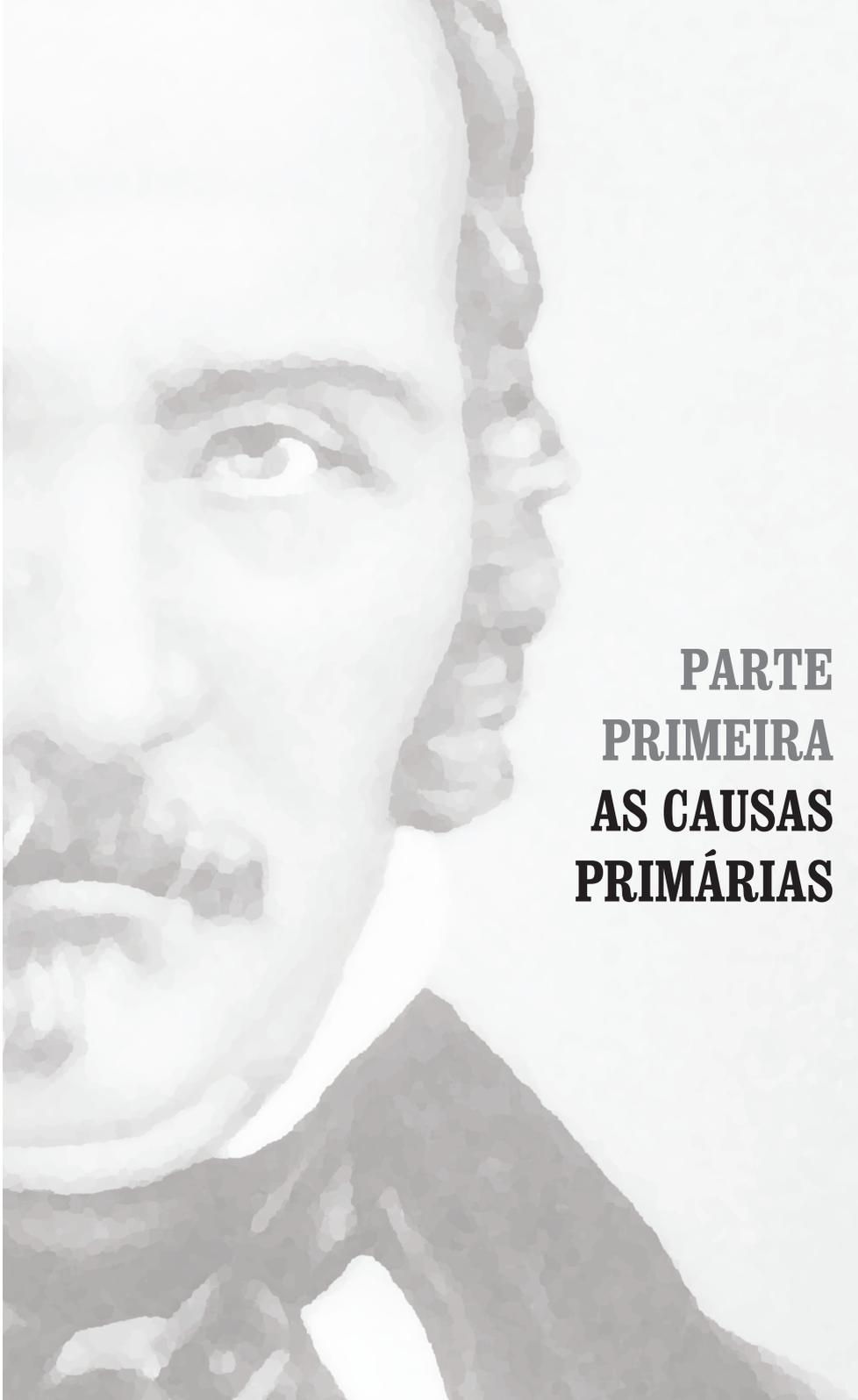
“Não te deixes desencorajar pela crítica. Encontrarás opo-
sitores ferozes, especialmente entre as pessoas interessadas
nos abusos. Irás encontrá-los, também, mesmo entre os
Espíritos, porque aqueles que não são completamente des-
materializados freqüentemente procuram semear a dúvida
pela malícia ou ignorância; mas continua sempre, acredita
em Deus e marcha com confiança: aqui estaremos para te
sustentar e está próximo o tempo em que a Verdade brilhará
por toda parte”.

“A vaidade de alguns homens que acreditam saber tudo e
querem explicar tudo à sua maneira fará surgir opiniões
divergentes, mas todos os que tiverem em vista o grande
princípio de Jesus vão se irmanar num mesmo sentimento
de amor ao bem e se unir por um laço fraternal que abran-
gerá o mundo inteiro”.

“É com a perseverança que chegarás a recolher o fruto de
teus trabalhos”.

“Lembra-te que os bons Espíritos somente assistem aos que
servem a Deus com humildade e desinteresse e repudiam
todo aquele que procura no caminho do céu um degrau para
conquistar as coisas da Terra”.

Assinaram essas recomendações São João Evangelista,
Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, O Espírito da
Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg.



**PARTE
PRIMEIRA
AS CAUSAS
PRIMÁRIAS**

DEUS E O INFINITO (QUESTÕES 1 A 3)

“1. O QUE É DEUS?”

Assim perguntando aos Espíritos iluminados, Kardec iniciou o assentamento da pedra literária angular do Espiritismo – *O Livro dos Espíritos*.

Não registrou “quem”, mas sim “que”⁷...

Por si só este detalhe subliminar já traz à reflexão o cuidado com o qual a tarefa seria executada! Sim, porque o “quem” individualiza o sujeito da oração, ao passo que o “que” abre um leque infinito de tentativas de possibilidades de responder à questão.

Responderam-lhe os benfeitores espirituais:

“– Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”.

7. “Quem” pode ser pronome interrogativo ou relativo e o “que” pode ser: pronome interrogativo, pronome relativo, advérbio, conjunção subordinativa, conjunção coordenativa, partícula expletiva, substantivo masculino e, finalmente, interjeição.

Segundo nota da Federação Espírita Brasileira (FEB)⁸, há traduções, além da sua, grafando “causa primeira”. A questão, esclarece, “é de semântica”.

Kardec ainda perguntou se é próprio dizer que Deus é infinito?

Responderam-lhe os luminares da espiritualidade que a pobreza da linguagem humana não tem condições de linguagem para dizer o que é Deus. E mais: infinito é o que não tem começo nem fim, tudo o que é desconhecido.

PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS (QUESTÕES 4 A 9)

A prova irrefutável da existência de Deus pode ser sentida pela Sua obra: o universo, a criação, a natureza, os seres vivos. Se tudo isso não foi feito pelo homem, por quem teria sido?... Aliás, há um sentimento intuitivo do homem – desde o primeiro homem – da existência de Deus. Ademais, na observação de como tudo no universo obedece a princípios inteligentes, não se poderá atribuir ao acaso a sua existência. E como todo efeito tem uma causa, a causa elaboradora das incontáveis maravilhas universais só pode mesmo ser atribuída ao Criador – Deus!

ATRIBUTOS DA DIVINDADE (QUESTÕES 10 A 13)

Comentar sobre Deus é ingressar num labirinto. Não obstante, só mesmo ouvindo mais reflexões daqueles amigos do plano maior, e modestamente de minha parte, falando mais pelo sentimento do que pela razão, eis o que posso inferir sobre Deus:

é eterno (sem começo ou fim);

8. Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos* (Rio de Janeiro, FEB, 2001), pág. 494.

é infinito (sem possibilidades de ser dimensionado);
é imutável (a estabilidade do universo o prova);
é imaterial (sua natureza difere de toda a matéria conhecida);
é único (se outros similares houvesse, a unidade de decisões e a unidade de poder estariam sujeitas a diferente ordenação universal);
é onipotente (tudo pode: seu poder é absoluto porque é único; caso não dispusesse de soberano poder, algo poderia haver tão ou mais poderoso);
é onipresente (presente em todos os lugares, simultaneamente);
é onisciente (tudo sabe, tudo conhece: presente, passado, futuro);
é soberanamente justo e bom (leis divinas, naturais, irretocáveis no micro e no macro, o atestam);
é perfeito (perfeição, aqui, no nível inigualável, o que, por si só caracteriza pureza inatingível).

As reflexões precedentes são algumas das possíveis, considerando-se o conhecimento humano e sua capacidade limitada de o expressar.

Todos os pensadores, de todos os tempos, algo disseram sobre Deus.

No Decálogo revelado a Moisés, já no primeiro mandamento é revelada a grandeza de Deus e, no segundo, há séria advertência para que Seu nome jamais fosse pronunciado em vão.

O Mestre Jesus: o maior de todos os pensadores, o Espírito mais puro que encarnou na Terra, referindo-se a Deus, disse:

“– Pai Nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome!” (Mateus, 6: 9)

Allan Kardec, considerando a concisão da “Oração Domini-
cal” elaborada pelo próprio Jesus, houve por bem acrescentar
comentários após cada frase (veja *O Evangelho Segundo o Espi-
ritismo*, cap. 28⁹).

Assim, à primeira frase do “Pai Nosso” (citado), adjuntou
as reflexões:

“Acreditamos em vós, Senhor, pois tudo revela vosso poder
e vossa bondade. A harmonia do Universo testemunha uma
sabedoria, uma prudência e uma providência que ultrapassam
toda a compreensão humana. O nome de um ser soberana-
mente grande e sábio está inscrito em todas as obras da
Criação, desde o ramo da erva e no mais pequeno inseto, até
os astros que se movem no espaço. Em todos os lugares vemos
a prova de um amor paternal. É por isso que cego é aquele que
não vos reconhece em vossas obras, orgulhoso aquele que não
vos glorifica, e ingrato aquele que não vos rende graças”.

“– Bom, só existe um.” (Mateus, 19: 17)

“– A Deus todas as coisas são possíveis.” (Mateus, 19: 26)

O Apóstolo João, conforme registrou-se, disse: “Deus é
amor!” (1 João, 4: 8)

Santo Agostinho teria dito que, no íntimo, sentia e sabia como
era Deus; contudo, se alguém pedisse para dizê-lo, aí já não saberia.

Leonardo Da Vinci, ao ser perguntado acerca do que pen-
sava sobre Deus, respondeu que só podia compará-Lo assim: “O
Sol é a sombra dEle”. Um sábio estava na praia e um discípulo

9. Allan Kardec, “Coletânea de preces espíritas” em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
(São Paulo, Petit Editora, 2004).

perguntou-lhe como era Deus, obtendo como resposta: “É mais fácil colocar toda a água do mar num dedal do que descrever como é Deus...”.

Sir Isaac Newton, toda vez que pronunciava o nome de Deus, antes, tirava o chapéu, em sinal de profundo respeito. Também dizem (e dizia eu), e talvez não passe de folclore, que estando um dia sob a “famosa macieira” (aquela da qual certa vez, ao ver se desprender uma maçã, argutamente enunciou a Lei da Gravidade), perguntou a um menino:

– Você sabe quem fez esta maçã?

– Foi Deus!!!

Newton, então, propôs:

– Se você me provar que Deus *existe* eu lhe dou a maçã de presente...

– E se o senhor me provar que Deus *não existe*, eu subo nessa macieira e apanho todas as maçãs para lhe dar...

O Espírito Emmanuel, que para mim é um dos mais consagrados filósofos da espiritualidade a serviço do Espiritismo, por intermédio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, registrou:

“O servidor que confia na Lei da Vida reconhece que todos os patrimônios e glórias do Universo pertencem a Deus”¹⁰.

Eurípedes Barsanulfo deixou-nos a prece denominada “Deus”, um poema de raríssima suavidade espiritual, do qual vou transcrever apenas dois parágrafos:

“O Universo é obra inteligentíssima; obra que transcende a mais genial inteligência humana; e como todo efeito inteligente

10. Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, *Fonte viva* (Rio de Janeiro, FEB, 2002), mensagem nº 26.

tem uma causa inteligente, é forçoso inferir que a do Universo é superior a toda inteligência; é a inteligência das inteligências; a Causa das causas; a Lei das leis; o Princípio dos princípios; a Razão das razões; a Consciência das consciências; é Deus! Nome mil vezes Santo que Newton jamais pronunciava sem se descobrir”.

“Deus! Reconheço-vos eu, Senhor! com Jesus, quando ora: ‘Pai nosso que estais nos céus’... ou com os anjos quando cantam: ‘Glória a Deus nas alturas’... Aleluia!”

PANTEÍSMO (QUESTÕES 14 A 16)

Doutrina ou crença segundo a qual tudo o que existe é identificado com Deus; e ainda uma forma de sensibilidade que vê Deus manifesto em toda a natureza: Deus seria a soma de tudo o que existe.

Como se vê, conceituação que, de forma embora vaga, algo se aproxima da resposta à primeira questão de *O Livro dos Espíritos*, anteriormente comentada.

Mas há um intransponível ponto de desencontro entre essa doutrina (o Panteísmo) e o Espiritismo: ao configurar Deus como um ser material e possuidor de suprema inteligência, estabelece um paralelo entre o todo (o macro: ele, Deus) e as partículas que o formam (o micro: o homem, por exemplo, uma delas).

Esse paralelismo não resiste à menor análise, quando se sabe que a matéria se acha em contínua transformação, e o homem em infinita evolução moral...

Ora, como se pode imaginar um Deus alterável (quanto à matéria) e em permanente escala evolutiva (no Espírito)?

Francamente, não dá...

Capítulo 2

Dos elementos gerais do universo

CONHECIMENTO DO PRINCÍPIO DAS COISAS (QUESTÕES 17 A 20)

ÀS TRÊS PRIMEIRAS questões deste capítulo, prosseguem os Espíritos sem condições de responder (tratam, em síntese, da revelação do “princípio das coisas”, cujo mistério o homem ainda não tem faculdades para compreender, mesmo porque a ciência tem limites estabelecidos por Deus).

Para que se tenha bem presente o quanto o homem ainda está distante do saber, vou passar em rápida revista a dificuldade que Kardec teve, e que ainda hoje igualmente persiste, para compreender certos fatos que estão escancarados aos olhos e que fazem parte da existência, 24 horas por dia.

Com efeito, eis neste item o tema de algumas das perguntas e o teor das respostas:

P: Conhecimento do princípio das coisas

R: Deus não permite.

P: O homem, um dia, penetrar no mistério das coisas

R: Só com faculdades que ainda não possui.

P: Investigações científicas penetrar nesses mistérios

R: Há limites não ultrapassáveis.

ESPÍRITO E MATÉRIA (QUESTÕES 21 A 28)

Só Deus sabe se a matéria existe desde sempre – a eternidade.

Antigamente havia o conceito de que matéria era tudo aquilo que tinha densidade, consubstancialidade, peso e forma, regular ou irregular, mas sempre tangível. Reproduzo a questão 22:

“Define-se, geralmente, a matéria como sendo o que tem extensão, o que pode causar impressão aos nossos sentidos, o que é impenetrável. Essas definições são exatas?

– Do vosso ponto de vista são exatas, visto que somente falais do que conheceis. Mas a matéria existe em estados que para vós são desconhecidos. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que não cause nenhuma impressão aos vossos sentidos; entretanto, é sempre matéria, embora para vós não o seja”.

Ainda com essa questão, nós, espíritas, aprendemos que “matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que ele se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação”.

Há estados de matéria que o homem ignora.

Quanto à natureza do Espírito, disseram os Espíritos a Kardec: difícil responder com a linguagem humana.

O Espírito, como o princípio inteligente do universo, para manifestar-se no âmbito do plano terreno necessita unir-se à matéria.

Nessa união, a matéria bruta, grosseira, junta-se ao fluido universal (ou *universal*, ou *primitivo*), que tem propriedades especiais e age como intermediário, possibilita incontáveis combinações materiais, sob comando do Espírito. Assim, o Espírito “intelectualiza” a matéria!

Embora paradoxal, justamente os homens de ciência, aqueles que se vangloriam de enunciar e comprovar as leis da física, da química, da astronomia, da biologia etc., são esses os que mais se aproximam da percepção da grandeza da criação – de Deus!

Contudo, seja por orgulho, seja por presunção, declaram não ter crença alguma, menos ainda a concepção de um Criador universal.

O Espiritismo tem como premissa que todas as coisas emanam de Deus. Assim, Deus, Espírito e matéria constituem a trindade universal: o princípio de tudo o que existe.

A esse respeito, Kardec perguntou (questão 24) e obteve resposta:

“Espírito é sinônimo de inteligência?

– A inteligência é um atributo essencial do Espírito, mas ambos se confundem num princípio comum, de modo que, para vós, são a mesma coisa”.

Kardec perguntou ainda (questão 28):

“Uma vez que o próprio Espírito é alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusões designar esses dois elementos gerais pelas palavras: *matéria inerte* e *matéria inteligente*?

– As palavras pouco nos importam; cabe a vós formular vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. Vossas controvérsias surgem quase sempre do que não compreendeis sobre as palavras que usais, porque vossa linguagem é incompleta para as coisas que os vossos sentidos não percebem”.

Esses dois pequenos “puxões de orelha” (não em Kardec, mas em toda a humanidade) aplicam-se a todos aqueles que gostam

de discutir sem base ou então apelam para a *semântica* (estudo das mudanças, no tempo e no espaço, pela significação das palavras).

PROPRIEDADES DA MATÉRIA (QUESTÕES 29 A 34A)

A matéria tem várias propriedades: conhecidas (dimensão, peso, medida etc.) e desconhecidas (matéria etérea e sutil que forma o fluido universal). A gravidade, por exemplo, é uma propriedade relativa da matéria, eis que fora da atração de corpos celestes inexistente peso.

As propriedades da matéria que o homem conhece foram engendradas por leis divinas e sábias, capazes de modificá-la, de modo a atender à organização física (e aos gostos) dos diversos seres vivos do planeta.

Quando se pensar em “gostos”, reflita-se na bondade divina que proporciona que na Terra existam tantos sons, tantas cores, tantas frutas, tantas hortaliças, tantos grãos, tantos climas etc.

Isso, para que ninguém venha algum dia a reclamar do agudo, porque existe o grave; do preto, porque existe o branco; do limão, porque existe a laranja-lima; do jenipapo, porque existe o abacate; do jiló, já que existe o maracujá; do chuchu, já que existe a abobrinha; do quiabo, já que existe a vagem; da chicória, já que existe o almeirão; do frio, porque existe o calor; da lentilha, porque existe o feijão; e por aí vai...

A gama de transformações e combinações materiais possíveis praticamente vai ao infinito e é justamente isso que possibilita ao homem exercitar a inteligência e tornar seu viver mais confortável.

Como exemplo, cito as incontáveis utilizações do fogo, da energia potencial da água, da fissão atômica etc.

Depreende-se assim que as propriedades da matéria ocorrem pela modificação das moléculas elementares, surgindo as moléculas

secundárias, sendo constante a forma das primeiras e variável a das segundas, mas ambas as formas imperceptíveis ao homem.

ESPAÇO UNIVERSAL (QUESTÕES 35 E 36)

Dimensionar o espaço universal, estabelecendo-lhe fronteiras, bem como conceder-lhe certidão de nascimento é absolutamente impossível ao homem, que pode, apenas, concebê-lo infinito – sem limites.

Vácuo, por definição, seria o “espaço ocupado por coisa alguma”.

Kardec perguntou (questão 36):

“O vazio absoluto existe em alguma parte no espaço universal?

– Não, nada é vazio. O que imaginais como vazio é ocupado por uma matéria que escapa aos vossos sentidos e aos vossos instrumentos”.

O ano era 1857... A ciência oficial tinha como verdade que entre os corpos celestes havia, sim, o vácuo absoluto. Eis que... só nos fins do século 19, início do 20 (concorde com aquilo que Kardec registrou à já mencionada questão 22), foi que a existência dos átomos e das moléculas passou a ser definitivamente aceita pela ciência.

Aí, passou a ser “oficial” a suspeita da ciência de que o vácuo – a imensa área escura do espaço – estava repleto de matéria, tanto quanto um copo vazio está sempre cheio de ar. Mas, como prová-lo?!

A fim de que se tenha uma pequena noção da dificuldade humana para, por enquanto, apenas rondar a grandeza universal, cito duas notícias sobre astronomia, publicadas na revista *Veja* em 14 de janeiro de 2004:

“Carro-robô pousa em Marte, tira fotos espetaculares e inicia nova fase de exploração do planeta; de todos os artefatos terrestres em Marte, o mais espetacular e promissor é o Spirit, um jipe-robô de 1,5 metro de comprimento e 174 quilos, que se desloca sobre seis rodas; em quarenta anos de exploração é a quarta nave a fazer um pouso bem-sucedido no hostil ambiente marciano”; “Os confins da Via Láctea abrigam a maior estrela já identificada pelos astrônomos; (...) ela é cinco milhões de vezes mais luminosa que o Sol e está a 45.000 anos-luz do sistema solar; (...) 200 vezes maior que o Sol; a temperatura é de aproximadamente 60.000 graus; (...) é uma descoberta surpreendente, já que as maiores estrelas conhecidas são no máximo 100 vezes maiores que o Sol”.

Analisando essas notícias, reflito: astronomicamente, Marte é considerado um planeta “inexpressivo”, pois nem sequer apresenta condição de vida igual à terrestre; distante da Terra 55 milhões de quilômetros e, no entanto, a tecnologia humana está longe de possibilitar que um homem ande no seu solo; mais improvável ainda será talvez a permanência lá, por algum tempo...

A estrela-gigante da notícia não é um corpo celeste isolado, considerando que é comprovado cientificamente que apenas na Via Láctea existem bilhões de outras estrelas... que devem possuir bilhões de planetas orbitando cativas a elas...

Dessas reflexões, pode-se entender o porquê da dificuldade para conhecer os elementos gerais do universo. E se torna inescapável devanear sobre o que estará acontecendo naqueles confins estelares...

Depois, concluir, com certeza inamovível, que Deus é verdadeiramente a Inteligência Suprema e a Causa Primária de todas as coisas.

O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA...

Em 1905, Albert Einstein, físico alemão (1879-1955), de paralelo com a física clássica, enuncia o conceito de fóton (do grego *photos*, luz, que significa *quantum* específico da luz) e que uma onda luminosa monocromática é formada de fótons, que têm massa de repouso nula, propagando-se no vácuo à velocidade da luz.

Estava inaugurada a mecânica (teoria) quântica. A partir daí, as descobertas foram se sobrepondo umas às outras. Após o reconhecimento da existência dos átomos, colocou-se a questão de sua estrutura. Um primeiro modelo, baseado nos *quanta* (dispositivo planetário: elétrons gravitando em torno de um núcleo), foi aperfeiçoado com a descoberta do nêutron, em 1930-1932.

Elétrons e nêutrons, em termos de física, passaram a ser considerados partículas subatômicas fundamentais da família dos léptons (do grego *leptóns*, miúdos). Vários são os léptons conhecidos: os elétrons, os múons, os neutrinos – nome dado a pequenos nêutrons, por Enrico Fermi, físico italiano (1901-1954) – e outros.

Desde então, muitos físicos debruçaram-se na pesquisa dos neutrinos, talvez as partículas mais intrigantes do mundo subatômico. Intrigantes por possuírem propriedades misteriosas, fantasmagóricas até! Sim: são capazes de atravessar toda a Terra sem uma única colisão... Quais se fossem fantasmas... Atravessam objetos sólidos, inclusive o corpo humano, felizmente sem nenhum dano. O espantoso disso tudo é que trilhões deles, a cada segundo, nos atravessam! E, no entanto, quando tudo, mas tudo mesmo, indicava que não possuíam massa, eis o que aconteceu: dando um salto da época de Kardec aos nossos tempos, no início de junho de 1998, foi publicada a reportagem “O vazio está cheio” na revista *Veja*. No Japão, um grupo de 120 cientistas, buscando encontrar o que pudesse ajudar a entender algo que eventualmente existisse na escuridão do universo, e principalmente tentando comprovar

que os neutrinos possuem massa, realizou um experimento no observatório japonês Super-Kamiokande:

Num tanque de aço inoxidável com 12,5 milhões de galões de água ultrapurificada, colocado 1,6 quilômetro abaixo da superfície do solo (um ambiente de estabilidade perfeita), foram instalados detectores de luz. Observou-se que, às vezes, um neutrino colide com uma molécula de água e produz um lampejo azul. Os cientistas verificaram que os lampejos variam de intensidade, o que significa que os neutrinos mudam de forma, logo, devem possuir massa. Criados a partir do processo de desagregação do núcleo do átomo, os neutrinos podem ser milhões de vezes menores que um elétron, até hoje a partícula com menor massa conhecida. Quando vistos por outra partícula em experiências de espalhamento se parecem com um disco de 10^{-38}cm^2 . Só para comparar: um elétron é visto por outro elétron (via interações magnéticas) como um disco da ordem de 10^{-30}cm^2 . Atualmente se sabe que existem ao menos três neutrinos, cada um associado a uma partícula diferente: o neutrino do elétron, o do múon e o do tau, descoberto há três anos. E mais intrigante ainda: eles podem intercambiar, entre si, as formas. Marcelo Gleiser, brasileiro, físico mundialmente respeitado, chamou a essas trocas de formas como sendo “o samba do neutrino doido”¹¹.

E isso ainda não é tudo: desde 1995, nos EUA, um experimento indicou a possível existência de um quarto neutrino, chamado de “neutrino estéril”. Neutrinos são forjados no centro de estrelas como o Sol, em desintegrações de núcleos radioativos e em raios cósmicos. Em conseqüência, todo o sistema solar e particularmente a psicofera terrena, estão saturados deles. Ora: isso não lembra o que o Espiritismo esclarece sobre o fluido cósmico,

11. Marcelo Gleiser, em texto especial para o cad. “Mais”, *Folha de S.Paulo*, 15 de fevereiro de 2004.

em uma de suas infinitas transformações, particularmente aquela que constitui o envoltório atmosférico dos corpos celestes? No caso da Terra, vindo os neutrinos do Sol, isso não parece confirmar a informação de Emmanuel¹² sobre a formação da Terra? E, em termos de envoltório sutil e etéreo da atmosfera dos corpos celestes, não é dali que os Espíritos retiram a “matéria-prima” com a qual organizam seu perispírito, para atuarem nesse corpo celeste específico, no qual irão estagiar, ora encarnados, ora desencarnados, na longa rota evolutiva? Se neutrinos contêm massa, mas são tão infinitamente pequenos que podem, aos trilhões, atravessar todos os corpos sólidos, isso também não lembra uma das propriedades do perispírito, que mesmo ainda sendo matéria (segundo as questões 93 e 94 de *O Livro dos Espíritos* e o item 23 do cap. 14 de *A Gênese*), atravessa corpos sólidos sem a menor dificuldade e se desloca instantaneamente a grandes distâncias?

A interatividade nas formas dos neutrinos também não nos lembra as diferentes constituições perispirituais a que Kardec se refere, quando registrou as diferentes classes de Espíritos, com as respectivas densidades dos perispíritos que os recobrem?

Essa mesma interatividade dos quatro neutrinos conhecidos não teria ação psicossomática naquilo que a biologia denomina de “genoma humano” (o código da vida) – o DNA¹³?

Termino por aqui meus comentários, rogando aos que lêem que relevem meu pretensioso vôo rasante sobre a ciência.

Conquanto não tenha formação de físico ou químico nuclear, nem por isso me vejo impedido de ao menos conjecturar.

12. Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, “A gênese planetária”, em *O caminho da luz* (Rio de Janeiro, FEB, 1985) registra que a Terra seria “um bloco de matéria informe deslocada do Sol”.

13. O DNA tem quatro constituintes, tendo também inscrito em si o código genético, na forma de pares de bases ou letras químicas: A (adenina) liga-se à T (timina) e C (citosina) liga-se à G (guanina).

A propósito, rogo apenas concedam o favor da lembrança das palavras proféticas de Kardec¹⁴ e teçam suas deduções:

“Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”.

De minha parte, estou testemunhando que a humildade de Kardec bem que pode ser configurada de outra forma: o tempo permitirá à ciência comprovar o que os Espíritos já sabem há muito tempo...

14. Allan Kardec, *A Gênese* (Rio de Janeiro, FEB, 1992), pág. 44.

Capítulo 3

Criação

FORMAÇÃO DOS MUNDOS (QUESTÕES 37 A 42)

A QUANTIDADE DE corpos celestes existentes, que, somados formam o universo, é um número que foge absolutamente do conhecimento humano.

Desde quando existem esses mundos? Essa é outra incógnita cosmológica, conquanto a razão nos diga que foram criados por Deus, num tempo distante, indeterminado e pela condensação do fluido cósmico universal, asseguraram os Espíritos a Kardec.

Em cosmologia, há um modelo, ou teoria, apelidado de *Big-Bang*, especulando o estado em que se encontrava o universo há 13 bilhões de anos ou mais. Àquela remota época, estando temperatura e densidade extremamente altas, o modelo relativístico determinou a expansão do universo em um processo que lembra o de uma grande explosão: bola de fogo primordial, grande explosão (*Big-Bang*).

Tem-se nos cometas o exemplo de mundos na fase inicial da sua formação, tanto quanto a astronomia já comprovou que mundos “velhos” se extinguem, dando origem a outros mundos, num processo de renovação semelhante ao dos seres vivos.

Ganha corpo perante alguns estudiosos do Espiritismo a teoria da existência de vários universos... A vida no plano

espiritual, para nós, espíritas, parece ser prova cabal de que ao menos há mais um universo.

FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS (QUESTÕES 43 A 49)

Às questões 43 a 45 vê-se que tão logo este planeta foi criado, para aqui foram trazidos átomos em suspensão no espaço, e mesmo de outros planetas, para serem os formadores do protoplasma – tudo isso sob supervisão de Espíritos siderais, cumprindo desígnios divinos.

Por aproximadamente um bilhão de anos, tais átomos foram se agregando até formarem os germens de todos os seres vivos, que permaneceriam em estado latente, aguardando que o momento sublime da eclosão da vida os animasse.

A relativa acomodação dos elementos, até então sacudidos e fustigados durante mais ou menos um bilhão de anos, proporcionou que a mônada celeste (“princípio espiritual” ou “princípio inteligente” – criação de Deus) iniciasse sua trajetória evolutiva rumo à eternidade.

Essa a trajetória da mônada divina, indo do protoplasma à angelitude, isto é, estagiando desde o reino mineral, o vegetal, o animal, o *hominal*, até aportar na pátria dos Espíritos puros.

Esse o sublime roteiro de todos os Espíritos! Todos!

O Espírito André Luiz em *Evolução em dois mundos*¹⁵, por meio da psicografia de Francisco C. Xavier e Waldo Vieira, discorre maravilhosamente sobre essa fase inicial e suas conseqüências:

em ambiente de mares mornos e de grande massa viscosa cobrindo a paisagem terrestre verte o princípio inteligente;

15. Veja capítulos 3 e 6 (Rio de Janeiro, FEB, 1989).

séculos e séculos, milênios e milênios se passaram, silenciosos e sucessivos, nos quais a mônada celeste pôde se exprimir através do protoplasma;
surgem os vírus, evidenciam-se as bactérias lavrando os minerais, são plasmadas as primeiras células, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal, em seu início;
formam-se as algas, em formas unicelulares – a mônada já está em estágio superior;
em sucessão, surgem as algas verdes, pluricelulares, inaugurando-se a reprodução sexuada;
de sucesso em sucesso, a mônada ingressa no reino animal;
decorrem os milênios, com multiplicados ensaios e estágios, possibilitando à mônada primeiro conquistar o instinto, depois a razão;
pelo menos um bilhão e meio de anos após, a condição de homem é alcançada.

De forma alguma esses dados contrariam a ciência, a qual, por sua vez, estima que a vida no planeta Terra teria sido inaugurada há mais de três bilhões de anos.

Permitam-me os leitores a aposição de uma reflexão. Nossa idade, quantificada com lógica por André Luiz, é de 15 milhões de séculos ou 1.500.000.000 de anos! Segundo a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, vol. 5, pág. 1675, por outro lado, os arqueólogos encontraram os primeiros homens do nosso tipo (atual) há cerca de 38.000 anos – “o homem de Cro-Magnon”–, no sudoeste da França. Fazendo cálculos primários, suponho que em média (apenas conjectura) cada existência terrena dure 100 anos e que o Espírito desencarnado, também em média, permanece outros 100 anos no plano espiritual. Assim, a cada milênio

o homem reencarnaria cinco vezes. Conclusão: apenas do período “Cro-Magnon” a esta existência cada um de nós já deve ter reencarnado, estimativamente, 190 vezes. E agora: quantos pais, mães, filhos e demais parentes cada um de nós já teve? Onde está a lembrança deles?...

POVOAMENTO DA TERRA. ADÃO (QUESTÕES 50 E 51)

A ciência demonstra que não seria possível que o progresso humano, comprovadamente alcançado muito antes do advento de Cristo, se tenha realizado apenas desde os séculos que distam do mito adâmico (aproximadamente há 4000 anos antes de Cristo).

DIVERSIDADE DAS RAÇAS HUMANAS (QUESTÕES 52 A 54)

As condições climáticas foram as condicionantes das formações das raças: para viver na África, se nasce negro para proteção contra a inclemência do sol equatorial, com cabelos encarapinhados para reter o suor e “refrigerar” o couro cabeludo; para viver na Europa, a necessidade é ter a pele branca, para melhor captar os raios ultravioleta e suprir a carência de vitamina D, com narinas estreitas, de forma a permitir o aquecimento do ar antes da chegada aos pulmões; para viver no Oriente, tem que se apresentar adiposidade em torno dos olhos, com aproximação das pálpebras, com isso tendo proteção contra os ventos provenientes da proximidade com as geleiras.

E, principalmente, pelas sucessivas migrações, os povos foram se adaptando às diferentes condições climáticas. Por isso é que há diversidade de raças humanas, as quais se caracterizam por diferenças fisiológicas, decorrentes, como foi visto, das necessárias e naturais condições físicas aos diferentes meios, nos quais tenham se agrupado e se fixado os primeiros habitantes da Terra.

Considerando que os homens tenham originalmente pertencido a uma única raça existente na superfície terrena, o fato é que, com o aumento da população, houve dispersão dos grupos que, ao longo dos séculos, partiram para novas paisagens, nas quais, em climas diferentes, novos ajuntamentos foram se formando.

A miscigenação sempre esteve presente na vida. Dessa forma, de início, o cruzamento de indivíduos da raça-mãe, com a segunda raça, por exemplo, por si só, já terá criado uma terceira raça. E assim sucessivamente.

Para o Espiritismo “branca”, “negra”, “amarela” etc. são raças, sem diferenças espirituais no ser humano, apenas com elementos corantes adicionados ou subtraídos pelos Espíritos “técnicos da reencarnação”, além de caracterizar pequenas particularidades físicas (cabelos, olhos, nariz, lábios etc.) no indivíduo que deverá renascer.

Essas particularidades dizem respeito ao meio ambiente no qual foi projetado o programa reencarnatório desse indivíduo. Supondo, por exemplo, um indivíduo que deverá nascer e viver no interior da sofrida África Negra: a cor da pele e os traços fisionômicos terão aquela manipulação perispiritual, para que o genoma seja consentâneo com as leis da hereditariedade, bem como da raça local de nascimento.

PLURALIDADE DOS MUNDOS (QUESTÕES 55 A 58)

A razão nos indica que todos os mundos são habitados.

Entretanto, os Espíritos disseram a Kardec que a constituição física dos outros mundos, bem como a organização, também física, dos seres que os habitam, não se assemelha à terrena e que nas imensidões siderais existem fontes de luz e de calor, além do Sol, e que a eletricidade, em muitos mundos, desempenha papel que o homem desconhece.

CONSIDERAÇÕES E CONCORDÂNCIAS BÍBLICAS NO TOCANTE À CRIAÇÃO (QUESTÃO 59)

Quanto ao mito bíblico de Adão, bem como ao da formação do mundo em seis dias, não resistem à menor análise, admitindo-se: que Adão tenha mesmo povoado uma região ainda desabitada; que o dilúvio de Noé foi uma catástrofe parcial.

Por fim, Kardec reflete que as doutrinas e as idéias religiosas que defendem vão se engrandecer se caminharem de par com a ciência.

Capítulo 4

Princípio vital

SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS (QUESTÕES 60 A 67A)

ESTE CAPÍTULO É de fácil assimilação quanto ao que os Espíritos responderam a Kardec. De forma bastante simples, eles definem os seres orgânicos como aqueles que “têm vida”, vida essa, claramente perceptível e que se desdobra em nascimento, crescimento, reprodução e, finalmente, extinção, isto é, a morte.

Comparando a dinâmica dos seres orgânicos com a inércia dos inorgânicos, logo se deduz que estes últimos são os que aos nossos sentidos constituem a matéria em estado bruto, sem atividade própria, isto é, sem movimento. Quase se pode dizer que estão “mortos”...

Mas não é bem assim, pois a física bem já comprovou que toda matéria existente é composta de átomos; e estes, de um núcleo, em volta do qual circulam em órbitas cativas miríades de prótons e elétrons, carregados de energia, positiva e negativa e mais: que no turbilhão dos átomos que formam um objeto, em cada um desses átomos, trilhões de partículas subatômicas, de infinitesimais proporções, têm também atividade incessante. Tal é a grandeza da criação a demonstrar como Deus, inteligência suprema do universo, se faz presente tanto no macro quanto no micro! É nesse ponto que o Espiritismo inaugura um novo conceito de seres orgânicos e inorgânicos, ao enunciar que são todos constituídos da mesma

essência (o “fluido universal”), mas que os primeiros são aqueles que, por assim dizer, estão (durante a vida terrena) animalizados, ativados, por uma energia toda especial não-humana, senão divina (também oriunda do “fluido universal”), que denomina de “princípio vital”. Esse princípio vital, como tudo o que existe – exceção do Espírito –, sendo uma das variantes da matéria universal modificada, desdobra-se por sua vez em outras formas, de modo a adequar-se à incontável gama de espécies de seres orgânicos existentes (homens, animais, plantas).

A VIDA E A MORTE (QUESTÕES 68 A 70)

Ao tratar desse tema – nascer e morrer –, inexorável para todos os seres orgânicos, o Espiritismo traz à compreensão que a vida (física) inicia quando o princípio vital se une à matéria e que a morte ocorre quando esse princípio se esgota num dos órgãos vitais ou nos demais órgãos.

Tal conceito, obviamente verdadeiro, se reveste de amplitude, se o foco for dirigido para os seres humanos, entre os quais, sabemos, muitas mortes ocorrem sem que os órgãos estejam esgotados (caso, por exemplo, dos suicídios).

Mas este não é foro adequado a essa consideração, que exponho tão-somente para que seja observado como é impróprio radicalizar nas respostas às perguntas de Kardec. Aliás, de resto, considero temerário radicalizar sobre qualquer outra opinião, sobre qualquer outro assunto, seja qual seja. Mais à frente, isso se tornará bem mais compreensível, bastando, por enquanto, apenas adiantar que o Espiritismo tem como premissa que a vida se inicia na fecundação.

Demonstrando como o Espiritismo caminha de par em par com a ciência, registro a questão 70 de *O Livro dos Espíritos* e a resposta:

“70. O que acontece com a matéria e o princípio vital dos seres orgânicos quando eles morrem?

– A matéria sem atividade se decompõe e vai formar novos organismos”.

Não foi exatamente isso que disse Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794), notável químico francês, ao enunciar lei da química sobre a conservação da massa “Na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma”?.

Complementaram os Espíritos a resposta:

“O princípio vital retorna à sua origem, à sua fonte”.

A seguir, em longa exposição, Kardec reflete que o princípio vital se expressa por determinada quantidade de fluido vital, segundo cada ser humano ou cada espécie. Diz mais: esse fluido pode ser transferido, de quem tem mais para quem dele está carente (uma forma bem simples disso se dá pelo passe magnético). Usando de um exemplo simples, tornando definitivamente simples a compreensão da vida e da morte, Kardec compara-as a um aparelho elétrico com ou sem a energia elétrica acionada.

INTELIGÊNCIA E INSTINTO (QUESTÕES 71 A 75)

Definir a inteligência e o instinto é tarefa que aquele que se dispuser a fazê-lo corre o risco de abrir um leque de infinitas hastes, posto que muitos são os componentes de ambas as faculdades. Contudo, neste estudo, como sempre, vou amparar-me nas judiciosas reflexões de Kardec, para poder laborar algumas considerações sobre ambas.

Quanto à inteligência:

A inteligência (contínua) é um atributo do Espírito, outorgado por Deus, depois do estágio do princípio inteligente no reino mineral, vegetal e animal, adquirindo inexoráveis aprendizados evolutivos, aliados a méritos que certamente conquista, a pouco e pouco.

Na categoria de faculdade especial, como parte integrante do Espírito, a inteligência necessita igualmente de condições especiais para poder se desenvolver e, mais que isso, se expressar: a principal dessas condições é unir-se à matéria (já animalizada), para então intelectualizá-la.

O *quantum* de inteligência de cada ser é variável, quando considerado o momento da análise, mas na origem, perante a justiça divina, com toda certeza o Criador dispensa absolutamente porção igual a cada um, sem exceção.

Para nós, espíritas, o grau de evolução de uma pessoa está a indicar que tal distinção reflete o número acumulado de vivências, experiências e aprendizados, na longa fieira de encarnações que culminaram com a presente existência. Em outras palavras, no primeiro caso, deduz-se que se trata de um Espírito criado bem antes do segundo – nada mais.

NOTAS DA PSICOLOGIA SOBRE A INTELIGÊNCIA

Há uma relação da idade mental com a idade cronológica de um indivíduo, o que estabelece o respectivo quociente de inteligência (QI), expresso por meio de um número multiplicado por 100 (por exemplo, uma criança com idade mental igual a 12 anos e idade cronológica igual a 10 tem um QI de 120 (o QI médio de um grupo de crianças representativo da população de certa idade é, por definição, igual a 100). Durante muito tempo esse conceito prevaleceu como fator decisivo na hora de um candidato ser escolhido em determinado emprego.

Há poucos anos, as empresas vêm aliando um segundo quociente ao QI: o “quociente emocional” (QE), determinado pela forma como um candidato se comporta diante das várias situações profissionais (relacionamento com chefes, colegas e subalternos, postura diante de crises etc.).

Mais modernamente ainda, está se incorporando um terceiro quociente aos candidatos a emprego: o SQ (do inglês *spiritual quotient*= quociente espiritual). Isso mesmo: averiguação das virtudes do candidato, tais como religiosidade, fraternidade, caridade, humildade, compaixão etc.) O SQ surgiu quando os cientistas, analisando como ocorrem as experiências espirituais do indivíduo, descobriram uma determinada área no cérebro, que denominaram “Ponto de Deus”!!!

Concebendo-se a inteligência como a capacidade de resolver problemas, isso caracterizando a “inteligência contínua” ou raciocínio lógico (do ser humano), da “inteligência fracionária” (dos animais), a inteligência humana permite a chamada “reversibilidade”, isto é, uma operação pode ser anulada pela sua inversa sem que essa volta ao ponto de partida a modifique ou modifique seu objeto. Por exemplo: em uma operação como $A + B = C$, a reversibilidade permite que o sujeito realize a operação inversa, $C - B = A$ (ou, ainda, $C - A = B$). Assim, as funções intelectuais alcançam um conhecimento do mundo.

Quanto ao instinto:

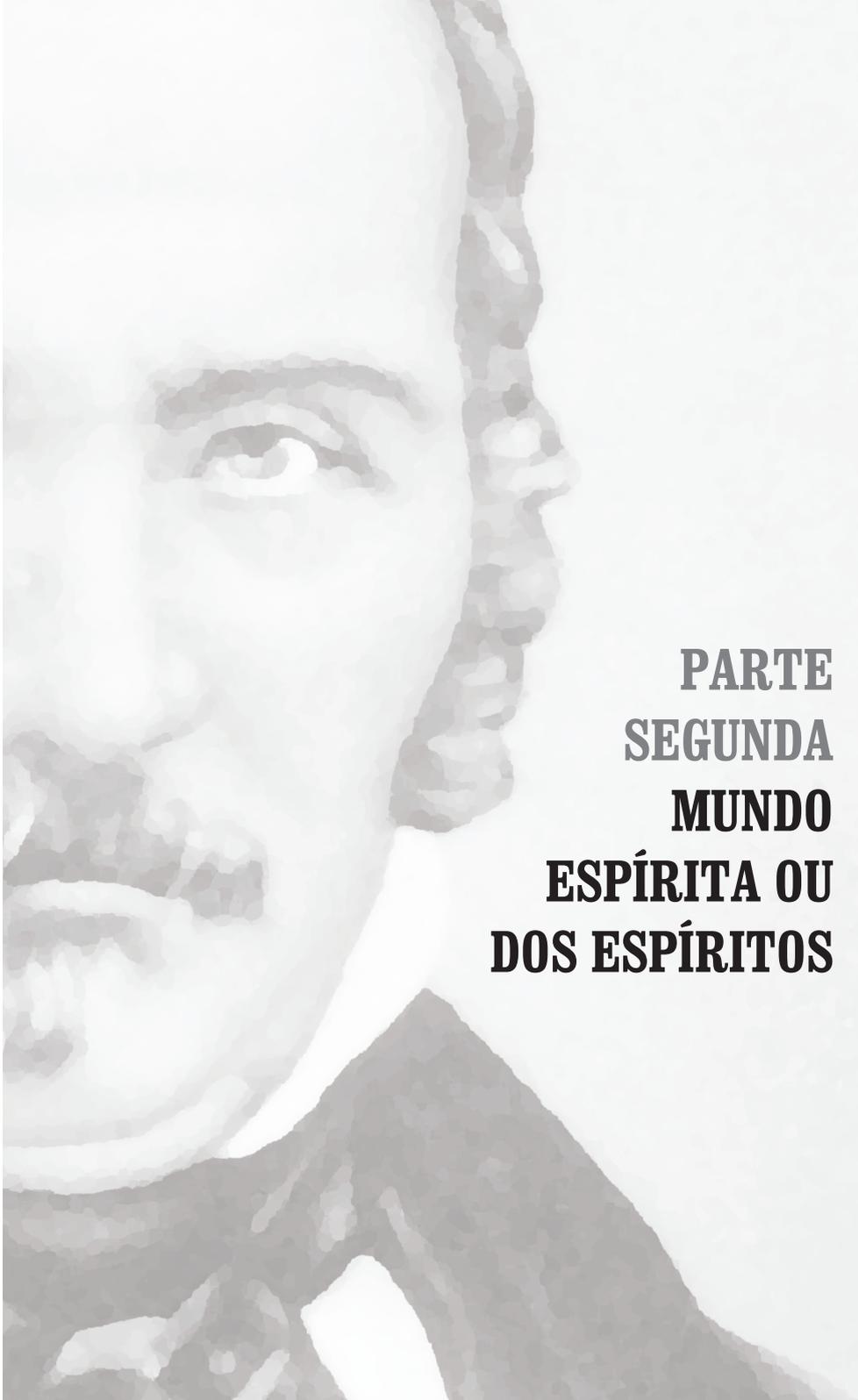
O instinto é atributo essencial à preservação do ser: nunca falha!

Ele se exprime na ausência de aprendizado, contudo, é, ao mesmo tempo, a principal ferramenta da inteligência, ainda embrionária nas formas rudimentares dos seres orgânicos, nos quais sua ação é quase integralmente dominante.

À medida que os seres orgânicos vão palmilhando a longa fieira de experiências, que lhes vai ofertando aprendizado inconsciente, o instinto vai dando lugar à inteligência, que de início, se manifesta fragmentária.

Ao atingirem o grau que os credencia à condição de Espírito, os seres orgânicos, sem perderem o instinto, são então contemplados com a inteligência contínua. Conforme o Espírito progride, o instinto vai se tornando cada vez mais evanescente, embora sem desaparecer de todo.

De posse do instinto e da inteligência, o homem tem condições de optar tanto pela prática do bem quanto do mal, decorrendo dessa opção, respectivamente, mais cedo ingressar no reino da angelitude, sendo feliz, ou retardar isso, por trilhar em descaminhos morais, mas cedo ou tarde tendo por companhia inexorável a dor, que o reconduzirá às vias conducentes à felicidade.



**PARTE
SEGUNDA
MUNDO
ESPÍRITA OU
DOS ESPÍRITOS**

Capítulo 1

Dos Espíritos

AO INICIAR A PARTE 2ª, depois de ter analisado meticulosamente as “causas primárias” – Deus e Seus atributos –, Kardec ingressa agora nas reflexões referentes aos Espíritos: nós!

Nunca será demais exaltar o senso prático e o processo altamente pedagógico do mestre lionês, empregados nesta obra, que dizem bem da sua competência, a serviço da alevantada missão que lhe foi atribuída pelos prepostos do Espírito de Verdade –Jesus!

Este capítulo é um tanto quanto diferente dos anteriores, revestindo-se de um caráter mais “técnico”, por isso vou apresentá-lo de forma a contemplar a essência das respostas-informações que os Espíritos prestaram a Kardec.

ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS (QUESTÕES 76 A 83)

Os Espíritos são os seres inteligentes da criação.

Existem em todo o universo, povoando-o.

Tiveram princípio, mas quando e como cada um foi criado ninguém o sabe: eis aí o mistério.

Deus os cria sem cessar: nunca parou de criar.

Os Espíritos são constituídos de matéria quintessenciada, extremamente etérea. Assim não há condições humanas de definir a constituição dos Espíritos, pois sua essência difere de

tudo o que é conhecido como matéria. Quaisquer comparações ou definições a esse respeito serão sempre imperfeitas. Sua existência não tem fim.

MUNDO NORMAL PRIMITIVO (QUESTÕES 84 A 87)

Os Espíritos constituem um mundo à parte do mundo material: o mundo espiritual, o qual sobreexiste àquele e sobrevive a tudo. Estão em todos os lugares do universo e rotineiramente ao lado dos encarnados. Quanto menos evolução moral, menor o número de regiões que os Espíritos podem ou poderão frequentar.

FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS (QUESTÕES 88 A 92A)

A forma do Espírito é qual uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea.

Observa-se por esta resposta que é um equívoco dizer ou pensar que os videntes “vêm Espíritos” – na verdade, o que vêem é o perispírito...

Sua coloração vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual o rubi, segundo maior ou menor pureza.

Percorrem o espaço com a velocidade do pensamento, podendo ou não captar detalhes de por onde transitam. Para eles não há obstáculo: penetram em tudo. Têm a propriedade de irradiar: sem se dividir, enviam seus raios em várias direções (ubiquidade). Todas essas características podem variar, sempre em razão do adiantamento moral de cada Espírito.

PERISPÍRITO (QUESTÕES 93 A 95)

O Espírito está sempre envolvido por uma substância vaporosa: o perispírito. Esse invólucro, semimaterial, é extraído

do fluido universal de cada globo, aliás, diferente, de mundo para mundo.

Dessa informação talvez se possa inferir que jamais um ser humano, encarnado, terá condições de permanecer em outro mundo... quanto aos desencarnados, a literatura espírita tem dito que existe tal possibilidade, mas nesse caso os “visitantes” estarão sempre acompanhados de Espíritos evoluídos, que lhes proporcionam tal “passaporte fluídico”, de duração episódica – apenas o tempo da visita.

O perispírito tem a propriedade de tomar a aparência desejada pelo Espírito e, em alguns casos, tornar-se palpável. Muitas outras características do perispírito serão expostas mais à frente.

DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS (QUESTÕES 96 A 99)

Os graus de perfeição alcançados pelos Espíritos variam ao infinito e assim enquadrá-los numa ordem seqüencial seria inviável. Não obstante, Kardec elaborou uma divisão desses graus e registrou que essa divisão pode ser multiplicada ou restringida à vontade. Inicia pelos Espíritos puros (que chegaram à perfeição). A seguir, os de segunda ordem, sendo o bem a sua preocupação. Os do último grau: Espíritos imperfeitos, caracterizados pela ignorância, pelo desejo do mau, de adiantamento retardado pelas más paixões. Nem todos, contudo, procedem sempre assim.

ESCALA ESPÍRITA (QUESTÕES 100 A 113)

Para melhor expor o pensamento de Kardec, vou transcrever algumas informações do cap. 3 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (“Há muitas moradas na casa de meu Pai”), apresentando a seguir um quadro resumido:

Ordem	Classe	Nível evolutivo espiritual	Atributos morais	Mundos em que residem
1ª	1ª (única)	Espíritos puros	Ministros de Deus. Superioridade moral absoluta	Celestes ou divinos
2ª	2ª	Espíritos superiores	Ciência + sabedoria + bondade	Felizes
	3ª	Espíritos de sabedoria	Conhecimento + juízo reto	Felizes
	4ª	Espíritos sábios	Conhecimento voltado para questões científicas	Felizes
	5ª	Espíritos benévolos	Bondade + conhecimentos limitados	Felizes ou de regeneração
3ª (*)	6ª	Espíritos batedores	Aptidão para coisas materiais	De regeneração
	7ª	Espíritos neutros	Apego às coisas do mundo (nem bons, nem maus)	Provas e expiações (**)
	8ª	Espíritos pseudo-sábios	Conhecimento + orgulho	
	9ª	Espíritos levianos	Ignorância + malícia	
	10ª	Espíritos impuros	Inclinação para o mal	

(*) = Estes Espíritos, propriamente falando, não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais. Podem caber em todas as classes da terceira ordem.

(**) = A Terra está configurada nessa categoria de mundos habitados.

Como se nota, é puramente didática a classificação acima.

Deve-se levar em conta, na apreciação do pensamento kardequiano, que tanto a classificação dos Espíritos e dos mundos nos quais habitam, contemplam sua evolução espiritual. E que, de forma alguma, esse é um sistema acabado, mas tão-somente uma proposição calcada nos diversos depoimentos obtidos mediunicamente por Allan Kardec, quando da codificação do Espiritismo, além de suas próprias reflexões.

PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS (QUESTÕES 114 A 127)

Os Espíritos – todos, sem exceção – foram e são criados por Deus, simples e ignorantes, com destinação à felicidade, que também todos, mais cedo ou mais tarde, alcançarão, dependendo tão-somente do esforço próprio de cada um. Para tanto, já na origem do seu ingresso no reino da razão recebem o livre-arbítrio. Exercitando a inteligência e agindo ou não pelas indicações da consciência, têm condições de optar por seus atos, no bem ou no mal. Disso decorre que, pela Lei divina de Ação e Reação – justiça divina –, serão responsabilizados, adquirindo créditos ou débitos.

Os Espíritos podem permanecer bastante tempo em desca-minhos, aos quais um dia terão de abandonar e trilhar as vias do progresso moral. Quando estacionados no mal, não perdem sua individualidade nem seu nível moral é rebaixado; em outras palavras, não retrogradam. Se forem renitentes, a bondade divina oferta-lhes a bênção da suspensão temporária do livre-arbítrio e Espíritos siderais lhes designam existências destinadas ao despertar moral. Obviamente, tais existências são difíceis, por colocar o Espírito diante da própria consciência, visando que ele, por si mesmo, se arrependa e reconstrua o que haja destruído, resgatando as faltas cometidas, a par da resignação, com entendimento da bondade divina. Deve ser realçado que ninguém será mau para sempre: todos, um dia, alcançarão a perfeição moral possível.

Reduzindo os termos, pode-se novamente inferir que há uma “lei da inexorabilidade”, pela qual os Espíritos calcados no mal, recalcitrantes, são forçados – a benefício deles mesmos – a receber lições de progresso moral da melhor de todas as professoras: a dor... Jesus, antes que a crença nos demônios se enraizasse na cultura religiosa, afirmou em alto e bom som que do redil divino nenhuma ovelha se perderia, conforme narração do evangelista Mateus, em 18: 12, pela parábola da *ovelha desgarrada*.

ANJOS E DEMÔNIOS (QUESTÕES 128 A 131)

O ser humano vem denominando de anjos, arcanjos e serafins àqueles Espíritos que, na verdade, adquiriram o mais alto grau de pureza. Esses Espíritos alçaram tal posição por esforço próprio, tendo trilhado todos os caminhos do aprendizado e escalado os degraus do progresso até o topo. Espíritos puros já os havia antes mesmo de a Terra existir! A concepção de demônio é absolutamente falsa, mas compreensível no nosso mundo, onde por ignorância, foram “criados” seres com poderes fantásticos... bons e maus, os quais, alegórica e respectivamente ora são representados por figura radiosa, ou com chifres, garras e detalhes animais. Na realidade, “demônios” não passam de Espíritos malfazejos.

Encarnação dos Espíritos

OBJETIVO DA ENCARNAÇÃO (QUESTÕES 132 A 133A)

PELO QUE INFORMARAM os prepostos de Jesus, o objetivo precípua da encarnação é proporcionar ao Espírito a via pela qual ele chegará, um dia, à perfeição possível. A maneira como isso acontece tem por base a bondade de Deus, ofertando ao Espírito infinitas oportunidades de participar da obra da criação, como co-Criador – numa análise simplista, Deus oferta trabalho!

É assim que, ao criar os mundos e neles alocar os Espíritos para evoluírem, o Pai concede-lhes, como graça suprema, a inefável chance de ajudar o progresso, solidarizando-se uns com os outros e com a obra da natureza. Como de início todos os Espíritos são criados simples e ignorantes, o progresso de cada um depende única e exclusivamente de sua ação. Mais depressa se aproximam de Deus, com maiores ou menores atribulações, conforme optem pela integração com as leis divinas.

A ALMA (QUESTÕES 134 A 146)

Nos tempos da codificação do Espiritismo (1858-1869), havia intenso tumulto nos meios filosóficos europeus, em constantes embates com os meios científicos, discursando os primeiros

sobre a alma, com várias “verdades acabadas”, sendo que os segundos, apegados às pipetas, fórmulas e experiências *in vitro*, tudo negavam, sistematicamente.

Simplificando a discussão, Kardec anota que “a palavra *alma* tem uma aplicação tão elástica que cada um a interpreta de acordo com a sua imaginação” e complementa que “o homem tem, instintivamente, a convicção de que nem tudo se lhe acaba com a vida”.

Desde o início de *O Livro dos Espíritos* (na Introdução, item 2), Kardec frisa que o vocabulário humano é por demais precário para que a alma nele obtivesse definição cabal. No entanto, para que os estudiosos do Espiritismo não se perdessem em divagações ou em discussões sobre qual a melhor aceção para o termo alma, Kardec pedagogicamente registra que o emprego para facilitar o entendimento será alma para designar Espírito encarnado e Espírito (com E maiúsculo) para Espírito desencarnado.

Assim, nós, espíritas, chamamos de alma ao Espírito quando este se reveste de um corpo físico. Neste ponto, vou abrir um leque de reflexões sobre as informações passadas pelos Espíritos, ao responderem especificamente às questões 136a e 136b:

“136 a. O corpo pode existir sem a alma?

– Sim, pode; (...) A vida orgânica pode animar um corpo sem alma (...).

136 b. O que seria nosso corpo se não houvesse alma?

– Uma massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserdes, exceto um ser humano”.

Minha especificidade sobre as respostas acima se prende ao fato de que está muito em voga hoje (2006) a discussão sobre o emprego de células-tronco, existentes no ser humano, sendo que as que formam o embrião, quando ainda na fase de blastócito, são

de muito melhor emprego. Por isso, a ardente discussão entre os homens de ciência e os legisladores, isso no mundo todo.

Células-tronco, para uso na medicina, trouxeram à tona os questionamentos:

– Utilizar células-tronco embrionárias ou as do próprio indivíduo? Por que não as dos embriões congelados, inexoravelmente descartados pelo casal? Ou mesmo por embriões que sejam clonados?

No Espiritismo, obviamente, não há registro de células-tronco.

Não obstante, o mérito de qualquer ação terá sempre alguma conotação com os ensinamentos de Jesus, e aí sim, encontraremos no Espiritismo, alicerce seguro para opinar.

É assim que acredito que devemos ser radicalmente contrários à utilização do embrião, mesmo que na fase de blastócito, para utilização de células-tronco (embrionárias), destinadas a clonagem terapêutica.

Não irei adiantar reflexões, mas cito apenas que pela questão 344 de *O Livro dos Espíritos*, a concepção inicia-se na ligação da alma ao corpo. Logo, tal procedimento constitui um aborto – crime, segundo leis da vida e, por conseguinte, diante de Deus.

Alguém poderá argumentar que o Espiritismo esclarece que há corpos sem alma (as anteriormente citadas questões 136a e 136b) e, assim sendo, o descarte de tais embriões, após deles serem extraídas as células-tronco, não constituiria aborto...

Muito bem.

Contra-argumento, com uma pergunta: quem, na face da Terra, pode afirmar em qual embrião inexistente a ligação de um Espírito?...

Aliás, Deus, na Sua bondade infinita, no tempo certo (antes que tal acontecesse) já permitiu à ciência descobrir que todos os indivíduos, mesmo e principalmente os adultos, têm células-tronco em si mesmos, propiciando auto-emprego com rejeição “zero”, o que dispensa as alienígenas, vindas de embriões!

Assim, reitero que células-tronco constituem, *num primeiro passo*, uma das bênçãos até aqui alcançadas pelas pesquisas com a clonagem, abrindo um inimaginável leque de opções na cura de doenças graves, recomposição de órgãos etc. Bênção incalculável, sublime!

Defendo a autoclonação terapêutica, isto é, aquela pela qual as células-tronco sejam retiradas do próprio paciente e eventualmente clonadas, visando ao número suficiente para o processo de cura da sua enfermidade.

De forma literal e inarredável, sou contra a clonagem terapêutica pela qual haja emprego de células-tronco extraídas de embriões¹⁶.

MATERIALISMO (QUESTÕES 147 E 148)

Comentando as considerações dos anatomistas e seus vários conceitos referentes ao tema alma, Kardec combate o materialismo (*tudo se acaba com a morte...*) com grande senso de oportunidade e lógica, expondo os princípios espíritas, probantes da sobrevivência do Espírito.

Essa postura (a do nada), põe a descoberto que o homem, na verdade, a ela se agarra pelo medo que tem do abismo que a morte abre ao ignorante do mundo espiritual. “Tarefa dos espíritas”, realça Kardec, será ofertar a esses *nadistas* uma “âncora de salvação” (informar-lhes e prestar esclarecimentos sobre a sublime engenharia da reencarnação – vidas sucessivas –, engendrada por Deus e que contempla todos os Espíritos), o que lhes retirará da mente a pernicioso idéia do “nadismo”, bem como o medo da própria morte.

16. Em *Genética... além da biologia* (Belo Horizonte, Fonte Viva, 2004), trato com largueza desse e de outros temas correlatos.

Capítulo 3

Retorno da vida corporal à vida espiritual

PREOCUPADO EM OBTER esclarecimentos sobre o que sucede ao homem após o fenômeno da morte – inexorável, aliás, para todos os seres vivos –, Kardec elaborou uma série de perguntas que dirigiu aos Espíritos, obtendo como respostas informações extremamente claras e que de forma alguma agridem o bom senso. Este capítulo, assim, interessa a todos...

As respectivas informações, como de resto todas as demais contidas em *O Livro dos Espíritos*, de forma alguma são imposições dogmáticas, antes, convite à razão.

Aceitá-las, ou não, eis aí outra valiosa premissa espírita: a de que tudo aquilo que se dirigir aos escaninhos da fé, que antes seja submetido à análise, seguida de demorada reflexão e julgamento, para só então, se considerado procedente, constituir-se em verdade, já então como “fé raciocinada”.

A ALMA APÓS A MORTE (QUESTÕES 149 A 153A)

Essas questões ensejaram aos Espíritos instrutores proclamar que a morte não existe como grande parte da humanidade imagina, isto é, como sendo um acontecimento absolutamente

misterioso, impenetrável, insondável... De fato, pelas respostas, que por exercício de lógica são facilmente aceitas, a morte, tanto quanto o nascimento, não passa de mudança de plano para a alma, no seu longo itinerário evolutivo, onde berço e túmulo são experiências muitas vezes repetidas. É de se considerar que o Espírito tem princípio, mas não terá fim, isto é, ruma para a eternidade, tal se constituindo sublime bênção; a cada desencarnação, retorna à pátria espiritual, sempre revestido do perispírito, que também não se desfaz, um e outro não perdendo a identidade; já quanto aos corpos físicos utilizados nas sucessivas existências corpóreas, não padece dúvida de que são transitórios, quais vestimentas da alma.

A propósito do perispírito, recordo que quando tratamos dele, no cap. 1 da Parte 2^a, ficou estabelecido que ele é constituído de matéria cósmica do planeta no qual a alma vai reencarnar; sua duração, assim, é igual ao tempo de permanência dessa alma no longo roteiro de evolução vivenciado nesse mundo.

O fluxo *encarnação-desencarnação-reencarnação-desencarnação tende quase que para o infinito (... ∞)*, isto é, repetência até um distante ponto futuro, e enquanto dura citado fluxo, opera por “solução de continuidade”, podendo ser comparado a um movimento pendular.

A reencarnação não será mais necessária quando o Espírito adquirir todo o conhecimento e evolução moral consentâneo com o grau moral desse mundo, ocasião em que obterá mérito para transmigrar para um mais evoluído.

Seres angelicais, por livre escolha e abnegação, não raramente permanecem missionariamente no mundo no qual alcançaram o passaporte para mundo mais feliz.

A mediunidade desponta como fator decisivo como demonstrativo de que alma desencarnada (denominada Espírito) mantém a individualidade, seja pelas inúmeras comunicações verbais ou até mesmo por aparições.

SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO (QUESTÕES 154 A 162)

Não há dor para a alma quando se soltam os laços que a prendem ao corpo. O desprendimento do perispírito é realizado gradualmente, variando em razão do *quantum* de desprendimento material do desencarnante: as almas mais evoluídas se desprendem mais rapidamente, qual pássaro que deixa a gaiola e voa para o céu; nas almas apegadas à matéria, os laços demoram mais a se desfazerem. Isso é cristalino de entender. A experiência vem demonstrando que almas há que deixam o corpo físico, mesmo antes do desenlace, quando ainda há alguma vida orgânica. Talvez isso seja difícil de crer, mas essa informação é bem clara na questão 156:

“(…) O corpo é uma máquina que o coração faz mover. Existe, enquanto o coração faz circular o sangue em suas veias, e não tem necessidade da alma para isso”.

Algumas almas – evoluídas –, ainda presas à vida orgânica, vislumbram o plano espiritual e se esforçam para que ocorra o desprendimento. Isso lhes apraz. A chegada da alma ao mundo espiritual pode proporcionar alegria ou constrangimento, conforme haja praticado o bem ou conscientemente o mal, posto que lá estão muito mais Espíritos do que homens aqui na Terra.

São freqüentes os reencontros com parentes, amigos ou conhecidos, tanto quanto com inimigos, vindo todos, amigável ou negativamente, recepcionar aquele que chega... Mortes violentas (por acidentes, por decapitação etc.), promovem cessação da vida orgânica e podem promover separação perispiritual, simultaneamente, tanto quanto também perda ou breve manutenção da consciência. Contudo, o desprendimento se dará com grande dificuldade em casos de morte violenta nos quais as forças vitais se mantêm por algum tempo.

PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL (QUESTÕES 163 A 165)

A perturbação espiritual da alma que chega ao plano espiritual, decorrente do fenômeno morte do corpo físico, variará em razão do seu grau de elevação (purificação, própria do homem de bem). Obviamente, o conhecimento da Doutrina Espírita será de grande valia para aquele que compreende os meandros da vida, sempre pujante, a se expressar ora no *espiritual*, ora no *material*.

Claro é que grande maioria de nós não tem preparo suficiente para administrar, sem alguma perturbação, ou de maneira confusa, esse instante inexorável pelo qual tantas e tantas vezes já passamos e ainda passaremos. Mas nós, os espíritas, que já conhecemos a leis divinas dessas abençoadas viagens da nossa alma, temos mais é que nos conscientizar que o futuro é sempre promissora oportunidade de crescimento. E que a morte faz parte da vida (não é fácil ter presente essa concepção...). Aliás, ouço, desde criança, que todos, sem a menor dúvida, sabem que:

“Na festa da vida, a morte é a convidada que jamais falta, porém, quando chega, quase sempre causa surpresa”.

De qualquer forma, sem que isso seja pessimismo, menos ainda masoquismo, deve-se estar consciente de que mais dia, menos dia, passará por essa transição. Tal consciência é fundamental para que, chegado esse instante, não venha a incorrer na infelicidade de se manter iludido, qual ébrio em terra estranha. E pior: muita vez, onerando os que ficaram na vida física, deles nos aproximando, necessariamente trazendo-lhes perturbação, fruto da ausência de uma prece sincera a Jesus. Sim: será valioso o indivíduo incorporar o exercício diário da prece ao seu programa de vida, pois em qualquer circunstância, qual a natural perturbação decorrente da morte, ela lhe trará equilíbrio e apoio da espiritualidade amiga.

Pluralidade das existências

GENERALIDADES

A PLURALIDADE DAS existências é uma dessas “verdades ocultas” tão aparentes, de tanta lógica, de tanta exaltação à Lei de justiça divina, que chega a ser penoso à humanidade não tê-la ainda incorporado à vivência humana.

Bastaria uma simples reflexão sobre o nascimento de pessoas saudáveis, algumas nascidas em famílias riquíssimas, em contraposição a outras pessoas nascidas doentes, em famílias paupérrimas; outras tantas nascidas na Europa e com acesso integral à educação, ao passo que na sofrida África Negra a miséria é quase que uma constante... Surgiria a ardente questão:

– Se todos os homens são filhos de Deus, onde está a justiça do Pai?

Somente pelas vertentes e justificativas de vidas passadas a resposta será convincente.

Aliás, é bom que se diga, data de muitos milênios a crença de alguns povos na reencarnação.

A reencarnação não é uma novidade trazida ao mundo pela Doutrina Espírita (o Espiritismo), cuja codificação foi feita por Allan Kardec, tendo por pedra fundamental *O Livro dos Espíritos*, lançado em 18 de abril de 1857, na França (aqui comentado).

Não, não é: com efeito, a reencarnação é uma das premissas de antigas religiões, tais como o Hinduísmo, o Jainismo, o Budismo etc.

O que deve ser também registrado é que somente o Espiritismo incorporou a mediunidade à reencarnação, obtendo dessa forma, relatos dos próprios Espíritos (desencarnados), sobre essa sublime bênção que comprova o amor, a sabedoria e a justiça de Deus. Pela reencarnação, verdadeiro mecanismo de evolução espiritual, tem o homem todos os meios necessários ao aprendizado ininterrupto.

Por outro lado, aquele que errou, jamais será condenado às penas eternas e sim, terá sempre “n” oportunidades de se quitar perante a própria consciência, pois pelas vidas sucessivas, irá “rasgando duplicatas assinadas no passado”, no tempo que for necessário.

A REENCARNAÇÃO (QUESTÕES 166 A 170)

Aqui estão cinco questões que esclarecem que o Espírito, por meio das várias existências como encarnado (quando nós, espíritos, o chamamos de “alma”, para efeito pedagógico) vão se depurando. Na vivência corporal o Espírito se transforma e por destinação divina, tende permanentemente a evoluir moralmente, indo de “simples e ignorante” a Espírito bem-aventurado – puro Espírito.

Naturalmente, que até atingir o ápice da perfeição possível, o ser demandará grande quantidade de existências físicas. Contudo, dependendo do procedimento de cada um, obviamente os que desde logo praticarem o bem, na sua essência divina (segundo as sublimes lições e sugestões de Jesus), o número de experiências encarnadas será bem menor do que se tal procedimento não fosse observado.

JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO (QUESTÃO 171)

A reencarnação, fundamentalmente, visa à evolução do Espírito, pelo acúmulo de aprendizados, decorrentes das infinitas experiências.

Para nós, em paralelo, contempla o arrependimento... Sim, porque pela justiça, bondade e amor do Pai, aquele que erra não será condenado à perdição, mas tem como fanal a salvação, arrependimento surgindo dos erros acumulados, seguindo-se trabalho de reconstrução do que tenha destruído.

Como não poderia deixar de ser, esse roteiro redentor de reabilitação terá de ser trilhado, cedo ou tarde, fruto das lições que a própria vida lhe ofertará, por meio da Lei de Ação e Reação – lições essas, quase sempre dolorosas, conquanto sempre a caridade dos amigos espirituais esteja presente, amparando aquele que salda suas dívidas.

ENCARNAÇÃO NOS DIFERENTES MUNDOS (QUESTÕES 172 A 188)

A vida não acontece apenas na Terra, mas em outros mundos.

Aqui, contudo, são as existências corpóreas das mais materiais e imperfeitas... Vive-se muitas vezes aqui neste planeta, até que por mérito seja contemplado com transferência para outros, de vida mais harmoniosa; também por demérito, pode-se viver em mundos ainda mais atrasados do que o nosso...

Mundos são solidários entre si, isto é, um mesmo Espírito poderá habitar num mundo, ir para outro, voltar àquele e até mesmo ir para novos mundos. O objetivo é evoluir, sempre! O Espírito que evolui, às vezes, por missão, reencarna em mundos atrasados.

A pergunta de Kardec (questão 182) de como é a vida, o corpo e o estado moral em outros mundos, ficou sem resposta. Declararam os Espíritos que tal revelação, detalhada, poderia perturbar nosso equilíbrio, posto que nem todos estamos em condições de isso compreender. Mas, de forma genérica, prestaram longa informação de como se verifica a vida física, nos diferentes mundos, consentaneamente com a evolução do Espírito (sugiro leitura dessa questão, a de nº 182, plena de detalhes).

Mundos há em que os Espíritos se revestem apenas de perispírito. Aliás, os Espíritos puros são revestidos de envoltório tão etéreo que para nós é como se isso nem existisse.

Uma coisa ficou bem patente nas respostas a Kardec: de mundo para mundo, os envoltórios dos Espíritos se modificam e que cada mundo oferta material espiritual específico para os que ali irão reencarnar. Isso parece sinalizar que a ida de um ser encarnado, e mesmo desencarnado, de um mundo para outro, encontrará barreira intransponível.

Isso não se aplica aos Espíritos puros: têm eles a propriedade de estar em qualquer mundo, no qual desejarem cumprir seu apostolado de caridade...

A pretendida visita a Marte, ou a outros mundos, talvez nunca possa acontecer para o homem encarnado... Nós, espíritas, temos conhecimento de que somente com o amparo e em companhia de Espíritos elevados, o homem pode, em Espírito, eventualmente, visitar um outro corpo celeste e por breve tempo ali permanecer.

A propósito de Marte¹⁷, segundo os Espíritos, seria ele um mundo ainda mais atrasado do que a Terra, física e moralmente, ao passo que Júpiter seria mais adiantado do que nosso mundo;

17. Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos* (São Paulo, Petit Editora, 2004), pág. 102, questão 188.

neste, estariam reencarnadas personalidades que foram conhecidas na Terra.

Nos complementos dessas informações sobre a vida em outros mundos são tratados temas tais como a longevidade e diferente forma de computar o tempo.

TRANSMIGRAÇÃO PROGRESSIVA (QUESTÕES 189 A 196)

Neste subtítulo, os Espíritos esclarecem que o Espírito evolui gradativamente – *de simples e ignorante a anjo* –, “a alma ensaia para a vida”, algo assim semelhante à vida corporal, que vai do embrião à infância e desta à fase adulta.

O Espírito em novas existências não retrograda moralmente, apenas na condição social. Aliás, todos os Espíritos são submetidos a provas, havendo aqueles que desde o início resistem às tentações do mal, apenas praticando o bem.

Tratando-se do perispírito, ele se aperfeiçoa à medida que o Espírito vai se aperfeiçoando.

Quanto ao corpo físico, perecível, não é ele que influencia o Espírito, mas sim o contrário.

DESTINAÇÃO DAS CRIANÇAS APÓS A MORTE (QUESTÕES 197 A 199A)

O Espírito de uma criança pode ser mais adiantado do que seu pai, vez que pelas existências passadas, talvez tenha acumulado mais experiências e aprendizados.

Dentro desta mesma premissa, pode ocorrer o contrário, isto é, nem sempre se poderá afirmar que uma criança tem um estado normal de inocência, eis que num corpo infantil pode estar reencarnado um Espírito de péssima índole...

Assim, quanto ao grau de adiantamento de uma criança que morre em tenra idade, pode dar-se que o dela é até maior do que o de um adulto.

A morte de uma criança, além de representar prova para os pais, pode também configurar que se tratou (este curto tempo de vida terrena) de um complemento a uma existência anterior, interrompida antes do término previsto (caso do suicídio, por exemplo).

SEXO NOS ESPÍRITOS (QUESTÕES 200 A 202)

Segundo o entendimento terreno, os Espíritos não têm sexo, havendo entre eles sintonia de sentimentos. Para conquistar conhecimento em tudo o Espírito reencarnará existências como homem e outras tantas como mulher, integralizando, dessa forma, o progresso que a vida física em cada sexo proporciona.

PARENTESCO, FILIAÇÃO (QUESTÕES 203 A 206)

Pais dão vida física ao filho, sem nada acrescentar na constituição do Espírito dele, pois todos os Espíritos são indivisíveis.

Pela reencarnação, tem-se que os parentes não são apenas os da vida presente: isso faz com que a família de cada um de nós, desde que fomos criados, seja bem maior do que imaginamos...

Deus, ao engendrar os sagrados laços familiares, formulou leis da natureza que são desconhecidas e mesmo desapercibidas bênçãos, para tantas pessoas que se julgam solitárias no mundo...

Na verdade, nenhum de nós jamais está sozinho, a começar pela companhia do anjo guardião que cada um recebe de presente da vida.

SEMELHANÇAS FÍSICAS E MORAIS (QUESTÕES 207 A 217)

O Espiritismo esclarece com muito bom senso uma questão crucial para o entendimento da herança que os pais transferem para os filhos, tanto do ponto de vista físico, quanto moral: aspectos morais não são transmissíveis de alma para alma; a ascendência paterna pode e deve contribuir para o progresso moral do filho; pais virtuosos podem gerar filhos de natureza perversa, pois se o corpo deriva do corpo, o Espírito não procede do Espírito; pais bons, que têm filhos de má índole pode significar que esses maus Espíritos (tais filhos), terão suplicado apoio para se melhorar: pediram para nascer num lar equilibrado, tendo Deus os atendido (nesse caso, contaram com a caridade do casal que os acolheu); irmãos de caráter semelhante ou diferente põem à mostra que tais Espíritos têm ou não, sintonia; irmãos xifópagos representam similaridade quase que integral de caráter...¹⁸; famílias, e até mesmo povos, se agrupam por analogia de pendores; em existências futuras, o Espírito apresentará os traços morais já alcançados, o que não acontecerá com as características físicas, que nenhum traço guardam do passado.

IDÉIAS INATAS (QUESTÕES 218 A 221A)

Considerando a multiplicidade de existências corpóreas, o Espírito (ser individual) utilizará um corpo físico a cada uma delas. Esses corpos serão diferentes entre si, contudo, como o Espírito é o mesmo, é de se inferir que o conhecimento adquirido nas experiências e aprendizados vivenciados permanecerá integral, em cada uma delas – sem perdas.

18. Talvez me seja permitido refletir que tal expiação, dolorosíssima, retrate comprometida vinculação do passado entre eles, com o ódio imantando-os de tal forma, que somente assim, pelo perdão recíproco, aprenderão a conviver em harmonia... algo assim como um nó apertadíssimo que só o amor desatará.

As chamadas “idéias inatas” nada mais representam do que pequenas lembranças que afloram no dia-a-dia da vida física, vindas da bagagem espiritual de outras vidas. Por bondade divina, o homem não tem lembrança das vidas passadas, fato que poderia levar a humanidade ao caos (esse tema será tratado mais adiante, no cap. 6 desta Parte 2^a). A cada nova existência, o Espírito soma novas lições, novas ações (com suas conseqüências). Agirá e progredirá com base no que já tenha aprendido no passado. Vidas passadas, assim, a bordo da lógica, trazem à tona a explicação para os gênios, possuidores de extraordinárias idéias, a facilidade que determinadas pessoas demonstram no aprendizado de línguas, artes, técnicas etc. A crença na existência de Deus, imanente em todos os povos, em todas as épocas, encontra explicação na vida espiritual, aquela vida no mundo invisível, de onde todos nós nos deslocamos rumo à paisagem terrestre, na busca contínua da evolução.

Capítulo 5

Considerações sobre a pluralidade das existências

A QUESTÃO 222, que constitui este capítulo, é a mais longa de *O Livro dos Espíritos* e, a meu ver, representa, praticamente, a pedra angular do Espiritismo – a reencarnação!

Sim, pois pelos desdobramentos vivenciais da reencarnação o homem consegue aproximar-se um pouco mais do entendimento da justiça divina. Além disso, como se não bastasse tão espetacular processo da evolução, que só mesmo a sabedoria e o amor de Deus poderiam engendrar, é por ela (a reencarnação) que se dá o intercâmbio vivencial entre o plano espiritual e o plano material.

Aliás, no capítulo anterior, Kardec já registrara à questão 171 que todas as premissas da reencarnação se fundam na justiça divina.

Agora, utilizando por inteiro o presente capítulo, cujas considerações emanam de apenas uma questão (a de nº 222), o codificador volta ao tema, com amplitude.

O capítulo é longo e aqui o apresentamos sucintamente, procurando não prejudicar sua essência. A nós, espíritas, jamais ocorreu proclamar que o Espiritismo teria “inventado” o dogma da reencarnação, ou mesmo que o teríamos ressuscitado da doutrina de Pitágoras. E não apenas dos gregos: também os egípcios

e os hindus sabiam da volta da alma a um novo corpo físico. Com efeito, o Hinduísmo (2000 a.C.) e depois o Budismo e o Jainismo tinham a reencarnação como realidade, como frisei no capítulo 4, item “Generalidades”, da Parte 2ª desta obra. Aliás, o Espiritismo é uma lei da natureza e, assim sendo, sempre existiu. Dessa forma, Allan Kardec, no século 19, não o “ressuscitou”, mas sim o codificou, valendo-se da sua alta competência pedagógica e graças ao intercâmbio mediúnic de que se valeu, elaborando perguntas e registrando as respostas dos Espíritos, todas elas com lógica e racionalidade. Assim, Kardec foi um missionário ao colocar a Doutrina dos Espíritos – o Espiritismo – ao alcance de quantos estivessem ou estejam na busca do entendimento filosófico da vida. Na verdade, algumas distorções foram introduzidas ao longo do tempo no conceito da reencarnação, preconizando que o homem que mal procedesse, para recuperar-se moralmente, poderia encarnar no corpo de um animal – a metempsicose – o que é um rematado equívoco.

Demonstrando justeza e boa vontade para com todos, Kardec sugere a imparcialidade no estudo da reencarnação, propondo as duas possibilidades: a existência terrena acontecer várias vezes ou, ao contrário, apenas uma vez. Cita, ele mesmo, os desdobramentos da unicidade da existência física. Se a reencarnação não existe, obviamente só há uma existência corporal e, nesse caso, a alma de cada criatura humana só pode ter sido criada na ocasião do seu nascimento, pois mesmo que a alma já existisse, onde estava? Fazendo o quê? Tinha consciência? Se não tinha, não progredia e nesse caso por que foi criada para a inércia mental? Havendo apenas uma vida física, como explicar, diante da justiça divina:

a aptidão supranormal de algumas crianças, para determinadas artes ou ciências, ao lado de outras crianças que já nascem com impedimentos irreversíveis?
por que uns nascem pobres e outros ricos?

por que uns nascem na Europa e outros em tribos indígenas?

o que determina à alma nascer homem ou mulher?

o que dizer ou pensar das crianças que nascem mortas?

Seria Deus parcial a tal grau? Qual filosofia resolveria tais enigmas?

A seguir propõe: reflitamos agora sobre a existência das várias vidas para a mesma alma. Existindo a reencarnação, com ou sem crença dos homens, ela se processará, porque emana da vontade de Deus, como tudo o mais no universo e nesse caso raciocinemos: no nascimento, cada alma já traz consigo intuição de aprendizados anteriores; tal adiantamento será meritório porque proporcional ao esforço próprio; na maioria, as almas criadas há mais tempo, terão condições de apresentar maior evolução, com multiplicados estágios terrenos, ora como homem, ora mulher; ora rico, ora pobre; ora numa profissão, ora noutra, e assim por diante; todas as desigualdades morais, mentais, intelectuais, sociais, econômicas, profissionais, familiares etc. se auto-explicam, com lógica imbatível, porque alicerçada na justiça de Deus – igualdade para com todos – e no mérito individual de cada alma (“A cada um segundo suas obras”, proclamou Jesus).

Sobretudo pelo amor do Pai pelos Seus filhos – nós –, se erramos numa ou mais existências, não estaremos condenados ao “fogo eterno”, mas sim, teremos todas as oportunidades necessárias ao ressarcimento de eventuais erros, na(s) vida(s) futura(s). Esse o “Objetivo da encarnação”, de que trata a questão 132 de *O Livro dos Espíritos*. Essa, a senda inexorável rumo ao progresso moral, morada da felicidade, finalidade precípua para a qual fomos criados.

✘

A propósito do tema “reencarnação”, peço licença para transcrever abaixo uma questão que consta do meu livro *Genética... além da biologia*¹⁹ :

“Como o Espiritismo explica que doenças graves, letais, algumas vezes se manifestam até mesmo em nascituros ou em crianças?

– Quanto a adultos, sabemos que doenças em geral são resultantes de agressões físicas sofridas pelas células somáticas, ao longo da vida do indivíduo, daí resultando desarranjos no genoma (em células específicas da área física injuriada). No câncer, por exemplo, essas células são induzidas a se reproduzirem descontroladamente, numa ‘clonagem indesejável’”.

Inserimos aqui, como conjectura, que além das auto-agressões ao corpo, há o contexto espiritual, pelo qual o transgressor das leis morais, por atos de intemperança, agride também ao seu perispírito, mentalmente, por reverberação, com reflexos danosos nos vários departamentos do seu corpo, os quais evidenciarão repercussões infelizes, via de regra, em existências futuras.

Essa é uma explicação que trilha pela lógica e pela justiça divina e que pode perfeitamente justificar o surgimento de doenças graves em pessoas (bebês, crianças ou adultos) que na atual existência nenhuma transgressão tenham cometido.

Nós, espíritas, acreditamos que tais agressões formam as chamadas “matrizes psíquicas” no DNA das células, de onde, naquela existência ou quase sempre em outra futura, poderá eclodir uma deficiência física ou mental, como, por exemplo, o câncer ou a Síndrome de Down.

19. *Genética... além da biologia* (Belo Horizonte, Fonte Viva, 2004).

Estamos, com isso, lucubrando sim, que o DNA tem sua matriz no astral e que passa de encarnação para encarnação. Sustenta-nos o saudoso professor Carlos Torres Pastorino, na sua (infelizmente esgotada) monumental obra *Técnicas da mediunidade* (ensaio).

Por fim, reduzindo os termos, temos que as doenças graves, na verdade, além de constituírem purificação orgânica, na maioria dos casos espelham purificação espiritual.

Mas ninguém que tenha sido alcançado pela dureza do sofrimento deve permitir que isso lhe roube o sabor sutil da feliz essência que é estar vivo.

COMPROVANTE CIENTÍFICO DA REENCARNAÇÃO

Dirigi essa conjetura a dois consagrados espíritas e ambos, conquanto a considerassem viável, sugeriram que fosse encaminhada à Federação Espírita Brasileira, o que fiz.

Sem mais demora, eis o que matutei. Ao escrever o livro *Genética e Espiritismo*²⁰, no item “DNA e Reencarnação”, às págs. 34-40, reproduzi várias informações sobre a imortalidade da parte astral do DNA. Daí fiquei a imaginar a proposição que, talvez, pelas estruturas dos genes e particularmente do DNA (via genoma), a ciência possa definitivamente comprovar a reencarnação *in vitro*, isto é, pelo método laboratorial de pesquisa, comprobatório, irrefutável e universal.

Para tanto, necessário seria colher material de alguém desencarnado e comparar esse DNA com o de alguém que, hoje, reencarnado, seja supostamente aquele indivíduo.

Apenas como exemplo: há em Uberaba/MG, o Hospital do Fogo Selvagem, onde tempos atrás, em visita, o nosso Chico

20. Rio de Janeiro, FEB, 1996.

Xavier confidenciou que um dos internos era a reencarnação de um personagem (famoso quanto infeliz) da 2ª Guerra Mundial...

Se fosse possível oficialmente coletar um fio de cabelo dos despojos de ao menos um desses personagens e compará-lo com o DNA dos ora encarnados, quem sabe seriam coincidentes...? Lembro que há alguns anos, nos EUA, foi examinado um fio de cabelo de Lincoln e afirmou-se que ele sofria de doença respiratória, fato que nem todos os biógrafos do grande presidente norte-americano registraram.

Assim, isso de coletar DNA de vultos históricos não será novidade, nem profanação. Seria, a meu ver, o casamento ideal do Espiritismo com a ciência, preconizado por Kardec e defendido por Einstein.

Sabendo caríssima tal pesquisa, imaginamos que só mesmo poderia realizá-la alguma entidade científica (Fundação, Faculdade etc.).

A bem da verdade: minha lucubração sobre o DNA-imortal, como elemento probante, terreno-científico, da reencarnação, deriva-se e se escora na já citada obra de Torres Pastorino (*Técnicas da mediunidade*), quando aventou (como ensaio) que o DNA comprova as leis divinas...

Capítulo 6

Vida espírita

INTERESSANTE: O capítulo anterior era formado de apenas uma questão, ao passo que este tem mais de 100 questões, o que bem demonstra a importância que a ele Kardec conferiu. Não que o anterior ou qualquer outro tivesse menor importância, mas é que este, pelo que se nota, se reveste mesmo de maior transcendentalidade.

Atualmente, os espíritas têm à sua disposição milhares de obras relatando detalhes da vida espiritual.

– Quantos teriam se detido a investigar as dificuldades encontradas pelo codificador, no meio do século 19, para elaborar perguntas aos Espíritos, concatenar as respostas dos Espíritos, obtidas por vários médiuns e com a massa de informações à mão, filtrá-la o suficiente para que, codificando-a, lançasse ao futuro tão valiosas sementes?

Digo sementes porque, rigorosamente, todos os livros que hoje constituem a literatura espírita propriamente dita, isto é, pós-Kardec, nele têm respaldo, dele guardam as premissas – mormente, quando a ação se desenrola no plano espiritual.

É verdade que algumas obras, quais muitas que o involvidável Chico Xavier psicografou, ao tratar de como é a vida “do lado de lá”, acrescentaram notícias e informações inéditas. É verdade. Mas Kardec, especialmente aqui, desponta como o pioneiro de uma

sublime era: a chegada à Terra do Consolador prometido por Jesus – a Doutrina Espírita. Consolando e instruindo, o Espiritismo particulariza o que acontece quando o encarnado transpõe a inexorável fronteira terrena e adentra na espiritual, onde continuará vivendo...

Como se vê, há neste capítulo informações imperdíveis para todos os encarnados!

Feitas as primeiras reflexões, eis o que os Espíritos enunciaram a Kardec sobre como é a vida espírita.

Por oportuno, registro que não se aplicam para os Espíritos puros todas as reflexões seguintes, pois sua evolução moral situa-os muito além das proposições humanas. Basta dizer, como exemplo, que vêem e compreendem a Deus, segundo a questão 11, de *O Livro dos Espíritos*.

ESPÍRITOS ERRANTES (QUESTÕES 223 A 233)

Desencarnada, a alma passa a ser *Espírito errante*, havendo-os de todos os graus evolutivos. Quando se diz *Espírito errante* se está referindo ao Espírito desencarnado, isto é, que está temporariamente na “erraticidade” e que deverá reencarnar, em breve ou longo tempo. Espíritos puros não são *Espíritos errantes*.

Após a desencarnação o Espírito pode reencarnar imediatamente ou demorar longo intervalo. Tais períodos são, às vezes, “de algumas horas a alguns milhares de séculos” (questão 224a).

Sempre progridem os *Espíritos errantes*, ouvindo, aprendendo e, ao se darem conta de suas imperfeições, buscam a vida corporal para nela colocarem em prática o aprendizado.

MUNDOS TRANSITÓRIOS (QUESTÕES 234 A 236E)

Mundos transitórios têm superfície estéril, inadequada à vida terrena, mas propícia aos seres incorpóreos, que de nada

precisam. São mundos para estágios dos *Espíritos errantes*, que ali se refazem, habitando-os temporariamente.

Os Espíritos que neles habitam continuam progredindo e se instruindo. Podem deixá-lo quando quiserem.

Nesses mundos também há belezas naturais. A Terra, nos seus primórdios, foi um mundo transitório.

PERCEPÇÕES, SENSACIONES E SOFRIMENTOS DOS ESPÍRITOS (QUESTÕES 237 A 256)

O Espírito desencarnado conserva as mesmas sensações terrenas, acrescidas de outras, pois a perda do invólucro carnal dá-lhe maior liberdade: a visão, por exemplo, reside toda nele e não apenas no equipamento ótico; tem luz própria e por isso para ele não há treva, exclusive quando em expiação. Perde a noção terrena do tempo cronológico, já que na espiritualidade outras são as condições existenciais, quando a própria memória faz incursões no passado.

Dependendo do seu adiantamento, os *Espíritos errantes* são sensíveis à música e às belezas da natureza, que no plano extrafísico são superiores ao físico. O repouso, para eles, não ocorre em razão de cansaço, mas sim para dar trégua aos pensamentos, que temporariamente ficam menos ativos.

O remorso leva o Espírito a sentir angústias morais; quanto à dor, fome, frio, calor etc., isso retrata reminiscências da vida terrena dos *Espíritos errantes* involuídos, manifestando-se no perispírito, sede das sensações.

ENSAIO TEÓRICO DA SENSACÃO NOS ESPÍRITOS (QUESTÃO 257)

Aqui Kardec discorre longamente sobre a dor que se manifesta no corpo (físico), lucubrando que o perispírito é o agente principal das sensações exteriores.

Adverte o mestre lionês para que não se confunda sensações do perispírito com as do corpo. Estas últimas servem apenas como parâmetro, jamais por analogia, isto é, as impressões de dor ou de desconforto que o perispírito do *Espírito errante* registra fazem parte de um vago sentimento íntimo, sendo mais uma reminiscência do que uma realidade. Numa palavra: é uma impressão que se materializa, fato que poderia perfeitamente não ocorrer...

Cita como exemplo o caso dos suicidas, nos quais permanece incompleta a separação do corpo ao perispírito, causando repercussão neste, daquilo que acontece com os despojos. (Essa é, talvez, de todas as infelicidades, a maior: o suicida ficar preso à desintegração dos despojos carnis, testemunhando que a vida continua...).

Um elementar exemplo pode facilitar a compreensão de que a sede das sensações é mesmo o perispírito, pois em duas situações com encarnados isso resta comprovado: a ação da anestesia num paciente desloca, respectivamente, por um período de tempo, a contraparte astral na região ou, se a anestesia for total, todo o perispírito, permanecendo este, contudo, ligado ao corpo físico pelo cordão fluídico, pois do contrário ocorreria a morte (a esse respeito há interessante explicação do Espírito André Luiz, no livro *Evolução em dois mundos*²¹, psicografado por F. C. Xavier e W. Vieira, reportando o desligamento das regiões do corpo espiritual correspondentes nos tecidos orgânicos); em várias situações de coma, ao cessar tal estado alterado, o paciente narra que nada sentiu com referência a vários procedimentos médicos realizados até mesmo sem anestesia e há casos em que, desdobrado, “assiste” a tais procedimentos.

Neste capítulo, Kardec relembra que o perispírito é retirado de matéria da psicofera do mundo em que o Espírito irá reencarnar.

21. Rio de Janeiro, FEB, cap. 16 da 1ª Parte.

Finalizando tão oportunas ilações dessa única questão, retransmito o que Kardec disse sobre suas pesquisas com milhares de Espíritos desencarnados:

“(…) notamos sempre que os sofrimentos estão relacionados à conduta que tiveram na vida corpórea da qual sofrem as conseqüências, e que essa nova existência é fonte de uma felicidade indescritível para aqueles que seguiram o bom caminho. Deduz-se que sofrem porque merecem e só podem queixar-se de si mesmos, tanto neste quanto no outro mundo”.

ESCOLHA DAS PROVAS (QUESTÕES 258 A 273)

Antecedendo à reencarnação, o Espírito pode escolher o gênero de provas a que será submetido. Isso devido ao seu livre-arbítrio. Quando reencarnar, o que suceder, nem sempre terá sido escolhido por ele, pois ninguém pode prever o futuro. Muitos acontecimentos surgem de atos do dia-a-dia. As primeiras existências do homem são “monitoradas” por Espíritos protetores. Há existências que podem ser impostas, pelas leis divinas, isso estritamente em favor do Espírito mergulhado em erros. Essa imposição funciona qual freio em prolongadas existências aplicadas ao mal. Nascer entre viciados, ricos, ladrões etc., representa dura provação a que o Espírito será submetido, isto é, aproximar-se desse clima, sem dele fazer parte. Aliás, até depois de reencarnar, o Espírito pode influenciar na escolha de suas provações.

Sobre a questão 272, Kardec comenta “a ferocidade dentro da civilização” de alguns homens... Nos nossos dias (já no século 21), em que o terrorismo internacional vem realizando atos de incrível barbárie, parece que os terroristas procedem de mundos

inferiores à Terra. Estão tendo sua oportunidade de evolução e a estão desperdiçando. Pelos ensinamentos dos Espíritos, sobre a Lei do Progresso, retornarão eles aos mundos de onde vieram, ou a outros mais áspersos, nos quais ainda não há a civilização, que ajudarão a erguer, no trabalho dos milênios. Ademais, esticando minhas reflexões, imagino seguramente que os terroristas-suicidas da atualidade (mormente os infelizes acontecimentos posteriores ao 11 de setembro de 2001 – derrubada das “torres gêmeas” World Trade Center, de Nova York, por aviões seqüestrados), ao desembarcarem no plano espiritual, não encontrarão as benesses com as quais contavam. Por seu ato estagiarão em dolorosos e prolongados períodos, pelas paisagens umbralinas. Aí, seu Espírito, tomando ciência das dores causadas a tantos pelo seu ato infeliz, terão fortemente impressas no perispírito as “matrizes psíquicas” de tão grande equívoco. Numa próxima existência, esse atavismo (ensinamentos duramente adquiridos pela pedagogia da dor, a mais eficiente de todas as professoras), por certo será poderoso desestímulo à repetição de erros tão nefandos.

Acredito que talvez seja permitido supor que antes do término do século 21, o atual cenário de turbulência internacional desaparecerá da face da Terra... Nesse futuro, o planeta já estará algo mais próximo do estado de regeneração. E que os terroristas, em outros mundos ou aqui mesmo, estarão recebendo ou já receberam as duras, mas proveitosas lições no plano espiritual. Sem citar países, todos sabemos de bolsões de generalizada e extrema pobreza, onde a mortalidade infantil se mostra cruel aos olhos dos homens. Contudo, vista da espiritualidade protetora, a vida física curta quase sempre sinaliza bênção para refazimento de perispíritos altamente danificados, seja de Espíritos endurecidos, empedernidos ou malvados, ou, no caso do sacrifício do próprio corpo físico, com objetivo de matar inimigos.

RELAÇÕES APÓS A MORTE (QUESTÕES 274 A 290)

No plano espiritual, a autoridade moral é irresistível. Lá, inclusive, predomina a afinidade e os Espíritos da mesma categoria reúnem-se em famílias ou grupos.

Espíritos “pequenos” na Terra, quando desencarnados, podem ser elevados... Os bons Espíritos podem ir a toda parte, já os menos elevados sofrem restrições.

Os Espíritos se comunicam pelo fluido universal, que transmite o pensamento, o qual não pode ser disfarçado.

Ao desencarnar, o Espírito quase sempre tem alguém à sua espera: se justo, os que o amam se confraternizam com seu regresso; já os Espíritos pouco evoluídos, igualmente encontrarão desafetos ou inimigos aguardando-o, para ajuste de contas...

RELAÇÕES DE SIMPATIA E ANTIPATIA ENTRE OS ESPÍRITOS. METADES ETERNAS (QUESTÕES 291 A 303A)

Espíritos sentem afeições ou ódio, segundo tenham ou não elevação moral. Muitas animosidades no plano espiritual se desfazem logo, pois os Espíritos compreendem que tudo não passou de tolices ou melindres, recíprocos.

Não existe metade de Espírito (nem eterna, nem temporária...). A expressão “alma gêmea”, empregada por alguns, é absolutamente imprópria. Pode, sim, haver simpatia entre dois Espíritos, mas creio que existe uma tendência para que o amor seja universal – de todos para todos e tudo –, jamais particularizado.

LEMBRANÇA DA EXISTÊNCIA CORPORAL (QUESTÕES 304 A 319)

Desencarnado, aos poucos o Espírito vai tendo acesso a recordações e a particularidades de algumas vidas passadas. As existências primitivas se perdem na noite do esquecimento. O

corpo físico que acaba de deixar passa a ser considerado como uma veste apertada que o molestava.

Aqui, a expressão “veste apertada” deve ser vista como símbolo da liberdade do Espírito, pela morte física, semelhante ao pássaro que deixa a gaiola. Na verdade, o corpo físico é invólucro maravilhoso, engendrado por Deus, inapreciável bênção para que o Espírito consiga realizar seu progresso moral.

Quanto mais evoluído for o Espírito, ao desencarnar menos memória terá dos seus pertences materiais. Trabalhos de arte ou literatura interrompidos pela morte não são alvo de lamento ao Espírito que compreende que serão completados ou refeitos por outros Espíritos, encarnados.

COMEMORAÇÃO DOS MORTOS. FUNERAIS (QUESTÕES 320 A 329)

Para nós, espíritas, o “Dia de Finados” não representa necessariamente um marco, conquanto mereça nosso maior respeito, tanto pelos encarnados que a ele se devotam, quanto pelos desencarnados, que nele são alvo de gestos de saudade e amor.

E não desconhecemos que a maioria dos Espíritos desencarnados, egressos desse nosso mundo de provas e expiações, aprecia a lembrança que naquele dia lhe dedicam os parentes e amigos, junto aos respectivos túmulos, fato que os alegra e lhes causa bem-estar.

Contudo, sem a dimensão de data ou lugar, entendemos e sentimos que a prece santifica a lembrança e assim, todos os dias, onde quer que seja, uma prece sincera dirigida ao ente que partiu será a melhor de todas as demonstrações de carinho, amizade e amor que lhe devotamos.

Encerrando este longo capítulo, Kardec comenta que estátuas ou monumentos erguidos em memória de alguns vultos não lhes agradam tanto como a lembrança.

Algumas vezes, o Espírito assiste ao próprio enterro, outras vezes fica perturbado; quase sempre assiste à reunião dos seus herdeiros e aí julga qual a consideração que tinham por ele; nesses momentos, a cobiça dos que ficaram costuma produzir decepções naquele que partiu...

Retorno à vida corporal

JÁ ESTUDEI *O Livro dos Espíritos* várias vezes, ora em particular, ora em grupo, ora num determinado tema, ora a obra inteira...

O médium Divaldo Franco, ao que sei, foi o primeiro espírita a declarar, alto e bom som, já ter lido dezenas de vezes essa obra e que, no entanto, a cada releitura, novos aprendizados vai colhendo...

Continuando minhas reflexões, reitero que é impressionante a atualidade desse sublime livro, pois não é que agora se nos deparam temas ligados às atualíssimas descobertas da biologia molecular (biogenética)? Senão vejamos.

PRELÚDIO DO RETORNO (QUESTÕES 330 A 343)

Todos os Espíritos, como, aliás, todos os seres vivos, estão inexoravelmente destinados à evolução. Disso não há dúvida. Os Espíritos desencarnados pressentem a chegada da hora de retornar às lides físicas, assim como um cego se aproxima de uma fogueira e sente o calor. A junção Espírito-corpo é atribuição de Espíritos elevadíssimos, sendo que o reencarnante, em razão do seu progresso e do decorrente merecimento, pode sugerir esta ou aquela particularidade física. O atendimento à sua pretensão está

diretamente vinculado ao seu passivo espiritual (débitos/créditos) e os fatos mais importantes da futura existência terrena constituem o chamado “programa reencarnatório”. Esse programa não é um trilho – é uma trilha –, eis que o livre-arbítrio do Espírito pode modificá-lo, para melhor, ou, infelizmente, para pior...

É lógica a dedução que Espíritos muito atrasados não têm condições sequer de pedir ou pensar em detalhes da própria reencarnação. Nesse caso, os Espíritos bondosos, disso encarregados, elaboram referido programa por ele, invariavelmente atendendo às melhores e possíveis condições de executá-lo.

Reflico que, em sentido figurado, nascer na Terra corresponde a morrer no plano espiritual, algo assim como sair da liberdade e ingressar na escravidão.

UNIÃO DA ALMA E DO CORPO. ABORTO (QUESTÕES 344 A 360)

Eis aqui uma transcendental informação dos Espíritos superiores (questão 344):

“– A união começa na concepção, mas só se completa no instante do nascimento. No momento da concepção, o Espírito designado para habitar determinado corpo se liga a ele por um laço fluídico e vai aumentando essa ligação cada vez mais, até o instante do nascimento da criança”.

Durante a gestação o feto não tem, propriamente falando, uma alma, não obstante encontrar-se ligado à alma que virá a possuir.

Mortes prematuras evidenciam imperfeições da matéria. Quase sempre constituem provas para os pais.

Nessa questão de mortes prematuras, ou mesmo de morte de crianças com pouca idade, é ensinamento espírita que em

alguns casos isso constitui reconstituição do perispírito que tenha sofrido lesão grave, com desagregação parcial, decorrente, por exemplo, nos casos de suicídio, quando o corpo é destruído por veículos pesados; ou numa outra hipótese, quando o Espírito de tal forma promoveu maldades, que sua vestimenta perispiritual se danifica seriamente.

Nesses casos, no período da gestação, o incomparável auxílio psicodinâmico maternal já estará proporcionando início da citada recuperação. Como se vê, do mal Deus tira um bem!

Da concepção ao nascimento, a maioria dos Espíritos se iguala àquele que dorme; depois, ao despertar, só aos poucos recobra a consciência (da tenra idade à fase plena da consciência).

FACULDADES MORAIS E INTELLECTUAIS DO HOMEM (QUESTÕES 361 A 366)

Boas qualidades morais evidenciam um Espírito evoluído; más, um Espírito com pouca evolução moral. Homens inteligentes há que não têm evolução moral, mas como todos progridem, também eles, um dia, serão bons.

Cada Espírito é um ser individual, que não obstante, para sua marcha evolutiva, reencarna diversas vezes, daí resultando que em cada existência terrena seja um homem (corpo) diferente da vida anterior. As qualidades morais do Espírito também mudam de existência para existência, em razão dos atos realizados e das experiências vivenciadas.

INFLUÊNCIA DO ORGANISMO (QUESTÕES 367 A 370)

A matéria, de certa forma, cerceia a liberdade do Espírito, mas não lhe retira nenhuma faculdade que lhe seja própria. O Espírito encarnado sofre ação igual a de alguém que esteja andando

no barro. Predisposição e situação dos órgãos físicos de cada ser evidenciam *feito*, cuja *causa* necessariamente só pode estar em vidas passadas. Isso se refere mais a dificuldades físicas. Nada objetiva, porém, que Espíritos adiantados aceitem, como missão, reencarnar com essa ou aquela deficiência.

OS DEFICIENTES MENTAIS E A LOUCURA (QUESTÕES 371 A 378)

Longe de espelhar natureza inferior, a alma dos seres com deficiências cérebro-mentais até evidenciam Espírito de grande inteligência, em provável resgate de mau emprego dela. Podem ser comparados a um excelente músico que, irresponsável, só dispõe de um instrumento defeituoso – permanece músico excelente, mas não produzirá boa música... Essas expiações lhes são benéficas por imporem temporário impedimento de novas quedas, ao tempo que proporcionam tempo para novas disposições, visando a progredir.

INFÂNCIA (QUESTÕES 379 A 385)

É engano pensar que as crianças têm Espírito mais novo do que o dos adultos, pois, não raro, dá-se o contrário. O organismo infantil, pela engenharia divina, é que oferece obstáculo à manifestação plena do potencial espiritual da criança.

A infância pode ser comparada a um período de repouso para o Espírito, que nada tem com que se preocupar, atribuição essa dos pais. Aliás, é na fase infantil que o Espírito se torna delicado, brando e acessível a novas impressões, e que constitui obrigação dos pais proporcionar-lhe mais adiantamento, pela educação e pelos exemplos.

Quando chega o período da adolescência e daí à frente, o Espírito muda o caráter, eis que passa a se mostrar como realmente é,

não mais com a inocência infantil, que encobria suas tendências. O toque e a carência da infância despertam os cuidados e o amor dos pais, o que demonstra a Suprema Sabedoria e Bondade de Deus, unindo amorosamente num mesmo teto Espíritos por vezes inimigos ou mesmo de hábitos totalmente diferentes. De outra forma isso não seria possível. Essa a bênção maior do instituto familiar: palco de reajustes!

SIMPATIA E ANTIPATIA TERRENAS (QUESTÕES 386 A 391)

Conquanto não se reconheçam, não é raro dois seres se encontrarem e de imediato sentirem simpatia ou antipatia, recíprocas, isso evidenciando circunstâncias de vidas anteriores. Por outro lado, nada impede que haja simpatia/antipatia em Espíritos que não se conheçam, tão logo se aproximem: impera aí, em ambos, a sintonia ou repulsa fluídica, segundo o patamar vibracional de cada um.

A antipatia recíproca tanto pode acontecer entre Espíritos bons como maus. No primeiro caso, o mais evoluído providenciará reconciliação. No caso de apenas um ser bom, isso sinaliza que ele capta más vibrações e se afasta do mau por quem ora, sem recriminá-lo.

ESQUECIMENTO DO PASSADO (QUESTÕES 392 A 399)

Benção das bênçãos divinas, o esquecimento do passado tem sido freqüentemente ignorado como tal pelos homens, muitos dos quais buscam mergulhar no passado, através a chamada TVP – Terapia de Vidas Passadas...

Palavras de Kardec (questão 394):

“(…) A lembrança de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, nos

humilhar muito; em outros, exaltar nosso orgulho e, por isso mesmo, dificultar nosso livre-arbítrio. Deus deu, para nos melhorarmos, exatamente o que é necessário e basta: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, privando-nos do que poderia nos prejudicar. Acrescentemos ainda que, se tivéssemos lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos outros, e esse conhecimento poderia ter os mais desastrosos efeitos sobre as relações sociais”.

Aliás, amiúde é possível o próprio indivíduo (que se baseie nas coordenadas das vidas sucessivas) conhecer o que foi: aquele que vivencia determinada expiação, por si só infere sobre o gênero de sua(s) existência(s) anterior(es). Isso, porém, não pode ser tido à conta de regra absoluta. As tendências instintivas são o meio mais seguro para essa auto-radiografia do nosso passado...

Como simples roteiro, nada absoluto, das vicissitudes e das provas que sofre o indivíduo, ele pode alcançar esclarecimento acerca do que foi em razão do que agora é... Por exemplo: o orgulhoso será castigado no seu orgulho, mediante a humilhação de uma existência subalterna; o mau-rico (avarento), pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas dores que sofrer; o tirano, pela escravidão; o filho ingrato, pela ingratidão de seus filhos; o filho mau, pela orfandade; o preguiçoso, por um trabalho forçado etc.

Capítulo 8

Da emancipação da alma

PARECE-ME QUE KARDEC ousa bastante neste capítulo ao pesquisar o transcendental mecanismo pelo qual o ser – o Espírito imortal – se desdobra em situações ora rotineiras (sono/sonhos), ora anormais (letargia, catalepsia etc.).

Ousa porque vai além: indaga dos Espíritos que o arrimaram na codificação do Espiritismo o que, exatamente, ocorre com a alma, nessas ocasiões.

As respostas deixaram entrever, em síntese, que:

O SONO E OS SONHOS (QUESTÕES 400 A 412)

O Espírito encarnado sente o invólucro físico como uma roupagem grosseira, da qual gostaria de logo se ver livre...;

No sono, o Espírito se lança no espaço e vai ao encontro de outros Espíritos; tal evento é similar ao sentido durante algum tempo após a morte;

Pelos sonhos é possível inferir que os Espíritos têm mais aguçados os sentidos; há atração, seja entre afetos e desafetos, segundo a prioridade subconsciente daquele que mantém vivas em sua memória, amizades ou inimizades, geralmente de vidas passadas;

Os Espíritos, durante o sono, desligam-se da matéria e se relacionam com seus pares na espiritualidade;
Pesadelos sinalizam encontros com Espíritos maléficos: na resposta à questão 402 está registrado que eventualmente o Espírito clarividente chega até a vislumbrar fatos e paisagens de outros mundos;
As preocupações da vigília, quase sempre, determinam nossos sonhos;
Às vezes, a atividade do Espírito emancipado do corpo físico pode onerar este, qual balão cativo ao poste que, ao oscilar, nele produz vibrações.

VISITAS ESPÍRITAS ENTRE PESSOAS VIVAS (QUESTÕES 413 A 418)

O capítulo trata da emancipação da alma – de encarnados – e neste item está a consoladora e auspiciosa informação de que pessoas que estão dormindo podem se encontrar no plano espiritual e que isso acontece freqüentemente;
Embora Kardec focalize apenas encontros entre amigos, nada objeta se inferir que o mesmo processo se dá entre inimigos...;
Várias pessoas que no passado se relacionaram podem, também, encontrar-se durante o sono e formar assembléia(s).

TRANSMISSÃO OCULTA DO PENSAMENTO (QUESTÕES 419 A 421)

No sono, a comunicação entre Espíritos é tão ou mais intensa que na vigília, daí decorrendo que simultaneamente

te muitos podem ter acesso a determinada informação e divulgarem-na, ao mesmo tempo;
Há casos em que na vigília duas pessoas se encontram e sem pronunciarem palavra, entendem-se perfeitamente.

Talvez tais acontecimentos possam ser enquadrados como reflexos de programação pré-reencarnatória, abrangendo os Espíritos que não necessitam de sinais ostensivos da linguagem para se entenderem; como exemplo, dentre muitos possíveis, nada objeta inferir que é o que acontece no chamado “amor à primeira vista”.

LETARGIA, CATALEPSIA, MORTES APARENTES (QUESTÕES 422 A 424)

Em tais estados, os pacientes têm o corpo sem condições de ação; não obstante, de retorno à normalidade física, declaram que tudo o que se passava à sua volta foi testemunhado por eles; isso vem demonstrar que além do corpo, no caso inerte, há algo além dele – o Espírito.

A medicina não conseguiu ainda explicar o mecanismo de tais estados alterados do organismo; talvez o mesmo possa ser dito do coma natural ou induzido, do resfriamento controlado e até mesmo da própria anestesia geral; para nós, espíritas, compreendendo que nessas situações a alma está afastada do corpo, a ele se mantendo ligada pelo cordão fluídico, resta ainda uma vez sermos gratos à engenharia divina, que nos contemplou com a possibilidade de baixa extrema do metabolismo, sem provocar a morte.

SONAMBULISMO (QUESTÕES 425 A 438)

Eis aqui uma palavra que ainda não foi devidamente explicada perante grande parte dos espíritas. De minha parte, formulo

um ligeiro ensaio, propondo que o termo sonambulismo seja empregado apenas no sentido amplo dessa palavra e que quando se tratar de atividade mediúnica seja substituído por transe mediúnico.

No livro *Magnetismo espiritual*²², de Michaelus está a notícia de que desde o século 18 foram propostas várias outras palavras para diferenciar o sonambulismo natural (patológico) do sonambulismo magnético (o “magnético” aqui empregado se refere a “mediúnico”...). Nenhuma dessas propostas prosperou. Nem imagino também que a minha venha a prosperar. Assim, na vigência do termo sonambulismo, reduzindo os termos, para não me alongar, cito sua definição e algumas espécies de sonambulismo, aditando pequenos detalhes de cada um.

O sonambulismo (patológico ou natural) é o relatado pela medicina, sobretudo em crianças e em jovens, que apresentam, de maneira desconexa, movimentos automáticos durante o sono (agem, caminham, falam), dos quais não se recordam ao acordar.

Para a Doutrina Espírita, o fenômeno sonambúlico, que atualmente tem conotação de desdobramento – liberdade parcial do Espírito, que fica ligado ao corpo físico pelo cordão fluídico – pode ser inserido em três focos:

sonambulismo imperfeito: a alma, quando em sonhos;
sonambulismo natural: a alma tem maior liberdade do que no sonho, eis que domina por completo o ambiente em que se encontra e suas faculdades são exercidas em plenitude;
sonambulismo magnético: é o mesmo estado do sonambulismo natural, com a diferença de ter sido provocado; ora: se é “provocado”, melhor seria empregar o termo hipnose, em vez de “sonambulismo provocado”.

22. Rio de Janeiro, FEB, 1991, pág. 179.

À questão 431 Kardec registra:

“A experiência mostra que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos que lhes transmitem o que devem dizer e suprem sua insuficiência. Isso se vê especialmente nas prescrições médicas: o Espírito do sonâmbulo vê o mal, um outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação é algumas vezes evidente e se revela, de forma clara, por essas expressões bastante freqüentes: dizem-me para dizer, proibem-me de dizer tal coisa. Nesse último caso, há sempre perigo em insistir para obter uma revelação recusada, visto que então são apanhados por Espíritos levianos que falam de tudo sem escrúpulo e sem se preocuparem com a verdade”.

Há já 30 anos vem sendo praticado, por enquanto por poucos grupos mediúnicos, um processo de diagnóstico espiritual, denominado apometria (do grego *apo*, fora de e *metron*, medida)²³, no qual médiuns especializados se prestam a auxiliar pessoas com problemas obsessivos graves. Desejável no grupo a presença de médicos-médiuns. Esse processo ainda não tem a universalidade que caracteriza os ensinamentos dos Espíritos (manifestação simultânea em vários lugares); no entanto, é de todo possível que venha a se generalizar, tendo em vista os bons resultados já alcançados pelos que o praticam.

Trataremos do sonambulismo ainda nos próximos subitens.

ÊXTASE (QUESTÕES 439 A 446)

Há outro possível foco para o sonambulismo: o êxtase, que se caracteriza por um estado moral mais depurado, permitindo

23. Mais detalhes sobre o assunto, veja Vitor Ronaldo Costa, *Apometria – novos horizontes da medicina espiritual* (Matão, Editora O Clarim, 1997).

inclusive que o extático até vislumbre a felicidade de mundos superiores.

Kardec consignou recomendação de que o extático deva ser compelido a voltar à normalidade, eis que, teimando em permanecer no êxtase da visão dos mundos felizes, isso poderia até provocar sua desencarnação.

DUPLA VISTA (QUESTÕES 447 A 454A)

A dupla vista, objetivamente, representa a visão espiritual, o que a alma vê, fato muito comum em mundos mais adiantados moralmente do que a Terra. Ela pode emergir em situações extremas, como proximidade de perigo, na moléstia ou numa grande comoção.

Os pressentimentos, quase sempre, se justificam pela segunda vista e são dos mais expressivos fenômenos espirituais tidos à conta da emancipação da alma, no estado de vigília, no qual quem possui a dupla vista vê, ouve e sente além dos limites dos sentidos humanos. Cito um belo exemplo:

“Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), que previra com muita antecedência a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), nos meados de outubro do ano de 1918 estava lecionando, no interior do Estado de Minas Gerais quando, em meio a uma aula, entrou em transe sonambúlico e viu no Palácio de Versalhes, na célebre Sala dos Espelhos, na França, o Tratado de Paz com a assinatura de líderes políticos – assinaturas que lhe foi dado ler: Clemenceau, Presidente Wilson, e outros. Ao abrir os olhos, relatou aos alunos, emocionado, o que vira: ‘– Graças a Deus, em breve o mundo estará em paz! Aguardemos’. Oito meses depois, em 28 de junho de

1919, o Tratado de Paz foi assinado – exatamente na Sala dos Espelhos, no Palácio de Versalhes...”²⁴.

RESUMO TEÓRICO DO SONAMBULISMO, DO ÊXTASE E DA DUPLA VISTA (QUESTÃO 455)

O sonambulismo é uma dessas questões que Kardec enquadrado como uma “faculdade da alma”, que os espíritas atualmente denominam “mediunidade de desdobramento”.

Convém frisar que até mesmo antecedendo a Kardec a ciência se ocupava do sonambulismo, considerando-o um transtorno do sono, contudo, dizendo que:

sonambulismo natural: em crianças e jovens, quase sempre, ou ainda por causas genéticas, manifesta-se por episódios repetidos de levantar da cama e deambular durante o sono, geralmente ocorrendo durante a primeira terça parte do principal episódio de sono; ocorre em ambos os sexos;

sonambulismo artificial: indução externa ao sono (hipnotismo, por exemplo); pode ser provocado por: abuso de drogas (álcool, sedativos etc.); efeitos fisiológicos provocados por medicamentos; bexiga distendida; farta alimentação antes de dormir; febre e privação do sono.

Ainda atualmente a ciência registra que durante o “transtorno do sonambulismo” ocorrem episódios repetidos de comportamento motor complexo: levantar da cama, andar, abrir armários e até portas, pular de janela, ir ao banheiro etc. Durante esses

24. Jorge Rizzini, *Euripedes Barsanulfo – o apóstolo da caridade* (São Paulo, Edições Correio Fraternal, 1979), págs. 74 e 75.

episódios, o indivíduo apresenta uma expressão facial vazia e fixa, praticamente não responde aos esforços de outros para se comunicarem com ele e pode ser despertado apenas com grande dificuldade. Ao despertar (do episódio de sonambulismo ou na manhã seguinte), o indivíduo tem amnésia para o episódio.

O Espiritismo, como já disse, trata do sonambulismo como um desprendimento da alma e o tem como uma luz lançada sobre a psicologia, facultando o estudo dela (alma), então emancipada do físico. Nesse estado a alma exercita a clarividência, que é um dos seus atributos exclusivos: “vê todos os lugares aonde possa se transportar, seja qual for a distância”; referindo-se ao próprio corpo, o sonâmbulo reporta que sua visão é proporcionada pelo cérebro ou pela região epigástrica.

A clarividência sonambúlica não é infalível: está sujeita ao grau evolutivo moral do sonâmbulo. O sonâmbulo utiliza a comunicação do seu fluido perispiritual com o fluido de outro Espírito, encarnado ou desencarnado, dispensando linguagem articulada. Uma assistência numerosa de espectadores do episódio, ou apenas de curiosos, pode prejudicar sensivelmente esse transe, qual acontece com a mão sobre a planta sensitiva, que se fecha com esse contato.

O sonâmbulo pode discorrer sobre matéria que desconheça, conhecimento esse que tenha eventualmente sido adquirido em outra existência. Pode ocorrer que Espíritos inferiores se aproveitem da fraqueza do sonâmbulo e por seu intermédio passem a emitir conceitos errôneos, absurdos, até ridículos; é quando, então, mais se justifica aquela que particularmente exalto como sendo a “lei áurea” da fé raciocinada: “Melhor repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa”²⁵.

25. Allan Kardec, Espírito Erasto, em *O Livro dos Médiuns* (São Paulo, Petit Editora, 2004), pág. 211.

Capítulo 9

Intervenção dos Espíritos no mundo corporal

DESDE QUE O MUNDO é mundo, o homem questiona se a vida continua após a morte e se de fato existem “outro mundo e outra vida” e como são as coisas por lá...

Século 19 indo a meio, lá se encontrava Kardec fazendo a mesma pergunta aos Espíritos amigos que, respondendo, como sempre demonstraram possuir bastante conhecimento, a par de elevação moral.

O título dado pelo mestre lionês ao presente capítulo registra, por si só, a resposta àquela milenar pergunta, a qual, aliás, subdivide-se em dezenas de “subperguntas”, que foram agrupadas em subitens.

As respostas patentearam que existe sim o “tal do outro mundo” e que os que lá habitam são os mesmos que aqui habitaram, considerando que “os de lá” influenciam grandemente “os de cá”: nós.

E mais: “do lado de lá” está a vida eterna e “do lado de cá”, as existências, embora múltiplas, que um dia cessarão...

Pela extensão deste capítulo (103 questões) sugiro aos leitores interessados uma visita ao original, que é um inestimável

tesouro de informações indispensáveis para o dia-a-dia, já que aqui estarei ofertando pobre amostra.

COMO OS ESPÍRITOS PODEM PENETRAR NOSSOS PENSAMENTOS (QUESTÕES 456 A 458)

Só o título deste item já traz à tona a transcendentalidade dos esclarecimentos espirituais: os Espíritos, querendo, vêem o que fazemos e conhecem nossos pensamentos – nada lhes escapa; obviamente, os bons Espíritos nos amparam e os levianos riem de nós.

INFLUÊNCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS SOBRE NOSSOS PENSAMENTOS E NOSSAS AÇÕES (QUESTÕES 459 A 472)

Vou reproduzir a questão 459, que considero importantíssima:

“Os Espíritos influem sobre nossos pensamentos e ações? – A esse respeito, sua influência é maior do que podeis imaginar. Muitas vezes são eles que vos dirigem”.

Quando pensamentos são formulados, é comum serem captados outros, que provêm de vários Espíritos.

O resultado indicará sempre qual a natureza da fonte: Espíritos imperfeitos induzem o homem ao mal para que sofra, como eles...

Tanto as boas sugestões, quanto as idéias malévolas que cada um capta, só serão assimiladas se lhes foram dada guarida, em sintonia com o pensamento do receptor.

POSSESSOS (QUESTÕES 473 A 480)

Como jamais dois Espíritos poderão coabitar num mesmo corpo físico, a possessão não existe; contudo, em termos espíritas,

denomina-se “possessão” quando um Espírito submete outro de tal forma que lhe anula a vontade.

A prece sincera, em vez de exorcismos, é o mais eficaz amparo a alguém que se encontre dessa forma obsedado por um Espírito infeliz.

CONVULSIVOS (QUESTÕES 481A 483)

Antes de anotar as respostas obtidas por Kardec, faço uma pequena ressalva: o termo “convulsionário” se reportava, àquela época, aos fanáticos franceses jansenistas²⁶, do começo do século 18, aos quais a exaltação religiosa causava convulsões.

A exaltação fanática: o sonambulismo provocado, a insensibilidade física, a leitura do pensamento, as crises com gritos e gestos – todas essas manifestações – põem a descoberto médiuns destrambelhados, que, de forma inconsciente e simultânea, podem produzi-las ou vivenciá-las.

Considerando que está no perispírito a sede das sensações físicas, pode-se inferir que a insensibilidade física (às torturas, por exemplo, como se vê em espetáculos públicos de suplícios) encontra explicação pelo “desdobramento” (parcial ou total – afastamento da porção etérea perispiritual) de quem a isso se presta. Tal demonstrador tem disposições naturais para tanto: é um médium.

AFEIÇÃO DOS ESPÍRITOS POR CERTAS PESSOAS (QUESTÕES 484 A 488A)

Tudo é uma questão de sintonia: os bons Espíritos se afeiçoam às pessoas de bom comportamento, ao passo que os Espíritos inferiores, aos homens viciosos.

26. Seguidores do Jansenismo, doutrina de Jansênio (1585-1638), que primava pela austeridade e rigor dos costumes.

Há casos em que o Espírito nutre afeição por alguém encarnado, como saldo de ligações afetivas de ambos, em vidas passadas.

As mazelas morais da humanidade afligem os bons Espíritos muito mais do que as dores físicas humanas, estas, episódicas, ao passo que aquelas se demoram nos homens...

Nossos parentes, se lembrados por nós, devotam-nos simpatia; se olvidados, olvidam-nos também...

Pode parecer estranha essa resposta. Mas não é: cabe aqui acrescentar que, pelas vidas sucessivas (reencarnações), o homem acumula inumeráveis existências corpóreas, daí resultando que há de ter pertencido e formado também incontáveis famílias. No estágio moral atual da humanidade, nada objetiva que, por enquanto, poucos ainda serão os Espíritos que têm apurado amor por todos os familiares aos quais um dia se uniu fisicamente...

ANJOS DE GUARDA; ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU SIMPÁTICOS (QUESTÕES 489 A 521)

Desde o nascimento, cada ser humano – selvagem, de inferioridade moral ou mesmo evoluído – tem um Espírito protetor (mais elevado moralmente do que ele) destinado por Deus. Esse bom Espírito acompanha seu protegido durante toda a sua existência terrena e por vezes prossegue amparando-o após a desencarnação. Nos lugares e nas situações mais difíceis da existência, jamais esse amigo se afasta daquele que protege. Isso é bênção inapreciável! Aconselha sempre a melhor conduta e se não é ouvido, jamais abandona o protegido: em respeito ao livre-arbítrio deste afasta-se até que o chame.

Aglomerções de indivíduos (sociedades, cidades, nações) têm também Espíritos que as protegem, desde que caminhem para o bem comum.

Além do Espírito protetor, nada objeta que o homem peça a assistência específica dos bons Espíritos, como por exemplo, no caso das artes em geral, das iniciativas que visem melhoria nessa ou naquela qualidade etc.

PRESENTIMENTOS (QUESTÕES 522 A 524)

O pressentimento pode ser considerado como um bom conselho dado por um Espírito amigo. Seja quanto ao adiantamento moral, quanto aos assuntos da vida particular, os conselhos solicitados aos Espíritos protetores poderão ser atendidos, desde que isso melhore a vida daquele que os requereu.

Assim, os termos “sorte”, “azar”, “destino”, “coincidência” e “acaso” foram banidos por Kardec do dicionário espírita...

INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS SOBRE OS ACONTECIMENTOS DA VIDA (QUESTÕES 525 A 535)

Os Espíritos têm ação sobre a matéria e assim, dentro das leis da natureza, podem influenciar determinados acontecimentos da vida. Três exemplos: o primeiro, o de um homem que sobe numa escada e esta estando podre se quebra, causando-lhe a morte; o segundo, o de um homem que se refugia da chuva debaixo de uma árvore e morre ali fulminado por um raio; o terceiro, o de alguém que tenta alvejar um homem, não o conseguindo.

Explicaram os Espíritos a Kardec que no primeiro e no segundo caso os desencarnantes foram inspirados/encaminhados para tais atos; já no caso do tiro ou os Espíritos inspiraram a idéia da vítima de se desviar ou então terão ofuscado o atirador, fazendo-o errar o alvo.

Ao contrário, as chamadas “balas perdidas”, que tantas vítimas têm provocado, podem ser enquadradas no mesmo mecanismo, só que com o sinal trocado...

Há Espíritos zombeteiros que se comprazem em nos causar aborrecimentos e isso nos oferta excelente ocasião para exercitar a paciência.

Lição inesquecível há aqui: do que parece um mal sairá um bem muito maior – quitação natural de débitos do passado...

AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE OS FENÔMENOS DA NATUREZA (QUESTÕES 536 A 540)

Em razão do terrível terremoto ocorrido no fundo do Oceano Índico, no dia 26 de dezembro de 2004, causando a morte de aproximadamente 224.000 pessoas de oito países (maioria das vítimas da Indonésia), por invasão litorânea de ondas gigantes (*tsunami*), registro dois trechos em resposta às questões:

“536. Os grandes fenômenos da Natureza, aqueles que são considerados como uma perturbação dos elementos, são de causas imprevistas ou, ao contrário, são providenciais?

– Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus. (...)

537 a. Pela mesma razão, poderia haver Espíritos vivendo no interior da Terra e dirigindo os fenômenos geológicos?

– Evidentemente esses Espíritos não habitam exatamente o interior da Terra, mas presidem e dirigem os fenômenos de acordo com suas atribuições. Um dia, tereis a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderéis melhor”.

Bem, de minha parte, apenas acrescento que tenho como inabalável certeza, compreensão e fé de que “Deus não coloca cruz em ombro errado!”

Assim, as incontáveis vítimas de tais acontecimentos estiveram submetidas à Lei divina de Justiça, a se evidenciar por causa e efeito – ação e reação.

Ademais, quem passa por tão grande expiação está se quitando de pesado débito e assim, emerge de tal resgate, liberto, pronto para alçar vôo feliz. Como se vê, de todo mal Deus tira mesmo o bem.

OS ESPÍRITOS DURANTE OS COMBATES (QUESTÕES 541A 548)

Nas guerras, há sempre o componente espiritual atuante: Espíritos existem que só se preocupam em provocar discórdia e destruição. Assim, ações bélicas, praticamente todas, têm a assessoria espiritual avalizando-as, o que é uma tristeza. Inclusive a insuflação de inimizades, em níveis coletivos (países).

Muitos mortos em combate, o mais das vezes, prosseguem no plano espiritual em combate, julgando-se “vivos” ainda. Aos poucos, porém, a realidade lhes surge.

PACTOS (QUESTÕES 549 A 550)

Não há pactos. Há sintonia... Daí que aquele que convocar Espíritos para que executem sua má intenção, atrairá maus Espíritos, que irão tentar ajudá-lo. Porém... conseguindo ou não, quem pediu se torna devedor de cobradores, geralmente cruéis, impuros. Esse acoplamento é inexorável.

PODER OCULTO. TALISMÃS. FEITICEIROS (QUESTÕES 551 A 556)

Fórmulas, palavras sacramentais, sinais cabalísticos ou talismãs não têm ação sobre os Espíritos. Nesses casos, o que

acontece é que o pensamento dos invocadores é que os atraem e não as coisas materiais.

Os chamados “feiticeiros”, agindo para o mal (na contramão do *Evangelho*), ou para o bem (ajudando pessoas que os procuram), nada mais são do que médiuns desequilibrados aqueles e ignorantes estes, agindo com assessoria competente de Espíritos com os quais se afinizam.

BÊNÇÃO E MALDIÇÃO (QUESTÃO 557)

Este item traz uma pergunta sobre a ação das bênçãos e maldições que são lançadas por pessoas, dirigidas a outras. A Lei divina de Justiça, ela é quem responde: bênçãos e maldições não conseguem, jamais, desviar a ação da Providência; as maldições apenas alcançam aqueles que as merecem, por serem maus e não estarem no caminho da justiça; a ação de uma maldição sobre alguém que tem reto proceder pode alcançá-lo, mas essa influência será passageira e ocorre a título de prova; Deus não permite injustiças, assim nenhum mal intentado contra um justo prosperará.

Capítulo 10

Ocupações e missões dos Espíritos

COMO SE PODE NOTAR, logo de início, o presente capítulo é reduzido (questões 558 a 584a), se comparado com o anterior. Não tem subtítulo (itens). Trata das atividades desenvolvidas pelos Espíritos (desencarnados e/ou encarnados): o que fazem, qual a finalidade, onde, como, quando, quanto, com quem.

É, pois, tema atraente, até porque tem sido e ainda continuará por muito tempo sendo alternadamente o destino que nos aguarda – a nós, ora encarnados –, no pendular movimento de reencarnar-desencarnar...

Nada melhor para posicionar o entendimento do que trata este capítulo do que reproduzir sua primeira questão:

“558. Os Espíritos fazem outra coisa além de se aperfeiçoar individualmente?

– Eles concorrem para a harmonia do universo ao executar os desígnios de Deus, de quem são os ministros. A vida espírita é uma ocupação contínua, mas não é sofrida, como na Terra, porque não há o cansaço corporal, nem as angústias da necessidade”.

Deve-se refletir que os Espíritos que têm competência para “executar os desígnios de Deus, de quem são os ministros”, necessariamente são aqueles considerados Espíritos puros²⁷.

Não obstante, Espíritos há que por sua inferioridade moral igualmente desempenham tarefas úteis. Num exemplo figurativo, pode-se comparar tais Espíritos com o profissional menos qualificado de uma construção, cuja participação, indispensável, aliás, se reveste de importância para o êxito da obra.

Há a considerar, ainda, que os Espíritos, no incessante progresso que as várias existências proporcionam, cada vez mais vão acumulando aprendizados diversos: certamente, por determinados períodos vão se especializando nesta ou naquela área, seja científica, artística, humanística, filosófica etc. Depois, encarnados ou desencarnados, irão solicitando e cumprindo missões a benefício da humanidade.

Pensando nas etapas do progresso, comparo o conhecimento de uma determinada atividade à figura geométrica de um círculo num grande lago: o primeiro movimento, que aciona a formação do círculo menor, inicial, é igual ao seixo que cai no meio de um lago de águas plácidas, desencadeando a formação de círculos concêntricos, paralelos, em expansão até as margens.

Esse primeiro movimento é a criação do princípio inteligente, por Deus; o grande lago de águas plácidas é o universo, cujas margens simbolizam a totalização de perfeição possível de ser alcançada pelos Espíritos – nós.

Os círculos concêntricos que se expandem caracterizam as diversas fases evolutivas (reino mineral, vegetal, animal, hominal e angelical).

Chegar à margem significará a totalização da pureza espiritual – integralização do saber com o exercício permanente do amor.

27. Veja Parte 2ª desta obra, cap. 1, questão 113.

Imaginando que o saber especializado e a conquista de uma virtude constituam o trajeto que inicia no primeiro grau e, sucessivamente, chega ao trecentésimo sexagésimo grau de cada circunferência: uma volta completada! O percurso de cada um dos citados círculos concêntricos, do primeiro ao último grau (do 1° ao 360°), talvez possa ser feito em poucas, mas quase sempre, demandará muitas existências físicas e em diversos mundos.

O Espírito puro será aquele que percorreu os trajetos de uma por uma dessas circunferências, da primeira à derradeira e alcançou a fronteira que delimita a perfeição possível, máxima, mas imensamente distante da inalcançável Perfeição absoluta – Deus!

Eis algumas particularidades das atividades dos Espíritos.

a. Desencarnados

Espíritos puros: recebem diretamente as ordens de Deus e as transmitem ao universo inteiro; conhecem a vontade de Deus, cujas ordens e missões estão fora da possibilidade humana de identificá-las; vivem pelo pensamento de serem permanentemente úteis, o que lhes constitui um gozo.

Espíritos já adiantados: dentro do conhecimento que detêm (artes, por exemplo), quase sempre se interessam pelos encarnados que desempenham tal atividade; desempenham missões sempre voltadas para o bem e consentâneas com seu grau de adiantamento.

Espíritos ociosos: mantêm-se assim temporariamente, contudo, tal ociosidade, cedo ou tarde lhes pesará e a inexorabilidade da Lei divina do Progresso os retirará de tal estado.

Espíritos vulgares: comumente imiscuem-se com os encarnados nos seus prazeres e vícios, deles participando e usufruindo, em espúria “sociedade”.

Essa triste associação recebe a denominação espírita de “vampirismo” e é muito comum nos casos de alcoolismo, tabagismo, toxicomania, sexo desvairado e outros comportamentos infelizes.

Espíritos que agem na natureza: podem ser adiantados ou não, dependendo do seu grau de responsabilidade e ação nos fenômenos da natureza, os quais se processam em obediência às leis naturais.

b. Encarnados

Todos têm a sua missão neste mundo, desde os mais adiantados até aqueles que ainda estão em inferioridade de conhecimentos ou de elevação moral. Aqueles que se portam de forma inútil (os preguiçosos ou os que descumprem sua escolha pré-reencarnatória) são dignos de compaixão, eis que expiarão arduamente essa voluntária opção. Uma missão útil pode ser realizada sem que tenha sido predestinada, tal seja servir a um Espírito desencarnado na elaboração de um livro, na confecção de trabalhos artísticos, nas muitas descobertas etc. Quase sempre, no desdobramento do sono, ambos se encontram e o autor (o Espírito desencarnado) retransmite ao agente a idéia ou inspiração, ali mesmo, que será realizada na vigília. A paternidade é uma verdadeira missão, já que, na maioria dos casos, Deus coloca o pai como responsável pela evolução do filho, podendo dar-se o caso de um filho ser um Espírito mais adiantado do que seus pais. Um conquistador que espalha calamidades a um povo não terá desempenhado uma missão, mas sim servido de instrumento para que um desígnio divino se cumprisse – progresso mais rápido desse povo, por exemplo, ou quitação coletiva de débitos contraídos pelas vítimas.

Como já anotei, repetidas vezes, desses acontecimentos Deus extrai um bem. Não obstante, o agente será responsabilizado pelo mau proceder e assim se transformará em devedor moral, diante da própria consciência.

Capítulo 11

Os três reinos

PARA ASSIMILAÇÃO DAS orientações deste capítulo faz-se necessário situar a época em foram prestadas a Kardec (na metade do século 19). Lembro, a propósito, que foi o próprio codificador que deixou registrada a recomendação de que a Doutrina Espírita seja dinâmica e que sempre caminhe em paralelo às descobertas da ciência²⁸.

Faz prova que isso vem acontecendo a vasta bibliografia espírita, complementar à codificação, com milhares de títulos, de Kardec aos nossos dias. Muitos desses títulos, elaborados via psicografia ou de lavra própria, vêm acrescentando novas informações advindas da espiritualidade.

É dessa forma que poderá sempre ser captada melhor a mensagem original da obra de Kardec, com o auxílio de algumas reflexões que os bons Espíritos e alguns estudiosos encarnados deram e vêm dando correlativamente às questões deste capítulo.

Como aqui são contempladas em maior escala as questões relativas aos animais, encareço permissão aos leitores para iniciar meus comentários justamente aponto palavras finais de Kardec, registradas no encerramento deste capítulo, contendo uma reflexão panorâmica sobre “segredos de Deus”.

28. Veja Parte 1ª desta obra, cap. 2, “O Espiritismo e a ciência”.

“Quanto às *relações misteriosas* que existem entre o homem e os animais, está aí, nós repetimos, o *segredo de Deus, como muitas outras coisas*, cujo conhecimento atual não importa ao nosso adiantamento e sobre as quais seria inútil insistir” (os grifos são meus).

A propósito, lembro também que já nos caps. 1 e 2 da Parte 1ª desta obra, assinalei as várias perguntas de Kardec que ficaram sem resposta, pela “inferioridade das faculdades do homem” (questão 11), porque “há coisas acima da inteligência do homem mais inteligente” (questão 13), já que o homem “precisa de faculdades, dons, que ainda não possui” (questão 18), além do que “vossa linguagem é incompleta para as coisas que os vossos sentidos não percebem” (questão 28) etc., como esclareceram os Espíritos.

Essas afirmações dão o tom deste capítulo...

OS MINERAIS E AS PLANTAS (QUESTÕES 585 A 591)

A matéria inerte (reino mineral) só tem em si uma força mecânica.

A natureza é composta de seres orgânicos e inorgânicos.

Quanto aos seres inorgânicos, eis o que nos diz a *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, vol. 6, pág. 1761:

“Inorgânico – 1. Que não é orgânico. Diz-se dos corpos desprovidos de vida, não organizados, que só se podem desenvolver por justaposição, como os minerais”.

Relativamente aos seres orgânicos – que têm órgãos –, neste estudo (espírita), para efeito evolutivo, serão classificados em três reinos:

vegetais (dotados de matéria inerte e de vitalidade);
animais (têm matéria inerte, vitalidade, inteligência instintiva e a consciência de sua existência e de suas individualidades);

hominiais (têm tudo das plantas e dos animais, aos quais domina por sua inteligência especial, tendo ainda consciência do seu futuro, percepção das coisas extramatériaes e o conhecimento de Deus).

Quanto à questão da sensibilidade das plantas, Kardec perguntou:

“586. As plantas têm consciência de sua existência?

– Não; elas não pensam, têm apenas a vida orgânica.

587. As plantas têm sensações? Elas sofrem quando são mutiladas?

– As plantas recebem impressões físicas que agem sobre a matéria, mas não têm percepções e, portanto, não têm a sensação da dor”.

Tendo Kardec insistido, à questão 589, sobre a sensibilidade de algumas plantas e se elas teriam “uma espécie de vontade”, os Espíritos responderam comparando algumas ações delas com os movimentos análogos no organismo humano, sem participação da vontade e sem necessidade de percepção.

Em última análise, seria um automatismo biológico.

Não tenho o intuito de abrir polêmica alguma, mas a favor da coerência, para novas análises, vou sintetizar palavras de Fernando Worm²⁹, transcrevendo na forma original as perguntas que

29. Fernando Worm, “A sensibilidade das plantas nos dois planos da vida” em *Janela para a vida* (São Paulo, Lake, 1989), págs. 51 a 58.

fez a Francisco Cândido Xavier e este, ouvindo o Espírito Emmanuel, respondeu:

“F. Worm: – Há secreta e insuspeitada sensibilidade dos vegetais, reagindo aos processos da vida, tanto na Terra como no Mundo Maior; de resto, aparelhamentos humanos mais sensíveis registram reações das plantas às influências do meio e às intervenções e sentimentos humanos.

F. C. Xavier: – O fenômeno da empatia está presente em todos os seres e em todos os domínios do universo.

F. Worm: – Você confirmaria que as plantas têm memória?

F. C. Xavier: – As plantas possuem “memória em construção”.

F. Worm: – Há espiritualidade nas plantas?

F. C. Xavier: – Em graus e tons diversos, a espiritualidade se encontra em qualquer partícula de vida.

F. Worm: – No que se refere aos minerais, você confirmaria existir ali certas formas de sensibilidade peculiar, ou inícios de organização espiritual? (...) Seria então que o reino vegetal representaria o primeiro estágio da nossa evolução planetária?

F. C. Xavier: – Segundo os nossos conhecimentos atuais, o início da sensibilidade do reino mineral antecede as ocorrências da sensibilidade ao mundo vegetal”.

Deixo aos interessados a ida às fontes que indiquei e outras.

De minha parte, sem estabelecer dicotomia, fiz demorada análise de umas e outras opiniões e sem objeção a esta(s) ou aquela(s), opto por crer que as plantas, conquanto de forma incipiente têm sim, sensibilidade.

Aí, surge o bloqueio (da linguagem humana, a que se referiram bastas vezes os Espíritos) para maiores definições ou entendimento, a fim de que se possa, com clareza meridiana, definir o que seria “sensibilidade incipiente”...

Permitam-me repetir aquilo que disse certa vez Santo Agostinho: “Se não me perguntam o que é Deus, sei perfeitamente; se me perguntam, já não sei responder”...

É isso.

OS ANIMAIS E O HOMEM (QUESTÕES 592 A 610)

Há um debate transcendental sobre a inteligência dos animais e em alguns casos, até mesmo se eles teriam superioridade moral sobre o homem. Não tem sentido.

Quanto à inteligência, animal algum, de todos os tempos, jamais conseguiu resolver qualquer problema que dependesse de encadeamento de raciocínios (inteligência contínua). Não devemos nos esquecer de que entidades siderais, agindo em louvor da Lei divina do Progresso, equipa as espécies animais dos meios necessários à sobrevivência, dotando-as de instinto.

Há casos – sempre especificamente para a vida física – em que o instinto, agindo de forma insuperável, aproxima de fato algumas ações animais de um procedimento calculado. O que se tem, aqui, é apenas um caso de inteligência fragmentária. Mas isso é tudo.

Nenhum animal tece para se vestir, coze e tempera alimentos para comer, nem fabrica calçados. Neles – nos animais –, a natureza implantou sistemas biológicos automáticos, que lhes suprem essas e outras necessidades.

É assim que as aves fazem primorosos ninhos; roedores fazem tocas; abelhas, as colméias; os cães enterram os ossos que mais tarde comerão etc. Há que se considerar que isso vem sendo

feito pelas respectivas espécies animais desde sua existência sobre a Terra. E sempre do mesmo modo!

O homem, ao contrário, que se abrigava em cavernas e com peles de animais ou folhas de árvores, hoje constrói residências de toda espécie, bem como tecidos de infinitas variedades, adequados a todas as estações do ano. Além do mais, e principalmente, o homem usa a inteligência não só para a vida física, mas também e até mais pode usá-la para sua vida moral! Os animais têm meios de se comunicarem entre si, sem, contudo, se utilizar de linguagem articulada. Será sempre a mesma, a cada espécie. Só o homem tem capacidade para se expressar em inúmeras línguas.

Macacos e papagaios, não passam de imitadores, limitadíssimos.

Os animais têm alma, sim, mas de natureza inferior, passível de, pela evolução, alcançarem o reino hominal. Isso acontecerá com aqueles que se destaquem da sua espécie. Quando isso ocorrer, nem sempre suas primeiras existências físicas serão necessariamente na Terra, mas sim, em mundos consentâneos com a necessidade de irem aos poucos adquirindo condições morais para conviverem em nova humanidade.

Na questão 597, tratando da alma dos animais, há uma frase registrada que merece maior atenção:

“(...) Há entre a alma dos animais e a do homem tanta distância quanto há entre a alma do homem e Deus”.

Reflico nessa frase e tenho para mim que tal conceito não deve ser aceito ao pé da letra. Isso porque, pela Lei do Progresso é premissa espírita que todos os animais evoluirão e alcançarão, primeiro, o reino hominal e depois, o angelical. Mas não há a menor possibilidade de que Espírito algum possa

estar, ao menos, em paralelo a Deus, que é Único – o Criador incriado! Por isso, a comparação, credito-a uma forma poética de expressão.

Ao desencarnarem, os animais são mantidos por espécie e a breve tempo reencarnam, tudo isso a cargo de Espíritos encarregados dessa tarefa.

METEMPSICOSE (QUESTÕES 611 A 613)

Jamais poderia um Espírito reencarnar num corpo de animal.

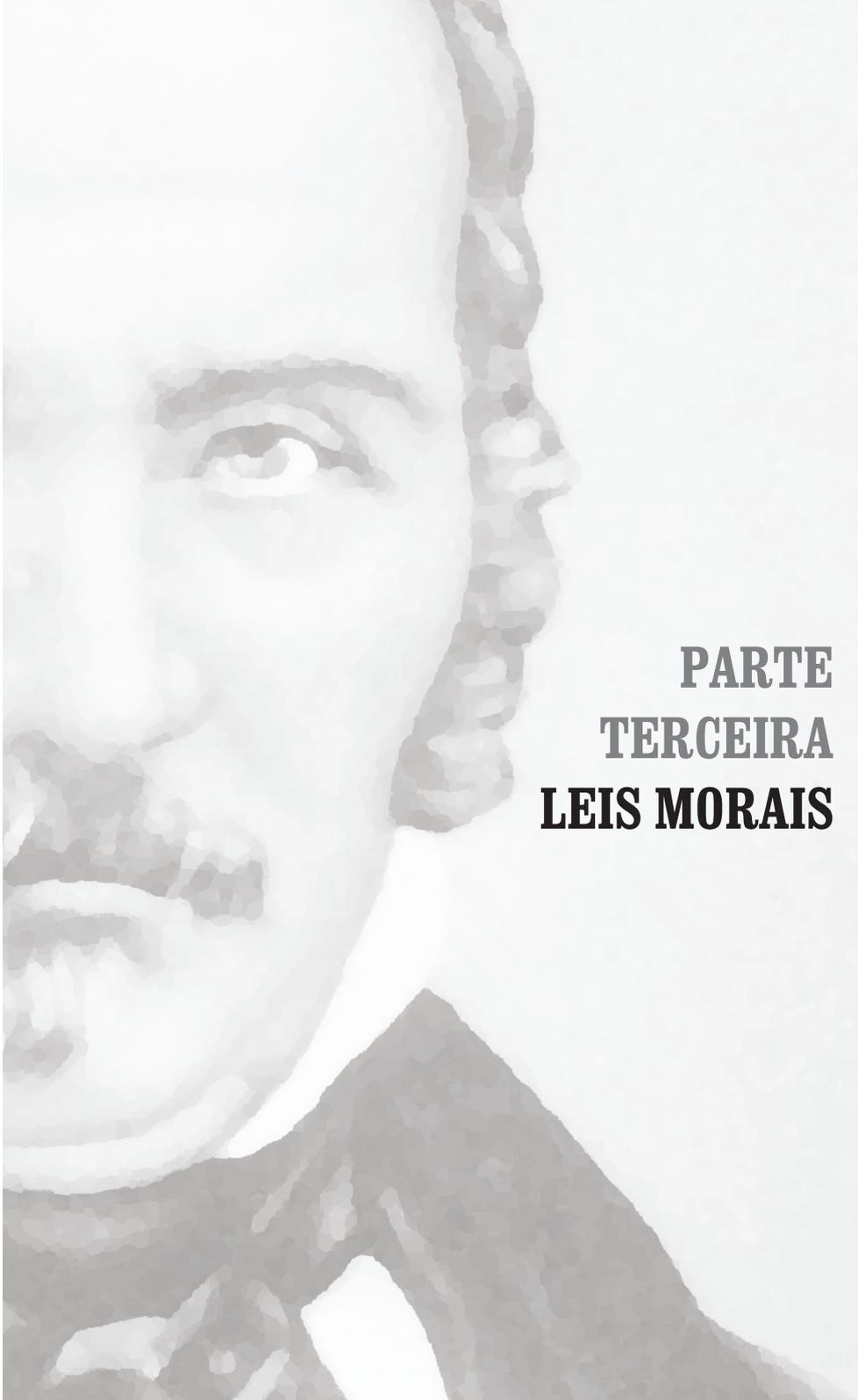
É da Lei Divina que o Espírito não retrograda! Pode, sim, estacionar num determinado patamar moral, enquanto adquire méritos para ascender a novos degraus evolutivos. Geralmente isso acontece em meio a duras provações-expições.

O que pode ter levado os primeiros pensadores a imaginar tal possibilidade (a da metempsicose) talvez seja o fato de animais aptos a serem promovidos ao reino racional atavicamente entremostrarem, por algumas existências – algumas até já como humanóides –, características das longas experiências anteriores. Aí, tais pensadores se julgaram diante de “ex-homens”. E é fato sabido que há animais que são capazes de gestos de fraternidade e altruísmo, com até sacrifício da própria vida.

Os animais não mudam de espécie, na sua escalada evolutiva. Renascem sempre na mesma espécie. A propósito, registrou Kardec, como observação à resposta da questão 613:

“(…) As diferentes espécies de animais não procedem intelectualmente umas das outras pelo caminho da progressão; assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui um tipo absoluto, física e moralmente, e

cada indivíduo tira na fonte universal a soma do princípio inteligente que lhe é necessário, segundo a perfeição de seus órgãos e a obra que deve cumprir nos fenômenos da natureza, e que, em sua morte, volta à fonte universal”.



**PARTE
TERCEIRA
LEIS MORAIS**

Capítulo 1

Lei divina ou natural

PREÂMBULO³⁰ – SOBRE AS LEIS (HUMANAS)

PEÇO LICENÇA A quem esteja lendo estas linhas para antes deste estudo registrar alguns comentários sobre as leis dos homens³¹. Por definição, lei é a “regra relativa ao comportamento dos membros de um grupo ou sociedade que cria obrigações para aqueles sobre quem recai e é determinada segundo os costumes do grupo ou estabelecida pela autoridade”.

De modo mais geral, é o conjunto de regras vigentes numa sociedade. Do ponto de vista sociológico, considera-se que a lei corresponda às expectativas relativas ao modo de resolução de conflitos internos na sociedade, o que gera costumes específicos e os sistemas de decisão judicial baseados em julgamentos anteriores, chamados precedentes. Os teóricos do direito romano deram a essas práticas uma exposição sistemática, que acabou por adquirir autoridade em si mesma.

A codificação do direito romano, o *Corpus Juris Civilis* (Código de Lei Civil), do século 6º d.C., é a base dos sistemas jurídicos da maioria dos países europeus (o Reino Unido é a

30. A parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma.

31. *Nova Enciclopédia Ilustrada/Folha* (São Paulo, Folha de S.Paulo, 1996), vol. 2, pág. 557.

principal exceção. Muitos desses países codificaram suas leis durante ou após o período napoleônico –1799-1815 –, mas tais códigos preservaram muitas noções do direito civil de origem romana).

No Reino Unido e nos EUA, vigora a chamada *Common Law* (Lei Comum), que, em lugar de se basear em princípios jurídicos teóricos (como é o caso do direito civil), desenvolveu-se pragmaticamente, a partir das resoluções de conflitos anteriores e de reinterpretações e adaptações que visam a manter os princípios que orientaram os julgamentos precedentes.

Em muitos outros países, os preceitos que orientam as comunidades religiosas e os costumes tribais (que definem o que se chama direito costumeiro ou consuetudinário) coexistem com a lei oficial do Estado em muitos aspectos da vida (principalmente na organização familiar).

Assim é que existem as seguintes legislações específicas:

Lei hindu (para os seguidores do Hinduísmo), constante dos *shastras* (tratados), dentre esses o *Dharmashastra*, composto entre os séculos 6^o a.C. e 18 d.C., sendo o que mais se aproxima do sentido ocidental de lei e direito;

Lei judaica, consubstanciada no *Talmude* (compilação das interpretações e comentários da lei oral judaica, com base na tradição oral dos cinco séculos que vão da época do último dos profetas bíblicos até o fim do século 2^o d.C.); de modo geral, as leis essenciais dos judeus constam do *Torá*, referente ao *Pentateuco* (os primeiros cinco livros da *Bíblia*, que se acredita terem sido revelados a Moisés, no Monte Sinai);

Islamismo, consubstanciado no *Alcorão* (livro sagrado dos muçulmanos, por eles considerado a palavra textu-

al de Deus, representando, para 40 países, a constituição e a lei civil, penal e moral). Atualmente – 2006 – há cerca de um bilhão de seguidores.

Para não me alongar, cito apenas que em todas as culturas acima citadas, embora todos os textos sejam considerados sagrados, há divergências interpretativas de alguns deles.

E também para não deixar de citar o Brasil, sem levar em conta que desde a descoberta já tivemos leis vindas do Reino lá da Europa, tivemos leis impostas pela religião, leis do Império e da República. Constituições, tivemos várias. Temos ainda as Constituições estaduais, as municipais. Todas, amiúde, sofrendo alterações. Não bastasse tudo isso, o Poder Legislativo, em âmbito federal, estadual e municipal, em conjunto, vêm promulgando milhares e milhares de leis ao longo de décadas...

✕

Teve este preâmbulo a finalidade de registrar a transitoriedade das leis humanas, cuja quantidade é quase impossível de ser numerada.

Passo agora às reflexões sobre as leis divinas.

Alguém já disse que se na humanidade fossem observadas as prescrições dos Dez Mandamentos, todas as demais leis poderiam ser dispensadas. Como Jesus afirmou que “não veio destruir a lei”, parece-me que outro não foi o intuito de Kardec ao incluir em *O Livro dos Espíritos* a Parte 3ª, sugerindo, pedagógica e coincidentemente, que os ensinamentos e exemplos do Mestre nazareno fossem consubstanciados em também dez leis: as leis morais!

Há na lei mosaica duas partes distintas. Obviamente, Jesus se referia à Lei de Deus, promulgada no monte Sinai e não à lei civil, ou disciplinar, decretada, esta, por Moisés.

CARACTERÍSTICAS DA LEI NATURAL (QUESTÕES 614 A 618)

Como o próprio nome define, *lei natural* emana da natureza – de Deus! Por isso, não será difícil agasalhar na alma a certeza de que é a única lei verdadeira, eterna e imutável – perfeita e geral, para todo o universo. Observá-la, fará feliz o homem, ao passo que dela afastar-se trará inevitavelmente tormentos – infelicidade.

Desde já, deve-se entender que Deus é o autor de tudo o que ocorre na natureza, pelo que as leis que a regem também são divinas; por isso é que se diz que as que regem os fenômenos da natureza são leis físicas, da mesma forma como as leis que balizam o reto proceder do homem são as leis morais. Repetindo: divinas, são ambas as categorias de leis.

Considerando a enorme gradação de desenvolvimento moral dos habitantes dos diversos e diferentes mundos, espalhados por todo o universo, a lógica está a dizer que as leis divinas são adequadas ao nível moral daqueles que neles habitam.

ORIGEM E CONHECIMENTO DA LEI NATURAL (QUESTÕES 619 A 628)

A Lei de Deus está escrita na consciência do homem. Assim, cedo ou tarde, todos a compreenderão e pautarão seus procedimentos por ela.

Profetas, em todos os tempos e em todas as nações, pela bondade de Deus têm vindo ao planeta Terra para ensinar, lembrar e/ou advertir os povos, quanto à observância das leis divinas, em benefício desses povos mesmos. Sendo Espíritos ainda não de todo evoluídos, sua obra, humana, pode eventualmente conter uma ou outra exacerbação. No entanto, num hipotético

balanço moral, acertam no atacado e só vez ou outra se perdem no varejo.

Jesus, nesse quadro, pontifica como sendo o tipo mais perfeito que Deus ofertou ao homem, para servir-lhe de guia e modelo. Seus ensinamentos têm a expressão mais pura da Lei de Deus. Como o Mestre empregou sempre o sistema de lecionar por exemplos e por parábolas, eternizando assim as lições, tornou-se necessário que outros Espíritos, quais apóstolos modernos, estejam a explicar e a desenvolver as sublimes verdades contidas nas lições das citadas parábolas.

Como exemplo dessas explicações e desses desenvolvimentos modernos dos ensinamentos de Jesus, cito, de passagem, a missionária obra psicográfica de Chico Xavier, Yvonne A. Pereira, Divaldo Franco e outros tarefeiros que colocaram e colocam a sua mediunidade à causa da divulgação da Doutrina Espírita, a qual Jesus consubstanciou.

O BEM E O MAL (QUESTÕES 629 A 646)

Definindo: a moral é a regra de bem proceder, isto é, distinguir o bem do mal; o bem é tudo o que é conforme a Lei de Deus; o mal tudo o que é contrário à Lei de Deus.

Como pode alguém saber se está agindo bem ou mal?

Recordando Jesus, veja se gostaria que lhe fizessem aquilo mesmo que está fazendo a outrem. Simples, não?

Existem situações em que a pessoa faz mal a ela própria, por exemplo, ingerindo alimentos em excesso (ou realizando qualquer espécie de excesso).

As dificuldades da rota evolutiva são previstas por Deus para que o homem tenha pleno entendimento do bem e do mal. Assim, a montanha a ser transposta ensina-lhe subida e descida; rochas e água definem-lhe estados diferentes da matéria. Isso

justifica com meridiana clareza a necessidade das reencarnações, isto é, utilização de corpo físico para vida no mundo material.

Bem ou mal são considerados na razão direta da intenção em praticá-los e ainda do nível evolutivo espiritual dos respectivos agentes. Em outras palavras, o homem instruído é mais culpado aos olhos de Deus do que o selvagem, pois aquele age por premeditação ou consciência plena dos seus atos e este, por instintos.

Entendendo um pouco mais as considerações sobre o mal: o mal recai sempre sobre quem lhe foi o causador; quem pratica o mal por indução de terceiros, tem menos culpa do que estes; quem se aproveita do mal praticado por outrem é tão culpado quanto este; há virtude em desejar fazer o mal e não praticá-lo, por resistência moral; não basta não fazer o mal: é preciso fazer o bem possível e isso ocorre diariamente diante de qualquer um – todos podem realizar o bem!; o mal resultante de um bem não praticado recai sobre o omissor; o homem colocado no meio dos que praticam o mal quase sempre está sob provação, voluntária e destinada a conquistar o mérito da resistência.

E agora, duas considerações sobre o bem: quais lírios, em atmosferas viciosas poderão ser encontrados Espíritos missionários, aí situados, a pedido deles mesmos, para difundirem o bem!; maior mérito terá aquele que maior dificuldade teve para praticar o bem, tal como Jesus deixou registrado no inolvidável exemplo do “óbolo da viúva”.

DIVISÃO DA LEI NATURAL (QUESTÕES 647 A 648)

Pode-se afirmar que a Lei de Deus se acha contida integralmente no preceito do amor ao próximo, conforme tão bem nos exemplificou Jesus. Naquele preceito estão contidos todos os deveres dos homens, uns para com os outros.

O cuidado que se deve ter quanto a essa verdade é que não poucos serão aqueles que, interpretando tal premissa, só a observarão em situações específicas. Tal postura, conquanto esteja correta, também estará sempre incompleta, já que as circunstâncias da vida são infinitas e não podem ficar circunscritas a um único procedimento.

Capítulo 2

Lei de adoração

OBJETIVO DA ADORAÇÃO (QUESTÕES 649 A 652)

“ADORAR”, AQUI, equivale a elevar o pensamento a Deus, aproximando nossa alma dEle. E isso é inato no ser humano, que desde sempre – em todas as civilizações –, compenetrando-se da sua incapacidade diante do poder e da grandeza da natureza, elegeu um Ente Supremo como detentor daquele poder.

ADORAÇÃO EXTERIOR (QUESTÕES 653 A 656)

Em qualquer hipótese, a verdadeira adoração é aquela que se origina na alma. Pode ser expressa verbal ou mentalmente. Não se deve negar que a oração mesmo exterior, feita em conjunto, mas com fé sincera, tem real valor, pois que isso, pelo exemplo, catalisa os não-participantes à adoração a Deus.

Jesus não se cansou de recomendar a adoração a Deus, pela voz da alma.

Adorar a Deus, assim, tanto pode ser comungando-se a fé com outros, quanto fazê-lo individualmente.

VIDA CONTEMPLATIVA (QUESTÃO 657)

Pensando bem, não há mérito algum em alguém se isolar para adorar a Deus, passando a vida toda nisso. A reencarnação,

em todas as circunstâncias, é sempre oportunidade de crescimento moral e isso só é conseguido quando o homem utiliza os meios disponíveis a benefício do próximo. Aquele que se entrega à contemplação infinita, não terá tempo para trabalhar, para produzir, tornando-se inclusive um peso morto para a sociedade.

Há uma grandeza incontestada na vida de todos nós: somos co-criadores, por delegação divina – cada um, dentro das suas possibilidades. Isso é que vem promovendo a humanidade e que certamente nos levará a planos cada vez mais felizes.

PRECE (QUESTÕES 658 A 666)

Orar é adorar a Deus, pois que direta ou indiretamente quem faz a prece pensa nEle. Para Deus, a intenção é tudo! Para nós, a humildade, a fé, o fervor, a sinceridade nas nossas preces! Sejam preces longas ou curtas. São três as razões, não excludentes, para se orar a Deus: louvar, pedir, agradecer.

Orar por si mesmo é próprio do estágio terreno, mas orar pelos necessitados será sempre muito mais precioso. Quando a oração é em benefício próprio, os bons Espíritos se aproximam e avaliam a possibilidade do atendimento aos pedidos, sempre em razão do merecimento e do esforço daquele que ora para se melhorar.

Embora as preces não mudem os desígnios divinos previstos pela Lei de Justiça, para nós ou outrem, indubitavelmente elas podem, e muito, aliviar ou fortalecer o ânimo e a capacidade de bem reagir às vicissitudes que a vida apresenta. Tudo isso pelo amparo dos Espíritos bondosos que ouvem nossas preces, ajuízam a sinceridade e o merecimento e a seguir agem. Invariavelmente, no bem.

Orar pelos mortos é ato de fraternidade que muito os amparará, caso estejam em dificuldades espirituais; não sendo este o caso, a prece muito os sensibiliza, por se saberem lembrados.

POLITEÍSMO³² (QUESTÕES 667 E 668)

Os homens das remotas eras, observando o Sol, a Lua, as estrelas, o trovão, o raio, a chuva, o arco-íris, o vulcão, a colheita etc., acharam por bem atribuir a seres sobrenaturais tal poder em produzir tais fenômenos naturais. Tais seres foram endeusados. De uma forma ou de outra, isso se generalizou.

Foi assim que desde os tempos primitivos houve a criação de inúmeros deuses, pois a concepção de um deus único (monoteísmo) só poderia visitar a mente depois de se desenvolverem as idéias, pelo progresso humano.

Os profetas e em especial Jesus, muito contribuíram para esse progresso.

SACRIFÍCIOS (QUESTÕES 669 A 673)

Os homens primitivos, diante dos já citados acontecimentos “sobrenaturais”, particularmente os ligados aos fenômenos geológicos, concebeu que sua origem estava na “vingança” de deuses, insatisfeitos para com seu povo. Daí, pelo seu atraso moral, ideoplasmaram tais deuses, morfológica e moralmente como eles próprios, isto é, ficando contentes com presentes e irados diante de carências ou de desobediências. Por decorrência, imaginaram (em equivocada dedução, fruto da ignorância de então) que dando presentes àqueles deuses aplacariam sua ira.

Estavam inaugurados os holocaustos...

Holocaustos, assim, em qualquer nível de qualquer época, nada mais representaram ou representam, do que desconhecimento do amor do Pai.

32. Concepção filosófica e/ou religiosa que admite uma pluralidade de seres divinos (deuses).

Jamais um sacrifício qualquer – dano de alguma espécie, a si ou a outrem –, ou mesmo as chamadas “guerras santas” agradarão a Deus, primeiro porque não redundam em bem para ninguém, segundo porque ao próximo se deve amar e não fazer guerra. Macerações e penitências, conquanto a sinceridade com que são realizadas, pouco ou nada adicionam ao progresso moral dos seus autores.

Ensina-nos o Espiritismo, a propósito, que os melhores de todos os sacrifícios, os que são abençoados por Deus, são aqueles feitos em benefício do próximo e os que destroem nosso orgulho, nossa vaidade. Nosso egoísmo, enfim.

Capítulo 3

Lei do trabalho

ANTES DE ENTRAR em reflexões sobre este capítulo, peço licença aos leitores para recordar uma passagem de Jesus, bastante interessante, como, aliás, o são todos os momentos vividos pelo Mestre dos mestres junto a nós, como encarnado. Refiro-me ao que o evangelista João (em 5: 17) registrou, dizendo que, após Jesus curar um homem doente havia 38 anos, os judeus o acusaram de não respeitar o sábado, tendo Jesus lhes respondido:

“Meu Pai tem estado trabalhando até agora e eu também”.

Outra observação minha é sobre o tema trabalho.

Na literatura espírita, existem tantas referências ao trabalho que seria impossível catalogar todas. O que me causa alguma admiração é o fato de que Allan Kardec, ao tratar da Lei do Trabalho, foi bem econômico...

NECESSIDADE DO TRABALHO (QUESTÕES 674 A 681)

Sem que ninguém precise ensinar, antes mesmo que o indivíduo adquira a capacidade de raciocinar (primeiros tempos da reencarnação), ele trabalha.

Não será exagero dizer que já iniciam a trabalhar pela sobrevivência os bebês que choram, tanto os que o fazem quando vêm a luz por primeira vez, quanto os que choram para mamar. De alguma forma estão informando “ao mundo” que têm necessidades. Como não podem supri-las, o chorar é uma excelente forma de comunicação (ou de trabalhar).

Na natureza, todos os seres vivos trabalham.

Ampliando o conceito, não me recuso a aceitar que a própria natureza é uma trabalhadora em atividade de tempo integral – sempre em nosso favor, bem como em favor dos demais seres vivos. O Sol é um exemplo. Dessa forma, é plenamente correto afirmar, com Kardec, que o trabalho é lei da natureza e constitui necessidade inexorável. Se para vegetais e animais sua atividade visa à sobrevivência e perpetuação da espécie, no homem, além disso há o fator da busca permanente de maior conforto. Não fosse isso e o homem estaria até hoje habitando as cavernas, furnas e grotões e se vestindo com pele de animais, como já me referi antes.

Seria enganosa a concepção de que no homem só trabalha o corpo físico, até porque quem o dirige é o Espírito. Na verdade, aquele é ferramenta deste. É pela inteligência que o homem se põe a trabalhar, desenvolvendo a faculdade de pensar: pensar e escolher, dentre várias alternativas para solucionar problemas ou suprir suas necessidades físicas e morais, a que melhor se ajusta à sua capacidade. Tal é a tônica do progresso.

Segundo os Espíritos que arrimaram Kardec na codificação do Espiritismo, nos mundos mais desenvolvidos moralmente que a Terra, ali também seus habitantes trabalham. Isso não é difícil de entender, havendo a concepção de que quanto mais os Espíritos se elevam, mais e mais têm condições de auxiliar os que estão à sua retaguarda. Nisso se comprazem. E essa atividade, denominada de caridade, é de todos, senão o mais, pelo menos um dos mais abençoados trabalhos.

Homens de fortuna, estando dispensados do trabalho remunerado, “do emprego”, não o estão de serem úteis ao próximo, fazendo seu dinheiro gerar empregos, com isso auxiliando não apenas a tantas famílias, mas à própria sociedade. A criação, administração e supervisão de fábricas, indústrias, estabelecimentos comerciais, educacionais etc., eis aí uma excelente forma de trabalhar.

Na infância, pais trabalham para os filhos. Natural que, na velhice daqueles, se necessitados, os filhos trabalhem para eles.

LIMITE DO TRABALHO. REPOUSO (QUESTÕES 682 A 685A)

Repousar é direito e necessidade de todos nós.

O trabalho excessivo, voluntário (por ganância ou pobreza) ou imposto por patrões, será sempre um grave equívoco, carreando sérias conseqüências para uns e outros. Para o empregado, desgaste prematuro. Para o empregador autoritário, transgressor das Leis de Deus, débitos a reclamar duros resgates...

Na velhice, geralmente aposentado, o homem não terá obrigação de continuar trabalhando. Contudo, isso não quer dizer que ele não possa ser útil à família e à sociedade, se tiver condições físicas para tal. Aqueles que não podem trabalhar, jovens ou velhos, necessariamente devem ter suas necessidades supridas, seja pela família, ou pela sociedade.

Comentários de Allan Kardec (até parece que antevendo os dias atuais):

“Não basta exigir que o homem trabalhe, necessário é dar-lhe emprego; o desemprego é verdadeiro flagelo para a família toda e para a sociedade; a produção deve ser proporcional ao consumo – fora desse equilíbrio ocorrerá sempre problemas trabalhistas, para os quais a sociedade deve estar preparada;

a educação moral é elemento fundamental para o trabalhador e isso deve acontecer nos primórdios dos bancos escolares, preparando-o para os embates do futuro; quando já trabalhando, esses conceitos não podem ficar deslembrados”.

Por educação moral subentenda-se a formação de hábitos salutareos: respeito à ordem instituída (disciplina consciente), capacidade de previdência (para si e para os outros) e hábitos que o fortaleçam em situações estressantes.

Capítulo 4

Lei de reprodução

ANTES DOS COMENTÁRIOS, permitam-me uma reflexão sobre o sexo e a reprodução: a idéia de que o sexo seja, assim, assim, apenas um fator a mais na vida do ser, constitui monumental engano: o sexo é, sem descolorir as demais sublimidades divinas do Criador, aquela sobre a qual se fundamenta a evolução de cada indivíduo, apoiando-o de incomparável energia, eterna, criadora.

De início, nos reinos inferiores, garante a perpetuação das espécies.

Já no reino da razão, qual um altar da vida, age como laboratório das formas físicas, estrutura a família e, sobretudo, responsabiliza-se pelas abençoadas criações nas várias atividades humanas, avalizando o progresso espiritual da humanidade. É energia da alma, para os labores da natureza.

E mais: pelo sexo fluem forças divinas, promovendo nascimentos e renascimentos – no santo processo da reencarnação.

POPULAÇÃO DO GLOBO (QUESTÕES 686 E 687)

É pela reprodução que o mundo corporal (seres vivos) se mantém. Sem ela, perceria. Já apenas por isso se pode deduzir que a reprodução é Lei Divina.

Em todos os tempos, inúmeros foram os pensadores que sempre se preocuparam com a questão da excessiva população terrena, a ponto de o planeta não ter meios para garantir a sobrevivência de uma eventual superpopulação.

Kardec, como que atendendo a todos eles, expôs tal questão aos Espíritos, os quais garantiram-lhe que Deus a tudo prevê e provê.

Não deixa de ser um leve “puxão de orelhas”, não em Kardec, que bem já sabia da infalibilidade da providência, mas sim, em quantos filhos não confiassem no Pai. E eram muitos...

Vou citar um desses tais filhos “preocupados”. Refiro-me ao economista e religioso inglês Thomas Robert Malthus (1766-1834), que proclamou:

“(…) pode-se seguramente declarar que, se não for a população contida por freio algum, irá ela dobrando de 25 em 25 anos, ou crescerá em progressão geométrica (1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512...∞). Pode-se afirmar, dadas as atuais condições médias da Terra, que os meios de subsistência, nas mais favoráveis circunstâncias, só poderiam aumentar, no máximo, em progressão aritmética (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10... ∞)”;

“(…) o poder da população é tão superior ao poder do planeta de fornecer subsistência ao homem que, de uma maneira ou de outra, a morte prematura acaba visitando a raça humana”.

Talvez seja oportuno registrar dois dados demográficos mundiais: no ano de 1850 (pouco depois de Malthus) o mundo tinha 1.091.000.000 habitantes; atualmente (2006) a população mundial já ultrapassou os 6.500.000.000!

Errou Malthus: decorridos cerca de dois séculos da sua “profecia”, não só a Terra tem potencial para garantir a subsistência

da sua atual população, como tem potencial para vê-la aumentar, isso graças aos avanços da ciência. E para não citar outros, cito em particular o advento dos alimentos transgênicos, indenes a pragas e de muito maior produtividade.

A fome que hoje grassa no planeta não é devida à carência de alimentos, mas, sim, da criminoso distribuição de rendas, em nível mundial, gerando pobreza e miséria.

SUCESSÃO E APERFEIÇOAMENTO DAS RAÇAS (QUESTÕES 688 A 692)

O aperfeiçoamento das raças é dinâmico, permanente. Para não me alongar, da minha parte venho observando que os jovens de hoje, na maioria, são longilíneos (corpos alongados e delgados), isso sem me referir a uma parte de jovens obesos ou anoréxicos...

O que acontece é que os Espíritos que reencarnam na Terra são os mesmos que reencarnavam há muitas e muitas existências. Graças ao somatório dos avanços tecnológicos, os hábitos alimentares se alteram e com isso o tipo físico também.

Nos esportes, vêem-se as marcas serem incessantemente superadas. E aqui não me refiro apenas à altura dos atletas (no basquetebol, por exemplo), mas, e principalmente, à resposta física às inovações técnicas – musculação, regimes vitamínicos etc.

Não será condenável o homem tentar aperfeiçoar geneticamente os animais e melhorar a produtividade e qualidade dos vegetais, considerando que ele é co-Criador quando assim age. Na verdade, torna-se instrumento de Deus, que tem o progresso por meta, em toda a natureza.

Com ou sem mérito, o homem labora e concorre sempre para que o progresso se realize. A intenção desse trabalho ou de qualquer outro trabalho é que será julgada por Deus, daí resultando crédito ou débito moral para a humanidade...

OBSTÁCULOS À REPRODUÇÃO (QUESTÕES 693 E 694)

Sendo a reprodução Lei Divina, tudo o que a embaraçar está na contramão dos desígnios de Deus. No entanto, casos há em que o homem, a bem da coletividade, equilibra a reprodução de determinados animais e vegetais, que do contrário seria nociva, por indefinida. Eis aí o uso do poder, sem abuso.

Impedir a reprodução, na vertente comandada pelo comodismo, aí a coisa desanda para, ou a sensualidade ou o egoísmo, em manifesto desprezo à bênção da possibilidade da paternidade/maternidade.

No reino animal, já pelo instinto de sobrevivência e pelos automatismos biológicos próprios de cada espécie, os animais agem inconscientemente em benefício do equilíbrio natural (caso dos chamados “predadores”, em geral).

CASAMENTO E CELIBATO (QUESTÕES 695 A 699)

Trilhar voluntariamente pela via do celibato é trilhar em rota de colisão com a natureza... Isso, em princípio...

Como sempre, nem nessa, como em nenhuma outra questão, se pode ou se deve radicalizar. Assim é que casos há em que o celibatarismo é profundamente abençoado, como, por exemplo, para não ir longe, o caso dos médiuns Francisco Cândido Xavier, Yvonne do Amaral Pereira e Divaldo Pereira Franco, missionários da divulgação do Espiritismo.

POLIGAMIA (QUESTÕES 700 E 701)

Não haverá necessidade de maiores ilações para meridianamente se concluir que o envolvimento e relacionamento sexual de um ser humano com vários outros parceiros do sexo

oposto caracteriza-se como prática observável apenas entre os irracionais... E mesmo assim, não em todas as espécies.

Sendo a família uma sublime instituição divina e alicerçando-se sobre o amor que une um homem a uma mulher, não seria mesmo aceitável que após a união amorosa de ambos, ele ou ela mantivessem parceiros outros, no lar, ou fora dele.

Capítulo 5

Lei de conservação

INSTINTO DE CONSERVAÇÃO (QUESTÕES 702 E 703)

O INSTINTO DE conservação, por Lei Divina, tem-no todos os seres vivos. O que difere o instinto animal do humano é que, neste, além das ações puramente irracionais, automáticas, espontâneas, como as daquele, há também a possibilidade de o instinto ser submetido à razão. Exemplo disso é que, instintivamente, para prover sua subsistência o homem exercita a inteligência, como na estocagem de alimentos, produção de medicamentos, vestuário, abrigo etc.

MEIOS DE CONSERVAÇÃO (QUESTÕES 704 A 710)

A natureza é pródiga e proporciona a todos os seres vivos a manutenção da vida. Para tanto, faz os animais nascerem em *habitats* adequados à sua sobrevivência. Só o homem tem a condição de viver em qualquer ambiente, seja nos trópicos como nos pólos, no interior de florestas ou junto ao mar etc., pois pela inteligência anula as adversidades surgidas.

Na questão 705 deste item Kardec questiona aos Espíritos “por que nem sempre a terra produz o suficiente para fornecer o necessário ao homem?” (É importante observar que Kardec se refere à terra, solo, e não à Terra, planeta).

Pois bem: os Espíritos elevados que ampararam o codificador na tarefa de fazer emergir a Doutrina Espírita responderam, taxativamente, que jamais o homem poderá pensar assim, eis que a natureza é pródiga e dadivosa. Soubesse o homem contentar-se com o necessário e nada faltaria para ninguém. Supor o contrário seria duvidar da competência de Deus, o que é inadmissível. Assim, se há falta de algo para o homem não é por culpa da terra mas sim da imprevidência ou egoísmo humanos.

No capítulo anterior (cap. 4), ao comentar a questão 687 de *O Livro dos Espíritos*, citei o caso da preocupação humana, desde o século 19, quanto à alimentação mundial, em razão do progressivo aumento da população na Terra. Agora pode-se notar que o presente capítulo (conservação) se interliga ao anterior (reprodução) e também ao posterior (cap. 6 – Lei da Destruição), já que os três discorrem sobre a questão da vida no nosso planeta.

Nas respostas que emanaram do plano maior fica plenamente dito que tudo aquilo que o homem necessita encontrará no mundo. Para tanto, contudo, será necessário que diligencie nessa busca, sem desânimo ante as dificuldades, as quais constituem justamente via de progresso para sua inteligência, provando constância, paciência e firmeza. Assim, Deus, o Criador, engendrou os meandros da vida!

Em paralelo às informações espirituais, Kardec enaltece o progresso da ciência e defende que junto com a filantropia promovam, ambas, a manutenção da vida humana, em clima de conforto e abastecimento do necessário.

O canibalismo, mesmo que na instância crítica e cruel da sobrevivência, jamais poderá ser aceitável.

Em mundos mais evoluídos do que o nosso subsiste a necessidade de alimentação, a qual é diáfana, longe da “grosseria do nosso estômago”...

Prazeres dos Bens da Terra (Questões 711 a 714A)

Ao homem é lícito gozar dos bens terrenos, desenvolvidos por sua inteligência, proporcionando-lhe conforto e bem-estar. Nada há de errado nisso; pelo contrário, é extremamente prazeroso poder usufruir deles. O que é preciso considerar, no entanto, é que o abuso desse prazer, como de resto de qualquer outra atividade humana, caracteriza excesso, que cumpre evitar.

Desde sempre o homem engendrou meios de se alimentar mais gostosamente e não cessa de inventar ou criar novos e mais saborosos pratos. Até aí, tudo bem... Porém, em paralelo, logo criou também campeonatos de gula e nisso reside seu engano. Cito a gula, mas poderia discorrer sobre dezenas de outros excessos humanos, todos condenáveis, tais como a posse exagerada de sapatos, de peças de vestuário, de veículos, de casas e tantos outros supérfluos.

A propósito, o venerável Chico Xavier vivia dizendo: “tudo o que estiver sobrando na nossa casa, com certeza estará faltando na casa de alguém...” Quando ouvi essa frase lapidar, fiz um *mea culpa*: corri ao meu guarda-roupa e de lá tirei um belo casaco comprido de lã, guardado havia 15 anos e sem uso e o doei (comprara-o em São Paulo, terra fria e trouxera-o para Ribeirão Preto, terra quente, onde nunca mais usei o tal casaco; ao doá-lo, ele foi transformado em seis casaquinhos para recém-nascidos...).

Necessário e Supérfluo (Questões 715 a 717)

Por falar em supérfluo, aqui fica muito fácil saber o que ou quando ele está presente em nossas vidas: não bastasse a experiência vivencial, com certeza há em todos nós uma infalível intuição que nos adverte quando algo extrapola ao nosso necessário. É uma questão de autocrítica, de disciplina consciente, de respeito aos limites traçados pela natureza.

Pode-se afirmar que o excesso caracteriza um vício, que convém abolir, o mais rápido possível do viver, com o que se lucrará muito mais, em todos os sentidos, proporcionando uma existência tranqüila, por equilibrada.

Aliás, o desprendimento dos bens terrenos será muito útil quando...

PRIVAÇÕES VOLUNTÁRIAS. MORTIFICAÇÕES (QUESTÕES 718 E 727)

Condenáveis, *a priori*, quaisquer privações ou mortificações (sacrifícios) voluntárias, eis que passarão a ser meritórias se constituírem interposição às tentações em geral, aos abusos de toda sorte ou ao gozo das coisas inúteis.

Quando alguém tira algo do seu necessário para auxiliar ao próximo, eis aí um tipo de sacrifício que, em sendo sincero, contempla elevação moral de quem o faz. Agora, o homem se isolar nas montanhas, nas florestas, ou em quaisquer outras solidões, a título de melhor poder meditar ou se aproximar mais das divindades, que mérito há nisso? A quem beneficia, senão a ele próprio? E como se manterá? Quase sempre será um ônus para a sociedade que terá de ajudá-lo a se manter vivo, quando não venha a perecer, o que pode ser caracterizado como suicídio indireto. A quem aprove? Que benefício disso resultou para alguém, ou mesmo para o mundo?

Sendo o corpo ferramenta do Espírito, não é admissível que seja tratado com descuido, menos ainda que venha a ser mutilado. Essa premissa é válida tanto com referência à vida do homem e das ações deste, quanto à vida do animal.

– Alimentação: vegetariana ou carnívora?

Talvez nenhum outro tema, como este, seja tão candente e se preste tanto a opiniões contrárias (paradoxais) quanto a

sofismas (argumento sedutor, aparentemente correto, mas na realidade falso). Obviamente, não pretendo terçar filosofia, nem com vegetarianos, nem com “carnívoros”. Mesmo assim não deixarei de comentar o tema, apenas por ele ser indigesto (perdoem-me o trocadilho).

Cito em particular a questão 723 da obra em estudo, tendo Kardec perguntado e os Espíritos respondido:

“A alimentação animal é, para o homem, contrária à lei natural?

– Em vossa constituição física, a carne alimenta a carne; de outro modo, o homem enfraquece. A lei de conservação dá ao homem o dever de manter suas forças e sua saúde para cumprir a lei do trabalho. Ele deve, portanto, se alimentar conforme as exigências de seu organismo”.

Essa resposta não se presta a quaisquer interpretações diferentes daquela que enuncia a necessidade humana (pelo menos para a grande maioria dos homens) de ainda se alimentar de carne. Desde a codificação do Espiritismo, só depois de mais de 80 anos é que serão encontradas, aqui mesmo no Brasil, duas severas recomendações espirituais contra a ingestão de carne: no cap. 3, “O sistema de capela”, de *A caminho da luz* e a questão 129 de *O Consolador*³³ – ambas as obras do mesmo Autor Espiritual, psicografadas pelo mesmo médium...; depois disso, bem, aí tais recomendações se multiplicaram na literatura espírita.

Eis o critério estabelecido por Kardec, para que seja fixada uma verdade promanada do plano espiritual:

33. Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier (Rio de Janeiro, FEB, respectivamente em 1939 e 1940).

“A única garantia séria do ensinamento dos Espíritos está na concordância que exista entre as revelações feitas espontaneamente, servindo-se de um grande número de médiuns, estranhos uns aos outros, e em vários lugares”³⁴.

Além do mais, as duas referências acima, condenando a alimentação oriunda de animais tratam especificamente de “vísceras” e não de carne.

Por mais que se diga que há outras fontes protéicas, além da carne, na verdade não se pode esquecer que o planeta Terra alimenta todos os seres vivos com seus componentes orgânicos. E isso não é sofisma, é a dura realidade; assim, um boi ao ser abatido está com peso dez vezes superior ao do seu nascimento; daí, sendo ele vegetariano a vida toda, o acréscimo de nove décimos só pode ser também “vegetarianista” (eis aqui um terrível sofisma...).

Ao argumento da destruição (morte) do animal, há quem questione idêntico procedimento quando se consome um vegetal, que é igualmente um ser vivo (outro sofisma...).

Ao argumento de que nossos dentes não se prestam a ingerir carne, questiona-se que igualmente nossa pele não resiste ao frio, entretanto... pela inteligência, o homem fabrica facas e garfos, da mesma forma que vestuário e abrigos... além do mais, praticamente no mundo todo, a carne não é consumida *in natura*, mas sim, após preparo pelo fogo e com adição de condimentos diversos.

Há comentários assustadores quanto à putrefação aludindo que o estômago humano se transforma em verdadeiro cemitério quando há ingestão de carne; isso não é verdade, pois a carne, ao

34. Allan Kardec, “Autoridade da Doutrina Espírita” em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (São Paulo, Petit Editora, 2004).

ser ingerida, passa a imediatamente ser digerida pelo ácido clorídrico do suco gástrico.

Quer me parecer que, seja do que seja que nos alimentemos, estaremos sempre consumindo algo terreno, com ou sem transformação química natural ou provocada. O que há é que somos mesmo ainda muito atrasados – não há como ignorá-lo.

A aquisição de carne é feita em açougues ou em supermercados, sob embalagens atraentes e em clima de ar refrigerado... Bem ao contrário é o cenário de um matadouro: insuportável para a sensibilidade de qualquer ser normal, e devastador, dali em diante, para a vida dessa testemunha, pois tal lembrança não se apagará jamais da memória...

A nenhum cristão pode escapar a recomendação de amar ao próximo e, por conseqüência, jamais tirar a vida de um filho de Deus; mesmo que seja sem ação pessoal de abate do animal, aquele que ingere carne liga-se indireta e indelevelmente àquela morte... por si só tal co-responsabilidade já é uma boa vertente para que seja entendido por que este mundo é de provas e expiações...

Sou de opinião, taxativa, de que a alimentação animal desaparecerá do cenário terreno³⁵. Na atualidade, não vejo isso no horizonte, pois a alimentação carnívora é um hábito incorporado ao organismo humano há milênios sobre milênios, do que resultou todo um metabolismo genético determinista. Contudo, como o progresso moral é inestancável, tempo virá em que esse equivocado costume estará definitivamente erradicado do cenário terreno. Praza aos céus!

Sofrimentos voluntários não devem ser criados.

O que se pode e deve fazer é fustigar o orgulho e a vaidade.

35. No *site* www.jornada.hpg.ig.com.br, o artigo do doutor Victor Leonardo da Silva Chaves versa sobre “Espiritismo e vegetarianismo” e fornece alguns dos dados citados.

Assim procedendo, o homem estará devidamente preparado para administrar sem revolta a visita “espontânea” de sofrimentos, isto é, sem que tenha feito convocação explícita, entendendo que ninguém sofre sem que anteriormente (em vidas passadas ou até mesmo na presente) tenha para isso dado motivo.

Capítulo 6

Lei de destruição

DESTRUIÇÃO NECESSÁRIA E DESTRUIÇÃO ABUSIVA (QUESTÕES 728 A 736)

AO LER O TÍTULO do presente capítulo, que versa sobre destruição, justamente nesta obra que desde o início tanto exalta a obra da criação divina, de imediato uma certa inquietação pode visitar a alma do leitor, pois, à primeira vista, defronta-se com algo paradoxal.

Sim, como pode o Criador ter engendrado a “Lei de Destruição”?...

Na verdade, a denominação das leis é de autoria de Kardec e suas explicações sobre elas de imediato promovem seu entendimento. Sim, tudo é uma questão de raciocínio e principalmente da pobreza da linguagem humana para classificar as coisas da natureza. No caso, a natureza está ofertando mais uma bênção – a da transformação!

Será entendida “a destruição” lembrando-se a lei enunciada em 1789 por Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794), famoso químico francês, que preconiza: “Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”.

Essa lei ficou conhecida como Lei da conservação da matéria ou massa ou apenas Lei de Lavoisier. Ela se aplica muito

bem ao entendimento do ciclo hidrológico, que corresponde ao caminho percorrido pela água no nosso planeta. Toda a água da Terra é reciclada no ciclo hidrológico.

Deve-se ter em mente que a quantidade de água se mantém a mesma na Terra desde que o planeta foi formado, sempre circulando por meio do ciclo hidrológico, ou seja, a quantidade de água no nosso planeta hoje é a mesma da encontrada há 4,5 bilhões de anos. O que muda é apenas o seu estado físico (sólido, líquido ou gasoso) e o local por onde está circulando. As águas evaporam-se dos mares, rios e lagos e transpiram da vegetação, formando as nuvens, que voltam à superfície sob a forma de chuvas ou neve. Ao atingir o solo, as águas das chuvas infiltram-se ou escoam para os rios, lagos e mares, onde o ciclo recomeça. O Sol é o grande motor deste ciclo.

Outro exemplo da Lei natural de Destruição: as baleias passam a vida toda se alimentando de milhares de peixinhos. Quando elas morrem, milhões de peixinhos a consomem... Tudo isso, em ciclos repetidos, permanentes...

Mais um: as grandes árvores, ao tombarem, por envelhecimento ou por acidentes naturais (raios, tempestades) servirão de ninho e alimento a grande quantidade de insetos, acabando por decompor-se.

Outro: quando se vê a ação dos animais predadores, ali não está presente maldade, mas sim a “dor-evolução”, num sábio entretecimento de ações, visando ao equilíbrio ecológico, ao tempo que, em vidas futuras, os papéis se inverterão. Predador e presa, presa e predador, chegados ao reino da razão, trarão insculpido no seu corpo perispiritual que a dor dói... Daí, do que fizerem, serão responsabilizados.

Detalhe: tratando-se de animais, às questões 734 e 735, o capítulo tece duas situações diferentes, quanto a eles e ao homem: havendo necessidade, o homem tem direito à alimentação carnívora;

a proteção excessiva de animais (costume de alguns povos) pode espelhar mais temor supersticioso que bondade.

Estou me estendendo neste primeiro item, mas meu empenho é no sentido de que haja entendimento do que seria a Lei de Destruição. Por isso, uma derradeira ilação da minha parte. Assim como as águas, os minerais da Terra são, atualmente, os mesmos que eram há 4,5 bilhões de anos (idade planetária). Por infinitos e permanentes fatores físicos e químicos, naturais ou provocados pelo homem, o que ocorre é que ora são decompostos, ora transformados, ora agrupados, ora espalhados.

O ser humano, ao nascer, pesa em média três quilos. Hoje é estimado pela ciência (segundo artigo do doutor Marcelo Leite em “Ciência em Dia”³⁶), que “Todos os seres humanos sobre a Terra, juntos, pesam alguma coisa da ordem de 250 milhões de toneladas”.

Laborando estatisticamente sobre esses números, sabendo que a população mundial gira em torno de seis e meio bilhões de seres humanos, tem-se que cada indivíduo pesa, em média, 38,46 kg (250 milhões/ton. ÷ 6,5 bilhões/pessoas). Ora: como as pessoas nascem, em média, com 3 kg e têm hoje (sempre em média) 38,46/kg, apenas para efeito de cálculo, verifica-se que cada uma agregou cerca de 11 vezes seu peso original... E como nada foi acrescentado ao planeta, resulta que todos somos mesmo formados essencialmente de matéria terrena (inorgânica primordialmente e que se faz orgânica, na vida).

FLAGELOS DESTRUIDORES (QUESTÕES 737 A 741)

Os grandes cataclismos não evidenciam, de forma alguma, castigo de Deus. Ao contrário, nada mais representam do que

36. Marcelo Leite, *Folha de S.Paulo*, “Mais”, 21 de agosto de 2005.

renovação, tanto dos Espíritos, que eventualmente sofrem com eles, como também do solo.

Quando por um cataclismo morrem adultos e crianças, morrem criaturas boas e más; aquelas obtêm aprendizado e grande experiência, além de compensação no porvir; quanto a estas, desde já, abençoados resgates, além daquele aprendizado.

A engenharia japonesa vem, cada vez mais, desenvolvendo a construção de prédios “antiterremotos”; nos Estados Unidos têm construído abrigos seguros contra os formidáveis tornados; países com riscos vulcânicos, barreiras às lavas. Grandes catástrofes hoje rareiam. Em todos esses casos percebe-se a inteligência humana evoluindo cada vez mais, por indução da natureza.

GUERRAS (QUESTÕES 742 A 745)

Não há justificativa alguma para as guerras, para nenhuma guerra!

O responsável pela guerra (ser coletivo ou individual), objetivando lucro para si, atrai futuro de pesadíssimos ônus, demandando várias existências para expiar todo o mal que tenha causado.

Quando a Lei divina de Justiça for compreendida e aplicada pelos homens, só então não mais haverá guerra(s) no planeta.

ASSASSINATO (QUESTÕES 746 A 751)

Igualmente às guerras, não há justificativa para o assassinato.

Na guerra, contudo, constrangido pelas circunstâncias, a morte “do inimigo” caracteriza ação de defesa, sem que seja esquecido que a própria guerra constitui um barbarismo.

Vou a ponto de afirmar que até mesmo em se tratando de legítima defesa, o verdadeiro cristão não causará a morte do agressor, nem “do inimigo”.

O ilustre Marechal Rondon (Cândido Mariano da Silva Rondon – 1865-1958), sertanista e militar brasileiro, internacionalmente laureado por sua dedicação na proteção aos índios, incomparável desbravador do sertão brasileiro, nele edificando linhas telegráficas, determinava aos seus auxiliares antologicamente: “Morrer, se preciso; matar, jamais!”.

CRUELDADE (QUESTÕES 752 A 756)

Qualquer ato cruel em nada se compara à necessidade de destruição.

Agir com crueldade denota primitivismo – ação pelo instinto bruto, em detrimento da bondade inserida por Deus em todos os Seus filhos, ao criá-los. Essa bondade, então latente, cedo ou tarde desabrocha, qual perfume das flores, no jardim ou nos pântanos.

Há homens muito cultos e cruéis, num evidente demonstrativo de que inteligência e cultura não são avalistas de bondade, de amor. Tais indivíduos, em assim permanecendo, no tempo certo (quando a Terra alcançar maior progresso moral) serão expurgados do planeta, indo renascer em mundos mais atrasados do que este, onde sua inteligência alavancará o progresso deles e o seu próprio.

DUELO (QUESTÕES 757 A 759A)

Sobre o duelo, não há muito que dizer, senão que é um atestado de orgulho e vaidade. Se houver ofensa, o ideal será haver perdão pedido pelo ofensor e deferido de coração pelo ofendido. Assim se forjam as grandes amizades!

O mais bem treinado pode ser considerado um verdadeiro assassino, ao passo que o de menor destreza, mas bastante orgulhoso, um suicida.

Agora, se se julgam capazes da “vitória”, ambos são suicidas.

PENA DE MORTE (QUESTÕES 760 A 765)

Este é o capítulo que cita a trajetória humana da aplicação da pena de morte, mostrando os “progressos da civilização” nessa equivocada prática, a partir do barbarismo até os dias atuais.

Em nenhuma circunstância há justificativa para a aplicação da pena de morte, que vem sendo aceita e praticada por alguns países ditos “desenvolvidos”.

Tal barbaridade parece sinalizar que em tais países seus governantes “pretendem tomar o lugar de Deus”, isto é, ao invés de respeitar a lei natural, sábia e incomparavelmente justa, decretaram a artificial, inteiramente equivocada e eivada de crueldades.

E, mais grave, com anuência da maioria da população.

No caso, se o objetivo era a correção comportamental de um criminoso, incomparavelmente melhor teria sido sua recuperação, via reeducação moral, jamais sua eliminação sumária.

Até porque, sabemos nós, os espíritas, que o Espírito é imortal e ao assim chegar, tal criminoso, ao plano espiritual, quase sempre estará pleno de revolta e desejo de vingança.

Pervagará em sombrias paragens, até que venha a ser esclarecido. Em qualquer caso de aplicação da pena de morte, sabe Deus quanto tempo demandará para tal esclarecimento.

O certo é que, de entremeio, quantas obsessões eclodirão, eis que verdugos e réus por eles eliminados estarão inexoravelmente interligados por nefasta sintonia...

Onde a pena de morte é aplicada em nome de Deus, aqueles que a ordenaram são responsáveis por assassinato. Muito terão que expiar...

Capítulo 7

Lei de sociedade

NECESSIDADE DA VIDA SOCIAL (QUESTÕES 766 A 768)

O SER HUMANO, como de resto quase todos os demais seres vivos, mantém-se agrupado aos seus iguais, durante a vida toda, ou na maior parte dela. Essa peculiaridade, sobre ser uma questão de sobrevivência, seja pelo apoio recíproco, seja por sintonia de instintos, no caso humano é acrescida do fato de que ter companhia representa permanente oportunidade de novos aprendizados.

O homem, em particular, é essencialmente gregário. Assim Deus o fez. Tal visa ao progresso, que é lei moral, para tudo e todos.

Uma pessoa que do nascimento à morte não tivesse qualquer companhia humana, certamente não evoluiria. Uma ou outra eventual ocorrência nesse sentido, de que a história já tem registro, restou demonstrado que se instala a degradação do ser humano – caso dos denominados “meninos-lobo”, que andam de quatro, emitem sons estranhos e não têm qualquer cuidado físico, agindo apenas por instinto.

VIDA DE ISOLAMENTO. VOTO DE SILÊNCIO (QUESTÕES 769 A 772)

O indivíduo que preferir a solidão à companhia de seus semelhantes estará agindo por egoísmo. Exemplificam bem isso os

eremitas, que vivem isolados ou apenas com outros de igual pensamento isolacionista, vivendo eles em lugares ermos, afastados, distantes do convívio social e da própria civilização.

Sempre a humanidade devotará gratidão ao bondoso doutor Albert Schweitzer (1875-1965), alemão, médico, escritor, teólogo protestante, organista de renome e musicólogo. Jovem ainda, ao tomar conhecimento da miséria reinante na região de Lambaréné, no Gabão (África), decidiu estudar medicina. Formado, desligou-se da civilização e internou-se naquela sofrida região, onde fundou um hospital para portadores de hanseníase. Ali permaneceu por 50 anos, atendendo enfermos de praticamente todas as patologias, numa sublime lição de humanismo! O que glorifica a vida desse missionário é o fato de que, sendo organista de fama mundial, trocou os holofotes dos grandes palcos europeus pelo brilho das estrelas em plena selva bruta. Em 1953 recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

Quanto aos que inclusive fazem o chamado “voto de silêncio”, entregando-se em clausura às preces e à mortificação, causa espanto ao bom senso que praticamente ignorem (para não dizer “desprezem”) as bênçãos divinas da palavra, da convivência em família e da participação social – sublimes fatores catalisadores da evolução.

“A palavra é de prata, o silêncio de ouro”. Eis um aforismo popular que, como todos os demais, não deve ser aplicado como regra geral, senão, sim, como um sábio conselho para que a palavra só seja utilizada em atos e fatos de valor moral (difícil...).

Em última análise, a reclusão e o mutismo, com ausência de convivência e sem obras, em vida apenas contemplativa, impedem também o progresso, não só do praticante, mas de toda a sociedade.

Mas peço licença para duas outras reflexões a respeito do afastamento da civilização ou da reclusão social, espontaneamente

ou não. Nós, os espíritas, temos por convicção que trazemos para cada existência terrena todo um acervo de comportamentos e tendências, acumulado em vidas passadas. Aí, talvez nos seja permitido inferir que o eremita seja aquele indivíduo que em outras vidas tenha vivenciado pródiga atividade social, senão com luxúria e futilidade, ao menos com desperdício de oportunidades evolutivas. No plano espiritual, conscientizando-se disso, requer vida distante do rebuliço social, podendo ser então programado para viver em regiões remotas, quais a dos esquimós, dos caiçaras, dos ruralistas de pequenos e distantes povoados.

E, numa outra hipótese, sem que tenha havido tal programação, de “*motu próprio*” o indivíduo decide afastar-se do meio social, partindo quase sempre sozinho para longínquas regiões. Assim procede para ir conviver com pequenos aglomerados de famílias, onde impera a simplicidade e cujos modos de viver proporcionem tranqüilidade. Presente que lá encontrará a paz que sua alma deseja, ao tempo que poderá ser útil a alguém...

Num caso ou no outro, nada impedirá que o Espírito aproveite para evoluir moralmente nas oportunidades que se lhe apresentem e que invariavelmente surgem.

LAÇOS DE FAMÍLIA (QUESTÕES 773 A 775)

Observando a natureza, muitas pessoas se espantam ante o fato de que os animais, uma vez crescidos, separam-se indissolúvelmente da respectiva família. Tais pessoas apóiam-se nisso para deduzir que os laços familiares são uma criação social, afastando o homem da sua própria natureza...

Grave engano, primeiro porque o animal não raciocina, não vive vida espiritual, apenas vida material, regida pelo instinto. Verdade é que quase que na totalidade as crias são protegidas pela mãe ou pai, que lhes garantem a manutenção da vida – crescimento.

No entanto, uma vez adultos, cessa tal proteção, e os já crescidos descendentes espontaneamente se separam, para que ambos, filhos e pais, dêem vazão aos seus instintos, agindo essencialmente pela sobrevivência e em garantia da perpetuação da espécie.

Não bastasse o conforto moral e físico que de forma inigualável o lar proporciona, nós, espíritas, sabemos que é na família que se reencontram Espíritos fortemente ligados, positiva ou negativamente por laços do passado.

Sim... É ali, no palco humilde do casebre ou no esplendor do palácio que se vêem, frente a frente, velhos amores ou velhos rancores. No primeiro caso, desaparece a saudade e, no segundo, inaugura-se a abençoada oportunidade de reconciliação.

A abolição do laço familiar representaria grave retrocesso moral para a humanidade, expondo os homens a uma existência com pilares no egoísmo.

Capítulo 8

Lei do progresso

ESTADO NATURAL (QUESTÕES 776 A 778)

O PROGRESSO É inexorável. É lei – Lei Divina. Para tudo e todos!

Para que o progresso da humanidade no coletivo e do homem no individual seja entendido, é preciso conceituar que na natureza tudo segue um curso harmônico, planejado meticulosamente, em que o dinamismo é a tônica.

Progridem seres e mundos. Disso não há o que duvidar.

Quaisquer que sejam os ângulos pelos quais o progresso seja focalizado, qualquer que seja a latitude intelectual ou racional do examinador, sejam enfim quais sejam os enfoques (científico, filosófico ou apenas didático), sempre restará inquestionavelmente exposto que uma inteligência superior – de inimaginável superioridade – programou-o (ao progresso).

Assim, toda essa dinâmica se rege por leis pré-elaboradas, isto é, que antecedem a sua origem. Essa sublime atividade é a obra da criação.

Da criação à chegada à angelitude, o princípio inteligente percorre infinitos caminhos evolutivos, sempre sob e ao amparo (invisível) de entidades siderais, cuja ação se dá por delegação de Deus, cujas ordens conhecem e cumprem com extremado

amor e competência, absolutamente fora da capacidade humana de serem avaliados.

Na infância da humanidade, tudo é primitivismo, e o homem, ali, pouco tem com que se preocupar; o progresso, contudo, potencialmente inserido no seu Espírito, o induzirá a mudanças, tendentes a melhoria, algo assim como o percurso que o levou da caverna ao apartamento “de cobertura”, da canoa tosca ao transatlântico, da lente de aumento ao telescópio e da visão apurada ao microscópio.

Definitivamente: o homem jamais retrograda, isto é, seu caminho é direcionado para o progresso.

Não são poucos os que discordam dessa última assertiva, diante de procedimentos humanos nefandos, cruéis, bárbaros, sendo os agentes qualificados, ou melhor, desqualificados, como “abaixo do nível dos animais”. Enganosa essa reflexão, pois o progresso é patrimônio intocável. Nesses tristes procedimentos, o que se verifica é a ação infeliz de Espíritos crestados no mal, cujo proceder, cedo ou tarde, será freado, seguindo-se longo tempo de expiações e provações, sob a pedagogia da dor – professora inigualável nesses casos. Deve-se ter em conta que do mal Deus tira o remédio e assim “não necessita de secretários” para que expiações se efetivem, contudo, se há ação malvada, certamente a vítima expia, isto é, quita débito e o que a pratica o assume.

MARCHA DO PROGRESSO (QUESTÕES 779 A 785)

No longo desfile de existências, o indivíduo vai naturalmente aumentando seu estoque de aprendizados. O que quase sempre se observa é que o progresso intelectual, na maioria dos homens, antecede ao moral. Isso acontece porque, desenvolvendo a inteligência, o homem adquire melhor capacidade de julgamento,

de comparação, vindo a perceber que o bem supera o mal. Num exemplo simplista: agindo mal, logo o remorso se apresenta e causa desconforto; já ao contrário, quando é caridoso, indizível bem-estar o visita.

O progresso tem potencial imbatível. Nada, absolutamente nada poderá impedi-lo.

O orgulho e o egoísmo são obstáculos à marcha apenas do progresso moral, já que o intelectual se efetiva, a despeito de tão nefasta postura humana. Cito, como outro breve exemplo, o caso dos criadores da bomba atômica: muita intelectualidade e nenhuma fraternidade.

Tal ocorrência (essa do progresso intelectual acontecer a despeito de erro no moral) vem confirmar um aforismo várias vezes utilizado por Kardec, segundo o qual “de todo mal Deus tira um bem”. Óbvio que tal estado de coisas é passageiro, eis que o homem não tarda a se dar conta de que o gozo terreno é efêmero, ao passo que o moral lhe traz duradoura felicidade.

Interessante notar que Kardec, a propósito, comparou os dois progressos, o moral e o intelectual, citando o patamar em que a humanidade se encontrava no século 19, relativamente ao século 14; e, depois, mesma coisa, indagando qual será o progresso do 24º século, comparativamente ao século 19...

POVOS DEGENERADOS (QUESTÕES 786 A 789)

Quando se observa um determinado povo agindo barbaramente, durante uma ou algumas gerações, pode-se conjecturar que são Espíritos assim aglomerados por benfeitores celestes, que os reúne segundo seu nível moral, similar. Incoercivelmente, o progresso os alcançará e assim, adiantando-se, deixarão tal procedimento. Incontestemente que a Terra é sublime escola na qual, “ano a ano”, são matriculados alunos “analfabetos do *Evangelho*”, para

aprenderem e praticarem a moral cristã, que é universal. É assim que todos nós progredimos...

O progresso terreno, de povo a povo, levará a humanidade, um dia, à prática constante da caridade, em nível de “globalização”. Até que isso aconteça, não é de se objetar que muitos serão os Espíritos terrenos rebeldes que episodicamente estagiarão em mundos primitivos, só retornando à Terra, quando seu procedimento não mais obstaculizar o progresso geral. Por si só, tal premissa avaliza a reencarnação e a sublimidade das vidas sucessivas, plenas de infinitas oportunidades de progresso.

Ao se apoiar na teoria da vida única, como entender que há pessoas que são boas e outras que são más? Como é que um traz boas tendências comportamentais e outro só procede mal? Se Deus criou a todos, por que alguns nascem aleijados e outros não? Por que muitas pessoas nada têm e outras vivem na opulência? Onde está a justiça divina?...

CIVILIZAÇÃO (QUESTÕES 790 A 793)

Civilização é a ação de civilizar um país, um povo, de aperfeiçoar as condições materiais e culturais em que vive. Envolve o estado de desenvolvimento econômico, social e político de um país ou sociedade, e que é considerado como ideal, aí se incluindo as características próprias à vida intelectual, artística e moral. Verifica-se, assim, que a civilização não é homogênea na Terra...

E mais: as civilizações terrenas que não se enquadram no mural acima não podem e nem devem ser consideradas decadentes, menos ainda ser condenadas. Não. O que se deve ter em conta sobre a civilização – qualquer civilização – é que ela foi formada e reúne o somatório do comportamento dos membros que a compõem. Em outras palavras, e sem radicalizar, pode-se inferir

que uma civilização exprime a tendência moral da maioria dos homens que nela vivem.

A intelectualidade de um povo não é aval de sua grandeza moral. O que define uma civilização completa é a exposição de que dela estão banidos os vícios que a maculam e que os seus componentes vivem como irmãos que se amam, sobre serem praticantes permanentes da caridade. Não é o caso, ainda, da Terra...

Civilização completa, pois, é aquela onde inexistem o egoísmo, a cobiça e o orgulho e onde a lei do amor ao próximo, inserta na consciência da população, é espontaneamente respeitada e, mais que isso, praticada.

Nela, “os hábitos são mais intelectuais e morais do que materiais”. Enfim, há mais bondade, boa fé, benevolência e generosidade, recíprocas.

PROGRESSO DA LEGISLAÇÃO HUMANA (QUESTÕES 794 A 797)

Neste planeta, a evolução da humanidade apresenta variados graus, em razão de as leis terrenas serem cambiantes, isto é, adequarem-se a cada uma das fases de uma mesma sociedade; aí, advindo progresso intelectual e moral, elas são repensadas e substituídas por outras, consentâneas com o novo patamar.

Por mais severas que sejam as leis humanas, tendentes a punir réus, ideal seria que elas se voltassem para a educação, de forma que os crimes cessariam, ou no mínimo, escasseariam e seriam de menor gravidade.

INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO SOBRE O PROGRESSO (QUESTÕES 798 A 802)

Considerando que a Doutrina Espírita constitui uma releitura fiel da moral cristã, nada objeta que ela venha a se tornar

unanimidade neste mundo. Isso porque os Espíritos que formam a humanidade terrena, cedo ou tarde, terão de pautar seu comportamento moral pelos ensinamentos de Jesus, que são universais.

Obviamente, isso demandará grandes porfias, seita a seita, filosofia a filosofia religiosa, tema a tema moral, assunto a assunto coletivo. Tudo, de início, visando à destruição do materialismo e abrindo um leque de infinitas hastes para o futuro, individual e coletivo. Futuro esse que terá foco no plano espiritual, com entendimento da justiça divina, máxime da reencarnação.

À questão 802 Kardec indaga por que os Espíritos “não apressam” o progresso, visto que ele será marcado pelo Espiritismo.

Responderam-lhe os Espíritos elevados que, como ponto alto do amor de Deus para com nós outros, Jesus aqui veio, como homem, realizando prodígios e deixando eternas lições de amor ao próximo e informações sobre o reino divino, no qual todos, um dia, nos fixaremos. E o que aconteceu?... O Cristo convenceu a todos? O fato é que Deus não opera por milagres, e sim, deixando ao homem o mérito próprio do convencimento pela razão.

Neste ponto, peço licença para alongar um pouco essa questão dos “céus mandarem à Terra um milagre para convencer todo mundo”. Conjeturo sobre qual seria a recepção da humanidade a Jesus, num eventual retorno, pois há uma penosa realidade para os cristãos: ele não é, nem nunca foi unanimidade terrena... Senão, vejamos: à época de Jesus na Terra, a população mundial, segundo estimativa de alguns demógrafos, oscilava de 170 a 250 milhões de habitantes (fiquemos na média). Considerando, além disso, que:

nem todos o aceitaram como o Mestre dos Mestres;
até hoje, não aceitar o Cristo como o Messias, de forma alguma exclui alguém de proceder fraternalmente, de “ser do bem”. Não! Ser bom jamais foi atributo apenas dos cristãos ou dos seguidores de qualquer outro credo

ou religião, ou mesmo de eventuais ateus – proceder bem é apanágio das almas bondosas.

E também que:

em 1952, no livro *Roteiro*³⁷, pela psicografia de F. C. Xavier, o Espírito Emmanuel informava que para os 2 bilhões de Espíritos encarnados havia 20 bilhões desencarnados;

em 1964, no *Anuário Espírita*³⁸, também pela psicografia de F. C. Xavier, o Espírito André Luiz informava que para os 3 bilhões de Espíritos encarnados havia 21 bilhões desencarnados.

Conclui-se que:

na primeira citação (de Emmanuel), temos que para 1 encarnado havia 10 desencarnados, e na segunda (de André Luiz), a proporção era de 1:7. Se atualmente, somos 6,5 bilhões de pessoas que habitam a Terra, serão quantos os desencarnados? Se ficarmos com o último dado, de André Luiz: $21 + 3 - 6,5 = 17,5$ bilhões; e aí, a proporção será de 1:2,7.

Caro leitor: todos esses números (citação feita apenas como conjectura, que como tal, não passa de opinião pessoal) parecem sinalizar que o planeta Terra, do tempo de Jesus entre nós aos dias

37. Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, *Roteiro* (Rio de Janeiro, FEB, 1952).

38. Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, *Anuário espírita* (Araras, IDE, 1964).

atuais, vem sendo destino de grande número de Espíritos alienígenas... (só conjecturas).

Voltar ao tempo de Jesus (\pm 210 milhões de encarnados) e imaginar qual o número de desencarnados de então é conta que fica difícil de ajuizar, mas, pela proporção, talvez seja de 10 vezes mais do que dos encarnados, isto é, algo em torno de 2 bilhões; dessas reflexões, tem-se que mais de 20 bilhões de Espíritos, encarnados e desencarnados, nem sequer estariam na Terra quando da primeira vinda de Jesus; logo, para eles, não haveria retorno, senão sim, um primeiro contato. Segundo o *Almanaque Abril-Mundo* de 2002, pág. 83, em 2000 havia cerca de 2 bilhões de cristãos no mundo. Ora, dedutivamente ($6,5 - 2 = 4,5$) 4,5 bilhões não têm Jesus como referencial de “Salvador”. Triste. Mas essa é a realidade, hoje!

Contudo, quem poderá negar que com os fantásticos meios de divulgação agora existentes, um novo estágio de Jesus entre nós, encarnado, agirá como sublime catalisador de uma expressiva melhoria moral de toda a humanidade?

Queiram os céus!

Capítulo 9

Lei de igualdade

IGUALDADE NATURAL (QUESTÃO 803)

PERANTE DEUS, todos os homens são absolutamente iguais e submetidos às mesmas leis divinas – naturais e morais. Nascimento, vida e morte sujeitam todos às mesmas ocorrências, sejam de fraqueza, de dor ou de aprendizado.

DESIGUALDADE DAS APTIDÕES (QUESTÕES 804 E 805)

Conquanto todos os Espíritos tenham a mesma origem – criação divina – acontece que, via de regra, os que foram criados há mais tempo atualmente se encontram mais adiantados na escala moral, desde que para isso tenham se aplicado. E têm oportunidade de repartir seus conhecimentos com o próximo, situado em nível mais precário de adiantamento.

Da diversidade de patamares morais ou intelectuais decorre o progresso terreno, que obedece à providência divina. Sim, porque o progresso se adianta em razão das multiplicadas aptidões. Não bastasse o progresso que os mais preparados ofertam à humanidade, é por graça do Criador que a Terra de quando em quando recebe a visita de mensageiros celestes, cuja permanência entre nós resulta em largos passos evolutivos.

DESIGUALDADES SOCIAIS (QUESTÕES 806 E 807)

As diferenças sociais entre homens, países, povos e culturas se dão por obra única e exclusiva do comportamento humano. Mas tempo virá em que desaparecerá do cenário terreno quaisquer laivos de egoísmo e orgulho, quando, então, o mundo será uma única grande família, na qual só se verá superioridade espiritual. E assim mesmo, essa superioridade, jamais proclamada ou sob foco de holofotes, se aplicará em ajudar aos que vêm ao enalço da felicidade e que ainda carecem desse auxílio.

DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS (QUESTÕES 808 A 813)

Tanto a riqueza, quanto a pobreza, constituem difíceis provações.

A primeira, quase sempre, tem raízes complicadas na sua origem e mesmo sendo legalmente repassada a herdeiros, não deixa de trazer estigmas.

Em se tratando de herdeiros, a eles competirá identificar a procedência da fortuna que lhe cai às mãos e, se observada alguma injustiça, dever que se lhes impõe é imperioso repará-la incontinenti. Disso resultará bênçãos para as vítimas, para si e para aquele que lhes repassou os bens. É ponto pacífico entre os espíritas que a riqueza é empréstimo divino para que o detentor dela (adquirida por esforço próprio ou por herança) quite pesados débitos contraídos em vidas passadas. Dentro desse parâmetro, o dinheiro se torna excepcional ferramenta de justiça, uma vez que proporciona ao rico inapreciadas bênçãos de resgates... (gerar empregos, uma delas).

É matematicamente comprovado que se todo o dinheiro mundial fosse repartido por igual, para que não existissem ricos nem pobres, em pouco tempo, pouquíssimo, logo retornaria o

cenário anterior, pela irresistível força das coisas. Isso porque diferentes são as tendências, as reações, o mau uso da inteligência, além de a cobiça e a ambição sobrepairarem de mãos dadas sobre os gananciosos, que muito mais os há do que aqueles que se contentam apenas com o necessário...

Em setembro de 2005, a ONU (Organização das Nações Unidas) divulgou seu Relatório do Desenvolvimento Humano 2005 (sobre 177 países), do qual cito alguns detalhes:

se o mundo fosse um único país, seu nível de desigualdade seria tão elevado que só seria superior ao da Namíbia, nação com maior índice de desigualdade;

as 500 pessoas mais ricas do mundo têm renda total superior ao conjunto de 416 milhões de habitantes mais pobres do planeta; isso representa que um bilionário equivale a 820 mil pobres;

o IDH (Índice do Desenvolvimento Humano) expõe drásticas quedas de posições entre os países da África subsaariana, entre os países que enfrentam epidemias de AIDS ou que passaram por guerras recentemente; a maior de todas as quedas no ranking é da África do Sul e a segunda reporta-se à República da Moldova, ex-território da antiga União Soviética;

dos 177 países citados pela ONU, o Brasil ocupa o 63º lugar, sendo considerado de “desenvolvimento humano médio”;

no quesito “desigualdade” o Brasil tem um impressionante destaque internacional: de todos os países do Relatório só em cinco países os 10% mais pobres ficam com uma parcela de renda menor que a dos brasileiros miseráveis – Venezuela, Paraguai, Serra Leoa, Lesoto e Namíbia. E observa mais: em nenhum país a

desigualdade de renda é tão intensa quanto no Brasil.
Triste realidade... ³⁹

Assim, quem pensa que para todos serem felizes há necessidade de todos terem a mesma quantidade de dinheiro se engana: para a felicidade geral bastaria que cada ser se desincumbisse da atividade para a qual tem aptidão e que cada um se contentasse apenas com o necessário. Assim agindo, a humanidade poderia tranqüilamente suprir a necessidade geral e ainda sobraria tempo para mais educação, mais aprendizado – maior evolução.

Quando miramos tanta miséria na paisagem terrestre, de forma alguma podemos excluir a sociedade como co-responsável por isso, pois a ela, sociedade, sobretudo, incumbe zelar por todos os seus membros, assistindo-os nas suas carências quando pobres – distribuindo eqüitativamente a renda – ou eliminando más tendências, quando diagnosticadas.

PROVAS DE RIQUEZA E DE MISÉRIA (QUESTÕES 814 A 816)

Riqueza pressupõe autoridade, de poder, de projeção social. Nisso reside a provação do rico: ter à sua disposição tais tentações mundanas e vencê-las.

Já a pobreza, igualmente constitui difícil provação, pois só com resignação o pobre encontrará forças para vencer o impulso da revolta, quiçá da blasfêmia...

O homem amodado tem por obrigação usar o poder facultado pelo dinheiro para criar oportunidades de trabalho ou de manutenção para com os necessitados. Essa é uma dura prova à qual Deus o submete e da que deverá prestar contas, sendo severamente questionado quanto à utilização da fortuna. Imaginando o quanto

39. *Folha de S.Paulo*, 7 de setembro de 2005, págs. A20, A21 e A22.

de poder, o quanto de meios e o quanto de autoridade que o dinheiro confere neste mundo ao seu detentor, não nos dificulta entender por que a riqueza é mesmo uma grande prova, indutora do gozo desenfreado de prazeres mundanos, com arrastamento e vivência de paixões comprometedoras da saúde física e espiritual.

IGUALDADE DOS DIREITOS DO HOMEM E DA MULHER (QUESTÕES 817 A 822A)

Considerar a mulher mais fraca do que o homem é postura atualmente ultrapassada, pelo menos na maioria dos povos. Esse equívoco resultou do fato de os homens, primitivamente, decretarem superioridade masculina em razão da sua constituição física. Ledo engano. Deus outorgou ao homem músculos mais desenvolvidos para que ele os utilizasse a bem da família, suprimindo suas necessidades; no entanto, à mulher consignou funções especiais, equipando-a com maior sensibilidade e delicadeza, atributos sublimes de emprego na maternidade.

Ideal será uma sociedade na qual homens e mulheres tenham iguais direitos, não significando isso que desempenhem mesmas atividades físicas: para o bem comum, que cada um desempenhe atividades que, no conjunto, resultem no bem de todos. Ademais, sabendo nós, espíritas, que o Espírito não tem sexo e que em suas vidas sucessivas, passadas ou futuras, já reencarnou ou poderá vir a reencarnar num ou noutro sexo, mais ainda pontifica que o direito de ambos é exatamente o mesmo, seja perante o mundo, seja, principalmente, perante Deus.

IGUALDADE DIANTE DO TÚMULO (QUESTÕES 823 E 824)

Esse tema, em particular quando se refere à pompa dos funerais, é por demais delicado, e para refletir sobre ele necessário

se faz que os preconceitos sejam deixados de lado. Em primeiro lugar, deve-se abster de quaisquer julgamentos, nada impedindo, no entanto, que haja reflexão sobre a ocorrência rotineira de faustosos túmulos serem erguidos, para bem demarcar a posição social dos que ali terão depositados seus despojos. Essa é uma ação comandada pelo orgulho. Outro poderá ser o enfoque se uma coletividade celebrar com honra o funeral de um homem de bem, com ou sem um marco físico.

O que a ninguém deve escapar é o raciocínio de que a morte a todos os corpos nivela, sob ação da natureza, com ou sem pompa, com ou sem obras fúnebres erigidas ao morto. De cada existência terrena, o que mais dura são as boas (ou as más...) lembranças naquele que retorna à pátria espiritual aonde, ao chegar, estará tão-somente com a bagagem do bem ou do mal que tenha feito, além do ônus moral decorrente do bem que poderia ter feito e não fez...

Capítulo 10

Lei de liberdade

LIBERDADE NATURAL (QUESTÕES 825 A 828A)

A LIBERDADE É UMA condição relativa no mundo porque todos os homens precisam uns dos outros, seja qual seja sua condição social. Na hipótese altamente improvável de que alguém pudesse sobreviver isoladamente num deserto, numa floresta, numa ilha deserta ou em região montanhosa árida e despovoada, só aí se poderá imaginar que esse eremita teria liberdade integral.

O item se refere ao mundo material... Nós, espíritas, cremos que até mesmo vivendo em completo isolamento, isso só será verdadeiro no plano físico, pois no espiritual, certamente tal indivíduo terá companhia...

Já a partir de duas pessoas, ambas não têm liberdade plena, eis que ambas têm direitos que devem ser respeitados.

ESCRavidÃO (QUESTÕES 829 A 832)

A escravidão, sob qualquer ponto de vista, é absolutamente execrável. Nada há que a justifique, nem mesmo – e até principalmente, aliás – quando ela seja ou tenha sido costume de um povo.

Quando alguém se vale de escravos por ignorância dos preceitos cristãos, isso não o exime de ser culpado de violentar a natureza, pois a liberdade é uma Lei Natural, Divina, insculpida por Deus na consciência de todos os homens e, se ouvi-la, a razão proclamará que todos somos iguais perante Deus.

O argumento de que alguns povos humanos, de pouca aptidão, dependem dos mais aptos e, portanto, podem ser escravizados, não resiste à realidade espiritual do homem, segundo a qual, se há mais fracos, é dever dos mais fortes ajudá-los. Outro argumento falso é que não há nenhuma violência à natureza se um escravo é bem tratado. Escravo é sempre escravo – não se pertence. Tratar bem se trata a objetos e a animais, os primeiros para serem duráveis e os segundos por proteção e respeito.

Kardec não teve a felicidade de ver a escravidão ser abolida, no mundo todo. Inclusive, o Brasil foi o último país a extirpar essa terrível chaga (13 de maio de 1888). Refletindo sobre os males morais que a escravidão trouxe para este planeta, talvez não seja exagero de minha parte refletir que por causa dela, mas não só por ela, a psicofera terrena se ressentida ainda hoje (contendo miasmas astrais) e assim permanecerá por mais tempo. Quanto? Só Deus o sabe...

LIBERDADE DE PENSAR (QUESTÕES 833 E 834)

A única atividade humana, por sinal não-física e que confere ao homem total e ilimitada liberdade, é o ato de pensar. Não há como impedi-lo. Não obstante, Deus conhece todos os pensamentos e assim somente à Sua justiça o homem deles terá de prestar contas.

LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA (QUESTÕES 835 A 842)

Por liberdade de consciência compreende-se o direito humano de proceder de acordo com o que julga ser certo ou o mais

acertado. Já se vê que tal decisão tem origem no íntimo do homem, isto é, na sua consciência.

Ninguém tem o direito de impedir ou criar obstáculos, nem a essa nem a qualquer outra liberdade.

Toda e qualquer crença deve ser respeitada. Isso até consta como preceito da Constituição Brasileira, qual, aliás, nas Constituições da maioria das nações ocidentais. O que é preciso ter em conta é se não resulta nenhum mal do exercício, prática ou vivência da crença. Nesse caso, impedir esse resultado não representará, necessariamente, impedimento à liberdade de consciência. Ainda assim, impedindo-se o mal, não há possibilidade humana de impedir o pensamento, a crença íntima...

Diante dos despautérios decorrentes de ações movidas por essa ou aquela crença, a melhor de todas as atitudes será convencer seus seguidores/agentes do seu equívoco, mediante exemplos de brandura, fraternidade e amor ao próximo.

Definir qual a melhor doutrina, a melhor crença ou a melhor religião é tarefa razoavelmente fácil: veja se seus seguidores pregam e exemplificam o amor a Deus e ao próximo, se defendem a união dos povos e se agem sempre pensando no bem alheio.

LIVRE-ARBÍTRIO (QUESTÕES 843 A 850)

A liberdade de escolher e agir é uma das maiores bênçãos dadas por Deus ao homem e que o acompanha, praticamente, desde o nascimento.

À medida que o ser vai crescendo, da infância à adolescência, desta à juventude, daí à maioridade e finalmente à idade adulta, o livre-arbítrio se ajusta segundo o aprimoramento – intelectual, moral e espiritual.

As vidas passadas influenciam fortemente tal adequação e nada objeta refletir que essa é mais uma das inúmeras benéficas

vertentes da reencarnação, eis que, se a tendência é negativa, a oportunidade é de domá-la e, se positiva, incrementá-la.

Obviamente, a matéria, no caso terreno, exerce apreciável influência sobre o Espírito, principalmente pelas dificuldades que impõe, em face da densidade física que tem de ser superada.

Não se culpa o indivíduo tolhido de suas faculdades: o que fizer o torna inimputável. Na verdade, porém, já essa supressão da consciência é uma resultante de erros em vidas passadas, sendo expiada nesta. Se a matéria se livra da culpa, nem por isso o Espírito deixa de sofrer pelas aberrações.

Bem ao contrário é o caso do alcoólatra que, por esse vício, compromete sua razão. Na verdade, comete dupla falta: desequilíbrio mental e danos físicos.

Imposições do meio social não devem constituir impedimento para atos consentâneos com a consciência do homem.

“Quebrando o protocolo”, peço licença para acrescentar algumas pequenas notas sobre o livre-arbítrio e o determinismo, fatores que coexistem embora nem sempre sejam proporcionais.

O livre-arbítrio amplia-se pela educação e experiência e cria as circunstâncias presentes e futuras, ofertando várias opções de qual caminho seguir...

O determinismo é teoria filosófica segundo a qual os fenômenos naturais e os fatos humanos são causados por seus antecedentes. Cito algumas espécies de determinismo:

natural: expressões do mundo físico (respirar/alimentar-se/repousar);

humano: expressa-se pela Lei divina de Ação e Reação. É sempre conseqüência do uso do livre-arbítrio;

absoluto: segundo elaboração do mapa pré-reencarnatório, como nascer com corpo físico portador de patologia(s) congênita(s); vivenciar vários tipos de

injunção penosa; vivenciar expiações mutiladoras e dilacerantes; vivenciar em várias áreas sociais; vivenciar várias situações financeiras;

relativo: alterável pelo livre-arbítrio em razão das realizações eleitas, isto é, boas escolhas, em ordem com Deus: paz, harmonia; más escolhas, na contramão divina: insucessos e dor;

filosófico: segundo a filosofia grega clássica não há acaso, tudo se produz mediante uma causa (os fenômenos naturais e fatos humanos são causados por seus antecedentes) e entre dois ou mais fenômenos há encaideamento de causa e efeito;

social: é o caso, por exemplo, de alguém que numa vida inteira tenha procedido e vivenciado dentro da moral cristã e reencarna numa próxima existência em sociedade cujos costumes colidam com tal procedimento (naturalmente terá de desenvolver enorme esforço para adequar-se a essa difícil situação-teste. Será recompensado desde que se esforce em vencer tal obstáculo);

laplaciano: dizia Pierre Simon, marquês de Laplace (1749-1827), que se conhecendo as leis do universo pode-se prever estados futuros. Sua teoria não resistiu ao avanço da ciência, primeiro porque jamais o homem terá condições de “conhecer as leis do universo” e segundo porque está evidenciado que na natureza há um “princípio de incerteza” (caso da microfísica, no exemplo do átomo: conhecer a velocidade do elétron torna impossível o conhecimento da sua posição);

einsteniano: segundo Albert Einstein (1879-1955) é indispensável a todo procedimento científico ao menos supor alguma espécie de harmonia no mundo;

geográfico: o homem é fruto do meio ambiente;

determinismo divino: a evolução. Há uma única lei, o amor universal, cujas resultantes são: o bem e a felicidade. Em todos os casos, o espírito evolui!

Abro aqui parênteses para comentar a cassação do livre-arbítrio, sob compulsoriedade divina. Lembrando da questão 262a de *O Livro dos Espíritos*: Deus pode impor uma encarnação ao Espírito de inferioridade moral e com má-vontade (o ser teimoso, aquele que comete erros sobre erros e não compreende que tipo de existência física seria melhor para sua evolução), para que tal lhe sirva de purificação e simultaneamente de expiação.

Lembrando Allan Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*⁴⁰:

“As tribulações da vida podem ser impostas aos Espíritos endurecidos, isto é, teimosos no mal ou muito ignorantes, ainda incapazes de fazer uma escolha consciente, mas são livremente escolhidas e aceitas pelos Espíritos *arrepentidos*”.

FATALIDADE (QUESTÕES 851 A 867)

Nem todos os acontecimentos da vida são predeterminados.

Mas existem, sim, situações inevitáveis, como, por exemplo, nascituros portando patologias incuráveis. Nesse caso, isso se dá ou por solicitação do próprio Espírito ou então por ação compulsória, a seu benefício, por decisão de protetores siderais. Esses dolorosos dramas têm vertentes que só o Espiritismo explicita: quase sempre se trata de débitos em quitação; contudo, pode

40. Allan Kardec, “Causas anteriores da aflições” em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (São Paulo, Petit Editora, 2004), pág. 68.

também acontecer que determinado Espírito missionário solicite tal provação, para poder vivenciar no meio desses problemas e ajudar aos neles envolvidos.

“Fatalidades” individuais ou coletivas: acidentes inevitáveis; perda de seres amados; reveses da fortuna; flagelos naturais; enfermidades de nascença; desemprego; “balas perdidas”.

Todos esses acontecimentos são conseqüentes (efeitos), cujos antecedentes (causas) estão no passado. Do contrário, não se admitiria a justiça divina!

Não existe maior evidência filosófica das vidas sucessivas.

Questão 853:

“– A fatalidade só existe, no verdadeiro sentido da palavra, apenas no instante da morte”.

Questão 859:

“– A fatalidade, verdadeiramente, consiste apenas na hora em que deveis nascer e morrer”.

Quando se tratar das coisas de Deus, como, por exemplo, a vida e a morte, sempre será perigoso radicalizar. O leitor que quiser um exemplo desse perigo encontrará no capítulo “Caso Marita”, da obra *Sexo e destino*, do Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, a citação e justificação das coisas que levaram a espiritualidade a prorrogar o instante da morte da personagem (Marita), bem como programar antecipação de sua subsequente reencarnação. Depreendemos que num e noutro caso não houve contradição: nessas questões, o que há é nosso desconhecimento integral das leis de Deus. Nunca se deverá imaginar que o relógio da espiritualidade, que determina nascimento e morte, registra o tempo no mesmo compasso terreno...

Questões 851, 856, 860, 862 e 866:

Provas físicas: escolha feita pelo Espírito antes de reencarnar.

Provas morais: poderão ser aumentadas ou diminuídas.

A maneira de desencarnar pode ser modificada, por lutas a sustentar.

(Assim, há fatalidade nos acontecimentos materiais e inexistente nos atos da vida moral, os quais podem ser desviados/alterados).

OS PERIGOS E O ANJO GUARDIÃO

Questão 855:

Os perigos são advertências. Quanto às previsões espirituais – sonhos premonitórios, por exemplo –, são também advertências e não certeza de acontecimentos fatais.

SORTE – ACASO – TENTAÇÃO

Questões 261 e 865:

Sorte no jogo: ganho como homem e perda como Espírito.

Essa é uma espécie de alegria escolhida anteriormente (provação), sendo-lhe concedida como prova para seu orgulho e cupidez.

CONHECIMENTO DO FUTURO (QUESTÕES 868 A 871)

Seria altamente prejudicial à evolução o conhecimento do futuro, pois isso obstaria a criatividade, na maioria dos homens. E a criatividade, pode-se afirmar com segurança, é a mola-mestra do progresso – físico e moral. Não obstante, há casos em que o futuro é – parcialmente – revelado a alguns homens, sendo isso previsto nas leis divinas, no sentido de que algo venha a suceder, considerando que sem essa revelação tais homens poderiam até impedir citado acontecimento.

Deus é onisciente, isto é, tem conhecimento de tudo – passado, presente e futuro. O fato de que algum fato é revelado antecipadamente a alguém não constitui experimentação, pois que Deus já sabe de antemão qual será o procedimento desse alguém. O que há é respeito pelo livre-arbítrio. Se o agente opta por descaminho, de forma alguma o acontecimento previsto nas leis divinas deixará de existir, pois são infinitos e insondáveis os meios de que dispõe a providência para sua realização.

RESUMO TEÓRICO DA MOTIVAÇÃO DAS AÇÕES DO HOMEM (QUESTÃO 872)

O livre-arbítrio se resume à verdade incontestada de que o homem não precisa agir no mal, em qualquer situação, pois seus atos não foram previamente determinados. Antes de reencarnar, escolhe como será sua existência física e assim, reencarnado, terá sempre opção de como proceder. Aí está seu livre-arbítrio.

Já a fatalidade não se restringe a decisões prévias e irrevogáveis: isso, a ser verdade, reduziria o homem a um simples robô, irracional, e por consequência, sem responsabilidade do que viesse a fazer. A fatalidade, no nosso planeta “de provas e expiações” pode ser compreendida então como expressão do passivo moral de cada ser, espelhando seu grau evolutivo e qual está sendo seu resgate de eventuais débitos, todos de sua única responsabilidade.

Assim, há fatalidade em acontecimentos que foram previamente escolhidos ou compulsoriamente aplicados ao ser que precisa se quitar perante a consciência. Defeitos de nascença, por exemplo, exprimem tal situação. Mas, do ponto de vista moral, não há fatalidade: esse mesmo indivíduo, com problemas congênitos poderá ser revoltado ou resignado, bom ou mau.

Capítulo 11

Lei de justiça, amor e caridade

JUSTIÇA E DIREITOS NATURAIS (QUESTÕES 873 A 879)

O SENTIMENTO DE justiça, no seu sentido mais puro, mais transcendental, constitui recurso que Deus concede ao homem, ao criá-lo, motivo pelo qual todos nós, sem exceção, temos arraigado no nosso íntimo, essa sublime bênção.

Para conceber e sentir a justiça, no seu verdadeiro caráter, não há necessidade de conhecimentos, de quaisquer estudos e diplomas, ou de cultura.

As diferenças de entendimento do que seja justiça, tão patentes segundo a variação cultural de pessoas, sociedades, nações ou mesmo épocas, se devem às paixões que o ser humano sempre desenvolveu e vem desenvolvendo, quando diante de um mesmo fato emite diferentes pareceres.

A verdadeira justiça compreende o respeito ao direito dos outros. E, “por direito dos outros”, ninguém melhor do que Jesus o definiu: “Para o próximo, o que quero para mim”. Assim, jamais alguém poderá ter dúvida do que é justo, em qualquer situação: por empatia⁴¹, basta colocar-se no lugar do outro.

41. Tendência para sentir o que sentiria caso se estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa.

Não há como alguém confundir a questão dos direitos, avocando para si mais do que faz jus, desde que faça uma análise dos seus limites, em retrospecto sincero de suas forças e de suas fraquezas, pois não há melhor juiz do que a própria consciência. Autoridade e subordinação decorrem dessa expressão.

Mas, o que caracteriza a justiça plena, qual a que Jesus sempre vivenciou, será aquela praticada com caridade, por alguém que tenha amor pelo próximo.

DIREITO DE PROPRIEDADE. ROUBO (QUESTÕES 880 A 885)

A vida é o primeiro e mais sublime de todos os direitos de cada ser. Trabalhar pelo bem próprio e da família, na fase ativa, garantindo a madureza, por meio de patrimônio honestamente conquistado (sem prejuízo de outrem) é direito natural, tanto quanto a defesa desse patrimônio. E o que define o *quantum satis* (o quanto seja suficiente) desse patrimônio repousa na compreensão de que cada homem deve possuir o que lhe basta e aos seus.

Tudo aquilo que resultou de roubo é indevido. Não se deve jamais esquecer que na verdade tudo pertence a Deus, pelo que, na Terra, num sentido elevado, ninguém é dono real de propriedades, senão, sim, apenas depositário, ou usufrutuário delas.

CARIDADE⁴² E AMOR AO PRÓXIMO (QUESTÕES 886 A 889)

A prática da caridade leva o indivíduo a ser bondoso com todos, indistintamente, sejam subordinados, pares ou superiores. Diante de alguém em estado ou situação inferior à sua, procura elevá-lo, diminuindo a distância que o separa desse alguém.

42. Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.

Há ainda outro enfoque para a prática da caridade: para com os inimigos... Obviamente, e desde já é bom ficar claro o quão difícil é, para a maioria dos homens, cumprir a recomendação de Jesus para que “amemos aos nossos inimigos”. Contudo, para que tão meritória postura seja praticada, ela requer o entendimento de que isso pode ser feito com as seguintes atitudes (não excludentes): de forma alguma se vingar – nem sequer imaginar vingança; orar por eles com sinceridade no coração, estejam ou não em dificuldades; desejar que prosperem, que vençam, que sejam felizes; regozijar-se quando souber que algo de bom aconteceu com eles; não perder oportunidade de reconciliação, por menor que seja.

No item da doação de esmola, o doador tem de cuidar para que o ato não humilhe o pobre – já por demais humilhado de sobreviver como pedinte na via pública. Além da ajuda material, indispensável se faz a delicadeza, uma boa palavra, um conselho evangélico. Se na sociedade houvesse amor ao próximo não haveria pedintes.

Crianças, adolescentes e até adultos, nos semáforos, nos cruzamentos movimentados ou em pontos estratégicos do passeio público, pedindo esmola, fazendo malabarismos, limpando pára-brisas espelham um triste quadro. E é assim que, em se tratando de esmola, quando o foco se dirige para o tema “dar esmola (a crianças) nas ruas”, há controvérsias... Uns defendem a doação direta, outros a condenam. Os primeiros agem apenas por compaixão; já os segundos defendem que tal ajuda seja indireta, admitindo-a apenas se for dirigida a órgãos oficiais ou a ONGs (organizações não-governamentais), que tenham condições e competência para administrar as doações e, acima de tudo, credibilidade.

– Quem está com a razão?...

Quem dá esmola na rua considera que age por caridade. Invocam o aval de Jesus, quando bem já aconselhava (Mateus, 25: 35,36) a bondade de dar comida para os famintos, água aos

sedentos, agasalho para os nus ou desabrigados e visita (apoio moral) aos doentes ou presos.

Já aqueles que discordam da doação direta contemplam a indireta, argumentando racionalmente que o objetivo é combater uma forma perniciosa de exploração da mão-de-obra infantil: o trabalho nas ruas. Pesquisas que realizaram demonstram, por exemplo, que na cidade de São Paulo, atualmente, estão cerca de 3000 crianças e adolescentes nas ruas, pedindo dinheiro, vendendo balas ou praticando malabarismos. Dessas crianças, eis o que apuraram, em 180 cruzamentos de ruas: 85% têm casa e família; 96% estão matriculados em escolas; 10% moram na rua; 5% obedecem a aliciadores (adultos) que as dominam; em média, cada uma arrecada mensalmente cerca de R\$450,00 (quatrocentos e cinquenta reais), o que é muito mais do que eventuais auxílios oficiais lhes destinam...

Várias cidades no Brasil têm ou tiveram campanhas visando a inibir esmola a crianças: Belo Horizonte (MG), Poços de Caldas (MG), Campo Grande (MS), Curitiba (PR), Vitória (ES), Campinas (SP), Botucatu (SP), Chapecó (RS), Florianópolis (SC), Fortaleza (CE), Macaé (RJ), Maceió (AL), Maringá (PR), Mogi das Cruzes (SP), Porto Alegre (RS), Santa Bárbara do Oeste (SP), São Luís (MA), Recife (PE) e Teresina (PI). No Estado do Rio Grande do Sul, mais de 15 cidades do interior aderiram a esse tipo de campanha distribuindo folhetos, adesivos e promovendo eventos, sugerindo às pessoas que qualquer contribuição deveria ser encaminhada ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, administrado pelos Conselhos Municipais. Modo geral, todas as campanhas sugerem destinação de ajuda aos órgãos oficiais ou que sejam autorizados legalmente, para amparo à criança e ao adolescente.

São diversos *slogans* empregados nessas campanhas: “Dê mais que esmola, dê futuro” (São Paulo/SP); “Amigo Real” (Banco

Real); “Criança quer futuro. Não quer esmola” (Curitiba/PR); “Não dê esmola: dê cidadania” (Teresina/PI); “Quem dá esmola não dá futuro” (Poços de Caldas/MG).

Sem querer ser orientador de quem quer que seja, da minha parte, quando ajudo alguém (adulto ou criança) que aparentemente não precisa, ou que talvez não faça bom uso do que dou – aliás, é bom que eu diga, jamais é quantia alta... – evito fazer juízo de valor, na certeza de que estou fazendo a minha parte... Quanto àquele que recebe, se desvirtua tal doação, essa já não é mais responsabilidade minha, e sim, ou dele ou de terceiros que a isso o constrojam.

Gosto de praticar e tento seguir este conselho, de autoria atribuída ao Espírito Meimei:

“Jamais passes distraído diante do necessitado”.

AMOR MATERNAL E FILIAL (QUESTÕES 890 A 892)

O amor é qual um leque de infinitas hastes. Uma delas, senão a mais brilhante, com certeza uma das mais, é o amor materno!

Nos animais vê-se que os filhotes recebem amor semelhante a esse, havendo extremada proteção enquanto são pequenos; uma vez desenvolvidos, cessa a ligação materna e cada animal parte para seu destino. Bem ao contrário é o que ocorre com o ser humano, eis que a mãe jamais deixa de amar o filho, a ponto de, quando um ou outro atravessa o “rio da morte”, o amor materno permanece ligado.

Encontrar mãe que chega até a odiar o filho, ou filho que odeia os pais, alguns dos quais por isso mesmo lhes nega ternura... tais dolorosos quadros remetem a origem ao passado, em que tais espíritos se endividaram. Agora, abençoados pela providência com

o enlace familiar, objetivando aparar tais arestas e se harmonizarem, estão desprezando tal bênção.

Há, contudo, freqüentes casos de pais que sofrem desgostos causados pelos filhos, originados nesta existência mesmo, seja pelos maus exemplos e maus costumes segundo os quais criaram esses filhos, seja por omissão ou ausência irresponsável do lar.

Capítulo 12

Perfeição moral

AS VIRTUDES E OS VÍCIOS (QUESTÕES 893 A 906)

FALAR EM VIRTUDES é falar de anjos – ambos se confundem. Para tanto, todo respeito, reflexões demoradas, gratidão eterna. Definir virtude será exercício sempre inacabado. Contudo, penso que se a virtude for considerada a representação do bem, não se estará muito longe de entendimento, desde que considerando que o bem é vitoriosa resistência ao mal.

Virtude sublime será exercida quando o próximo for atendido, sem qualquer interesse que não seja o de ajuda, assim procedendo o atendente, até mesmo com sacrifício próprio, se necessário.

Praticar o bem – ser caridoso – sempre é resultante de acerbos combates contra o egoísmo... Guerrear os próprios vícios é evoluir e aproximar-se de Deus.

O patrimônio moral de um Espírito pode ser avaliado pela ausência ou prática de ação caridosa na sua vida. E se não for desinteressada, permanente, espontânea e anônima, não será ação caridosa.

Outro indicativo de evolução é seguramente o desapego dos bens materiais.

Doar irrefletidamente, contudo, não significa posse de virtude. Não deixa de haver algum merecimento, pelo bem que vier a ser produzido, contudo, expõe mau zelo com a confiança ou responsabilidade de que seja depositário.

Não se configura um mal a caridade que trilha por desinteresse material, mas que, no fundo, se reveste da intenção de recompensa no plano espiritual. Com toda certeza, há aferição divina de intenções em tudo o que é feito por cada um de nós e, dessa forma, ideal seria a prática caridosa sem idéia preconcebida de dividendos celestiais. Terão maior recompensa aqueles que fazem o bem infensos à expectativa de qualquer retorno, neste ou no plano espiritual, ciosos de que apenas Deus contempla suas ações.

A busca de conhecimentos científicos é meritória e faz com que a inteligência se aprimore cada vez mais, disso decorrendo que quanto mais o homem conhece, mais se aproxima da natureza, que em última análise, é a grande professora da vida. Tudo o que o homem sabe aprendeu com ela! Tudo!

Um fato é óbvio: aquele que detém muitos conhecimentos não tarda a perceber que pela prática do amor ao próximo mais e mais se aproximará da felicidade. Assim, agir será decisão exclusiva dele próprio.

Ademais, só de tudo sabendo um Espírito será perfeito.

À questão 899 se nos depara com uma proposição interessante:

“Dois homens são ricos: um nasceu na riqueza e nunca conheceu a necessidade; o outro deve sua riqueza ao trabalho. Tanto um quanto outro a empregam para satisfação pessoal. Qual o mais culpável?”

O que você responderia, caro leitor?

Eu consignei que ambos, mas os Espíritos responderam a Kardec, com o ajuizamento superior que detêm, que o segundo é mais culpável, pois o primeiro desconheceu a dor da pobreza, ao passo que este dela se esqueceu...

Mal procede aquele que só pensa em acumular riquezas para legá-las aos herdeiros. Imaginando que bem procede, na verdade desliza pelo egoísmo.

À questão 901 há uma outra proposição intrigante:

“Há dois avarentos: o primeiro priva-se do necessário e morre sobre seu tesouro; o segundo é somente avarento para os outros; mas pródigo para si mesmo, enquanto recua diante do mais breve sacrifício para prestar um serviço ou fazer uma coisa útil, nenhum custo é demasiado para satisfazer seus gostos e paixões. Peça-lhe um favor, e ele sempre lhe é difícil; mas quando quer realizar uma fantasia, tem sempre o bastante. Qual é o mais culpável e qual deles ficará em pior situação no mundo dos Espíritos?”

Responda, querido leitor...

Pois é: desta vez eu não arrisquei. Responderam os instrutores celestiais de Kardec que o segundo, eis que o primeiro já foi parcialmente castigado pelo próprio procedimento...

Almejar a riqueza para com ela fazer o bem... “Há alguém aí?”

Na Terra, o homem é sempre inquilino de uma moradia de provas e expiações...

Como tal, imperfeito. Ainda...

Do que aproveitará a alguém descobrir erros alheios?

Um único proveito: não cometê-los. Dito de outra forma: ao identificar o orgulho em alguém, impregnar a si mesmo de humildade; ao captar mentira nas palavras de quem quer que seja, passar só a dizer verdades; se considerar alguém avarento, áspero, falso, tudo fazer para ser pródigo, cordial, autêntico.

Escritores, modo geral, se provocam escândalos, por eles responderão. Ao contrário, se de seus escritos resultam o bem,

isso só representará mérito para eles se procederem conforme o que escrevem. Se registram o bem, bem devem proceder...

É bom, logo útil, o indivíduo auto-identificar procedimentos, no bem ou no mal para, no primeiro caso, disso não se envaidecer e no segundo, coibi-lo.

PAIXÕES (QUESTÕES 907 A 912)

Nova dificuldade interpretativa: agora é referente à paixão...

Segundo os dicionários, ela é “sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão; amor ardente, afeto dominador e cego; desgosto, mágoa, sofrimento. No *Evangelho*, é descrita como o sofrimento dos santos, particularmente a *Paixão do Cristo*”.

Na verdade, a paixão é um sentimento nato, que deve ser dirigido para o bem, mas que exige temperança e controle absoluto na administração do que dela se depreende.

Como sentimento com aura celestial, é poderosa força, capaz de impulsionar a criatura a feitos extraordinários, via de regra a benefício de outrem. Impregnado desse impulso e na obra que realiza, o ser é, por assim dizer, um agente de Deus, já que seus feitos obedecem aos processos dos desígnios da providência. E nessas horas o amparo do mais Alto o estará arrimando, invariavelmente.

Já o excesso passional terreno, que sempre trilha pelo abuso, desemboca em prejuízo (como, aliás, ocorre com qualquer excesso). E tal prejuízo não alcança apenas o agente, mas quase sempre, os que estão à sua órbita de vida, não apenas encarnados...

Retornando à questão 459 de *O Livro dos Espíritos*, mostra-se patente que quase sempre temos companhias espirituais, que chegam até mesmo a nos dirigir. No caso de a paixão fugir ao nosso controle, é necessário refletir que Espíritos pouco esclarecidos, ultra-apaixonados por causas infelizes, podem estar

no governo de nossos atos, mergulhados tanto quanto nós em paixões avassaladoras. Na hipótese, usam-nos como intermediários, apossando-se das ensandecidas vertigens resultantes. Nesse contexto, somos infelizes – nós e eles –, restando desestruturados e devedores morais, por termos nos associado e ofertado inconscientemente canal e vazão de sensações menos nobres, fugazes.

A vontade é a mais poderosa ferramenta que o homem possui e que o acompanha permanentemente. É por ela que o ser se liberta de todos os vícios, supera todas as tendências negativas, desenvolve e incorpora à sua vida a prática constante das virtudes. Vetor principal na subida evolutiva: a vontade!

EGOÍSMO (QUESTÕES 913 A 917)

Em termos radicais, o egoísmo é, de longe, o pior dos vícios. É corrosivo potente de todas as virtudes. Absolutamente incompatível com a justiça, o amor e a caridade.

Tudo o que no mundo atrai e excita a alma, gerando desejo de posse material tende a impedir a evolução. O problema não é do planeta Terra e sim dos homens que nele habitam, cuja maioria está longe do desprendimento integral dos bens terrestres.

Todos os bens materiais são efêmeros. Uma simples reflexão demonstra a veracidade dessa assertiva: onde está a casa mais luxuosa de mil anos atrás? O traje mais luxuoso do mundo manufaturado há 200 anos como está? Onde está o automóvel mais luxuoso fabricado há 100 anos? Onde está a primeira cabeça da coroa mais valiosa do mundo? E onde está o primeiro dedo do anel mais valioso do mundo? Quanto de ouro há no plano espiritual?

A posse de bens é característica primitiva do homem e persiste.

Não há escape: só compenetrando-se o indivíduo da importância da vida moral ele automaticamente se desvencilhará dos

arrastamentos da material. E esse entendimento religião alguma oferta com tanta lógica quanto o Espiritismo, daí que não será presunção supor que a regeneração planetária a ele se condiciona.

Óbvio que muitos são os homens abnegados e desprendidos, não necessariamente espíritas nem sequer conhecedores das lições evangélicas. O que se enfatiza é que o Espiritismo faculta à razão compreender o porquê da existência física, que se desdobra em muitas etapas reencarnatórias, enaltecendo o valor ímpar da evolução e da vida espiritual.

Na educação do espírito, reside a extirpação do egoísmo da humanidade. Se o egoísmo é a fonte de todos os vícios, a caridade o é de todas as virtudes.

CARACTERÍSTICAS DO HOMEM DE BEM (QUESTÃO 918)

Um Espírito evoluído será reconhecido quando nenhum dos seus atos na vida corporal não contrariarem a lei de Deus e, estando encarnado, compreender a vida espiritual.

Eis como age o homem de bem:

pratica a Lei de Justiça, Amor e Caridade, com integral pureza;

está sempre perguntando à consciência se não terá, algures, transgredido essa lei;

ajuíza que, se não fez o mal, teria feito todo o bem que podia?...;

interroga-se quanto à eventual existência de alguém com queixas a seu respeito;

pergunta-se ainda: o que vem fazendo é o mesmo que desejaria que lhe fizessem?;

por caridade e amor faz o bem pelo bem, sem almejar retribuição;

sacrifica seus interesses à justiça;
usa de bondade, humanitarismo e benevolência para com todos;
vê irmãos nos homens de todas as crenças e povos, conhecidos ou não;
se detém poder e riqueza, atribui a posse disso a Deus, por empréstimo temporário e com destinação exclusiva à prática do bem;
se detém chefia, é bondoso para com os auxiliares, aos quais jamais subjuga;
jamais condena, por saber-se também frágil e passível de falhas;
o perdão é sua resposta para qualquer ataque, fixando-se só em benefícios;
mantém integral respeito ao próximo, a quem considera exatamente igual a ele quanto aos direitos naturais.

CONHECIMENTO DE SI MESMO (QUESTÃO 919)

A melhor maneira de evoluir e de resistir à atração do mal é o conhecimento de si mesmo. “Conhece-te a ti mesmo”, proclamava o filósofo grego Sócrates. Isso é fácil?

Santo Agostinho, um dos Espíritos que apoiaram Kardec na elaboração de *O Livro dos Espíritos*, oferta longa reflexão à presente questão e dá conselhos, que resumo:

ao fim de cada dia, interrogar à consciência se fez algo errado ou se magoou alguém;
nesse repasse feito a cada noite, orar a Deus e ao anjo da guarda implorando auxílio para autodefinir se suas ações daquele dia foram boas ou más;

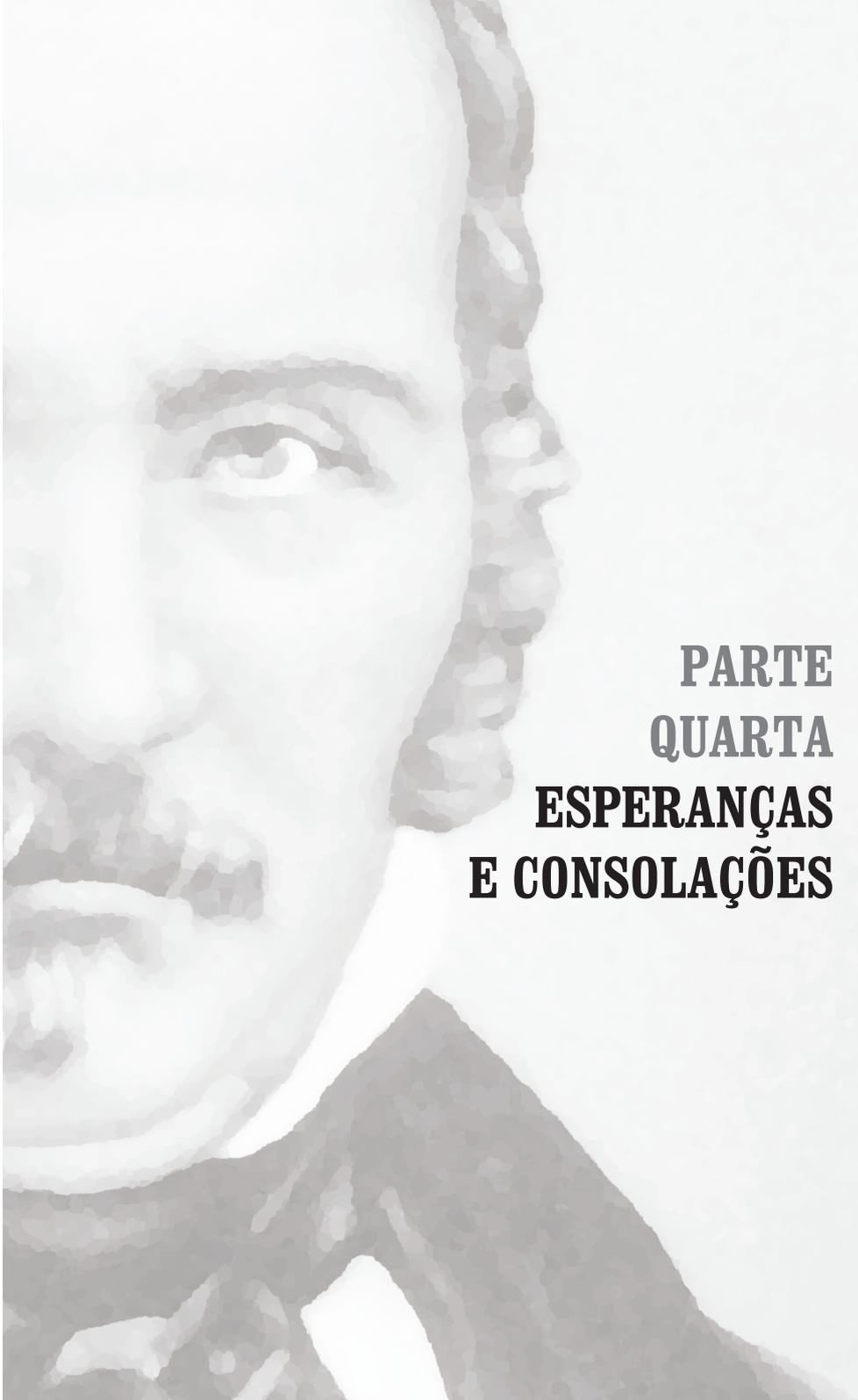
não mascarar a avareza de previdência; não se imaginar a única pessoa digna no mundo; delas o que pensam os amigos e principalmente os inimigos?

imaginar se determinadas ações fossem feitas por outrem não teriam sua própria condenação...

se desencarnasse agora: ao chegar ao plano espiritual, não temeria encarar alguém “olho no olho”?

desse balanço moral, diário, sobre perdas ou lucros, dependerá dormir em paz e a segurança de que quando atravessar “o grande rio da vida” lá despertará bem.

Kardec, seguro, pragmático (aqui entendido como aquele que “toma o valor prático como critério da verdade”) e sensato como sempre, encerra essa questão enfatizando respostas do tipo “sim” ou “não” para as interrogações que fizemos à consciência, tomando especial cuidado em não esconder ou dissimular algumas das nossas atitudes, quase sempre faltosas...



**PARTE
QUARTA
ESPERANÇAS
E CONSOLAÇÕES**

Capítulo 1

Penalidades e prazeres terrenos

FELICIDADE E INFELICIDADE RELATIVAS (QUESTÕES 920 A 933)

NA TERRA, O HOMEM só encontrará felicidade parcial, eis que as provas e expiações não permitem sua plenitude. A prática do bem ocasionará bem-estar e paz de consciência, fatores que, de alguma forma, representam felicidade relativa.

A resignação das vicissitudes terrenas e a fé na vida futura consolam o passageiro, comparando-as a nada mais que eventuais transtornos de uma viagem com destino a local aprazível.

À questão 922 encontra-se memorável resposta (dentre tantas desta obra) dos tutelares da vida maior, refletindo sobre o que seria a felicidade para todos:

“– Para a vida material, é a posse do necessário; para a vida moral, a pureza da consciência e a fé no futuro”.

Vou repetir o conselho do saudoso Chico Xavier:

“Tudo o que estiver sobrando em nossa casa com certeza estará faltando na casa de alguém”.

Dito isso, nada mais seria necessário aduzir quanto ao supérfluo, senão e apenas como figura de retórica lembrar que, se só temos dois pés, manter dezenas de pares de sapato no portacalçados para quê? Se só moramos numa casa, para quê possuir incontáveis imóveis residenciais? Se só podemos dirigir um carro, muitos deles estacionados na garagem, para quê? E a conta no banco: exclusive o que seja previdente, amontoar mais ouro para quê?

A riqueza é prova difícil. Atrai inveja, desperta o poder do mando, oferta facilidades e mordomias incontáveis, confere poder e autoridade... E, na verdade, não passa de um empréstimo de Deus.

A pobreza extrema induz ao raciocínio de que quem dela padece expia falta cometida; contudo, e obviamente, jamais essa reflexão excluirá o dever cristão da ajuda.

Chegada a época de trabalhar, o homem já tem estruturado em sua mente um projeto vocacional, que deverá conhecer. Desviar-se dessa espécie de intuição só trará aborrecimentos, deslocamento profissional, reveses e humilhação. Por exemplo: talvez onde há um mau advogado, existe em potencial um excelente mecânico... Assim, os anos na faculdade de direito podem ser tachados de desperdício (de tempo e de vocação).

Assim, não há profissão desprezível. O que há são profissionais sem vocação. Ao incapaz o mundo deve – repito: deve – prover. Invejar os ricos é desconhecer a vida deles, de forma integral. Quem assegura que todos são felizes e que a paz lhes é companhia?

No capítulo anterior (Parte 3ª, cap. 12) há conceituações de paixão. Agora, neste capítulo, à questão 933, encontra-se este registro:

“(...) os sofrimentos materiais são algumas vezes independentes da vontade; mas o orgulho ferido, a ambição frustrada,

a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as *paixões*, enfim, são torturas da alma”. (Grifei. E fiz essa observação para frisar como paixão é coisa complicada...)

PERDA DE PESSOAS AMADAS (QUESTÕES 934 A 936)

Grande é essa dor.

Alcança pobres e ricos.

Na Terra, opino que é a maior.

Contudo, o Espiritismo, em particular, oferta consolo possível, pela crença na imortalidade, na vida espiritual e principalmente na mediunidade, que pode aproximar Espíritos, de várias formas. Uma delas, dulcíssima consolação, a possibilidade de comunicação entre encarnados e desencarnados!

Conquanto a codificação não proíba a evocação, em alguns casos até mesmo indicando-a, resta claro que deve ser feita com o máximo cuidado e respeito.

Quando os encarnados se mortificam em pranto intenso e ininterrupto de saudade do ser querido que desencarnou, com isso demonstrando inconsciente revolta contra os desígnios de Deus e Suas sábias leis, essa postura alcança o Espírito daquele que transpôs a “grande fronteira”, prejudicando-o, e muito.

A nós, espíritas, socorre grande amparo nesses tranSES: o conhecimento de que no desdobramento do sono, assim que possível, nos encontraremos com aqueles que partiram à nossa frente rumo ao plano espiritual. Em nosso coração deve ser reservado um cantinho exclusivo para os que já não estão fisicamente conosco; contudo, o dinamismo da natureza nos impele a que prossigamos cumprindo nossas obrigações, dentre as quais a de incessantemente buscar o progresso espiritual, ao contrário de nos tornarmos presa de lamúrias crônicas, que a nada conduzem.

DECEPÇÃO. INGRATIDÃO. AFEIÇÕES DESTRUÍDAS (QUESTÕES 937 A 938A)

Quem sofre ingratidão e comprova a fragilidade de amigos está sendo testado pelas sábias leis do progresso moral. Não sei se erro, mas tenho para mim que dez em dez pessoas que recebem ingratidão diante do bem que fazem experimentam amargura. Nesse caso, só há um meio de se libertar dos efeitos corrosivos de tal estado: lembrar-se dos beneméritos vultos da humanidade que passaram por isso mesmo, só que em grau muito mais elevado, nenhum deles se deixando afogar em mágoas. Como Jesus é o modelo de comportamento para a humanidade (questão 625 desta obra) será extremamente salutar, nessas condições, recordar o que os homens (nós...) fizeram diante da Sua caridade...

Assim, nada de endurecer o coração diante da ingratidão. Nada de optar por menos caridade, para diminuir amarguras. Registraram os Espíritos para Kardec e para nós que o ingrato um dia se envergonhará de sua atitude, entrará em remorsos, precisará modificar suas atitudes, principalmente o egoísmo, pai da ingratidão. Terá dias difíceis...

Fica aqui uma pergunta: será que qualquer um de nós, alvo de ingratidão hoje, não teria sido o ingrato de ontem?... Amar e ser amado é felicidade plena para a qual fomos criados.

Assim, se o “sermos amados” ainda não visita nossa existência, contabilizemos que os primeiros 50% de felicidade não são difíceis de serem conquistados: basta amar. Os outros 50% estão a caminho. Chegarão, cedo ou tarde. Prudente, pois, prosseguirmos amando.

UNIÕES ANTIPÁTICAS (QUESTÕES 939 E 940)

Se houve união de dois seres, houve alguma atração, encantamento ou interesse, tudo isso por parte de um ou dos dois, união essa que pode durar pequeno ou grande espaço de tempo.

O Espírito é quem ama e não o corpo, contudo, a afeição pode ser de um ou do outro – ou dos dois. Se a alma é afetiva, a união tende a ser duradoura. Se foi o corpo quem ditou afetividade, o provável é que dure curto tempo, sendo inaugurada antipatia, quase sempre.

À reciprocidade de sentimentos sinceros e puros efetiva ternos amores. Em contraposição, a disparidade tende a ceder espaço à desilusão e não raro ao ódio, de uma ou de ambas as partes.

Uniões forçadas ou que tenham por aval o orgulho e a ambição causam dissabores que resultam em expiação, que poderia ter sido evitada, se houvesse leis terrenas que as coibissem ou melhor postura moral dos envolvidos.

De minha parte, à luz da Lei divina de Justiça, questiono sempre se há inocência em quem expia... Uma certeza me visita, nessas reflexões: quem sofre, se o faz resignadamente, livra-se de débito, quiçá contraído em vidas passadas, no entanto, quem faz sofrer está inaugurando amarga colheita para seu porvir...

MEDO DA MORTE (QUESTÕES 941 E 942)

Temer a morte expõe desconhecimento da imortalidade do Espírito e das vidas sucessivas. Educação infantil veiculando a existência de céu e inferno fará com que, na fase adulta, o homem que viu e vê tantos dissabores no mundo (nunca se esquecendo de que o ser humano está num “mundo de provas e expiações”) terá mesmo arraigado à mente o medo de morrer... e de ir para o inferno.

O justo e caridoso jamais abriga receio de morrer. A fé no futuro o ampara. O que se entrega aos prazeres mundanos bem cedo depara com a temporalidade deles e aí sua alma se desgoverna diante do desconhecido para o qual a vida física inexoravelmente o conduz: a morte.

DESGOSTO DA VIDA. SUICÍDIO (QUESTÕES 943 A 957)

A ociosidade responde pela maioria das pessoas que se desgostam da vida. O trabalho, ao contrário, é forte antídoto contra essa fraqueza.

A vida é supremo bem e dela só há um dispenseiro: Deus! Assim, só a Ele assiste direito sobre ela. A transgressão dessa dádiva caracteriza ou insensatez ou loucura. Pensar que a morte provocada abre as portas para vida melhor: outra loucura.

Se o suicídio foi fomentado (e não desconhecemos que via de regra isso acontece, quando não por parte de encarnados, seguramente sob infeliz assessoria de desencarnados...) os que o aconselharam ou induziram pagarão caro por isso. Conquanto o suicida não deixe de ser um transgressor das leis divinas, perante a justiça maior são considerados assassinos.

Fugir da vida, deixando-se morrer de fome por causa de penúria, ou para livrar-se de vergonha pública, expõe fragilidade moral no primeiro caso e império do orgulho, no segundo.

São tantas as hastes do “leque suicídio” que somente mesmo Deus pode ajuizar e abrandar a culpa, já que conhece integralmente a intenção do suicida. Não expor a si mesmo ou aos familiares à vergonha e fugir da vida caracteriza que esse infeliz mais contemplou o apreço terreno, em detrimento do celestial. Perder a vida objetivando unicamente salvar a de outrem expõe grandeza espiritual.

Tal fato pode acontecer em duas hipóteses: num ato reflexo, como por exemplo, na iminência de um acidente com alguém, ou, num segundo caso, depois de demorada reflexão; mas será sempre prudente ajuizar que, em vez de tal sacrifício, melhor seria prestar atendimento com sua vida e não com sua morte.

Paixões e vícios que levem à morte, que claramente não ocorreria se inexistissem, caracterizam “suicídio moral”, ou “suicídio

indireto”. De minha parte, considero que se pode, ademais e com segurança, enquadrar todos os excessos nessa categoria.

A eutanásia, em qualquer circunstância, não tem amparo nas Leis de Deus. Sua prática acarretará culpa para os agentes e, eventualmente, para o que a solicitou ou mesmo a aceitou, passivamente. E toda culpa requer reparação...

Faço e abro aqui uma reflexão, quanto à questão 954:

“Uma imprudência que compromete a vida sem necessidade é repreensível?

– Não existe culpabilidade se não há intenção ou consciência positiva de fazer o mal”.

Eis a reflexão: quando uma pessoa se dedica, por paixão, por fama ou por dinheiro (ou por tudo isso) à prática de atividades de alto risco (autos velocíssimos, esportes radicais e quebra de recordes etc.) e disso resulta sua morte, muitos indagam: houve ou não suicídio, mesmo que indireto?

Deixo ao leitor a resposta. A minha é sim, pois imagino que a engenharia divina, que engendrou o corpo humano, nele não incluiu o item “indestrutibilidade”, e tais atividades, além de serem desnecessárias, no mínimo expõem ignorância ou desrespeito a tal sublime projeto. De antemão me penitencio se estiver equivocado.

Há suicídios provocados por costumes arraigados em várias sociedades:

mulheres que se queimam sobre o corpo do marido;
aviadores militares que projetam seu avião contra alvos inimigos;
autoridades, nobres ou políticos que cometem deslizes ou falcatruas e que são descobertos pela sociedade a que pertencem;

encarregados de determinada missão na qual contavam com a vitória e que sem que possam impedir fracassa, disso julgando-se responsáveis diretos.

Aqui mesmo, no Brasil, vários são os casos de suicídio de índios, deprimidos ante a perda de seus costumes, motivada pelas transformações decorrentes do avanço da moderna civilização.

A revista *Veja* de 22 de fevereiro de 2006 estampa reportagem sobre um fenômeno que assombra o Japão: internautas que usam a rede (Internet) para tramar suicídios coletivos. Lá, no Japão, em 2003 foram 34 pessoas que se suicidaram nesse sinistro tipo de pacto; já em 2004 foram 55 e em 2005 foram 91. Como sempre, aos olhos de Deus, não deixam de ser transgressores, mas, no caso, tudo leva a crer que há atenuantes, seja pela ignorância moral de toda a sociedade a que pertencem, seja pelo preconceito e pressão que essa mesma sociedade impõe aos seus membros.

Todo suicídio se reveste de equívoco, oriundo da falta de fé no futuro e desconhecimento do Amor de Deus para com Seus filhos. Pessoas há que se matam após a perda de um ente amado, na expectativa de que assim procedendo irão a ele se juntar. Penosa ação. Terrível erro.

Em qualquer suicídio, há uma realidade da qual nenhum suicida escapa: o desapontamento, ao constatar que ao invés de resolver um problema, na verdade acrescentou para si mesmo um outro, quíçá muito maior.

Cada suicídio se reveste de circunstâncias especiais, em muitos casos havendo diferentes efeitos. Nos casos de mortes violentas, em geral, com a brusca interrupção da existência terrena, os laços que unem o perispírito ao corpo físico não se desfazem por completo. A terrível consequência disso para o suicida será a nítida impressão de que está vivo, só que o tormento do momento da morte não se desfaz, daí resultando inenarrável sofrimento...

Até mesmo a decomposição orgânica será testemunhada e mais que isso, partilhada, carreando horror indescritível.

Não há suicídio sem expiação, esta em diferentes gradações, pois são diferentes as condições pelas quais cada suicídio ocorre, daí que há de haver maior ou menor grau de erro em cada um deles, cabendo à justiça divina ajuizar agravantes ou atenuantes, já que para Deus a intenção é tudo.



Considerando a gravidade do tema “suicídio”, peço permissão para aduzir às reflexões acima registradas trechos de um artigo que a propósito elaborei:

“Todas as civilizações ocuparam-se em estudar o suicídio, porque em todas elas ele ocorreu e vem ocorrendo desde os tempos antigos”;

“A moderna psicologia considera difícil determinar as causas da maioria dos suicídios, podendo apenas explicitar vertentes dos casos de crises agudas, delirantes, ou flagrantes de ruína. Assim, evitá-lo com plena consciência, ou convencer outrem a não cometê-lo, nem sempre é tarefa fácil. Não obstante, existem entidades filantrópicas voltadas exclusivamente para isso”;

“Já o Espiritismo, porém, radiografa integralmente o suicídio, ampliando substancialmente o tema, propiciando reflexões úteis, não só para os suicidas em potencial, como também para todos os que caridosamente queiram e possam ajudá-los, com argumentos racionais, impeditivos de tão equivocada ‘solução’. Para tanto: torna visíveis as nubladas causas que o cercam (reflexos de vidas passadas,

distanciamento do *Evangelho*, desconhecimento da reencarnação etc.); apresenta meios seguros de defesa contra tão grande anomalia espiritual: a prece (o principal deles), além do amparo de um anjo guardião, pessoal; sugere a solidariedade para com aquele que sinaliza o desejo de se matar, por meio de ensinamentos espirituais convincentes; de forma racional, lógica, esclarece o que é e adverte sobre os riscos do quase sempre ignorado ‘suicídio indireto’, aquele que é cometido sem intenção, mas com inteira responsabilidade de quem o pratica (vícios, intemperança e excessos de toda natureza)”.

“CAUSAS PRIMÁRIAS” E “CAUSAS SECUNDÁRIAS” DO SUICÍDIO

Separadas ou juntas, tais causas resultam na depressão – tristeza profunda e prolongada (doença que sempre acometeu o homem)–, atualmente cognominada de “doença do século”. E da depressão ao suicídio... um passo.

É fato comprovado que a maioria dos suicidas, senão todos, deram “sinais indiretos” – avisos –, de que pretendiam se matar. Captar tais sinais nas pessoas à sua volta e empregar todos os esforços para que isso não aconteça, esse é o dever não apenas do cristão, mas que se impõe a todos. É fato também que nem todas as pessoas que são atingidas por crises ou que apresentam tais sinais irão pensar no suicídio, tentando, isto sim, soluções racionais para os problemas.

A seguir, eis alguns desses sinais, que podem levar algumas pessoas a desvalorizar a vida:

causas primárias (que podem ser consideradas indutoras ao suicídio): decepções/frustrações diante de perdas (amorosas, profissionais, familiares); dificuldades financeiras

(endividamento, insolvência/crises inopinadas no mercado etc.); desemprego (perda abrupta ou continuada); solidão/tédio: ausência de objetivos existenciais; doenças graves: busca de “ida” para um lugar sem dor; vícios: alcoolismo/toxicomania/jogatina, com perdas irreparáveis; neuroses: autopiedade exacerbada do tipo: “todo mundo está contra mim”; psicoses: suicídio, como vingança, para fazer sofrer alguém (“os que ficam”); receio manifesto de ser preso, após ter cometido delitos graves; materialismo acentuado: desconhecimento da imortalidade do Espírito;

causas secundárias (manifestas por diversos sintomas), tais como: queda de produção no trabalho ou no rendimento escolar; mudanças súbitas de comportamento e/ou de personalidade; descuidos com compromissos/horários/a aparência física etc.; sinais de (auto)mutilação; choro ou risos inexplicáveis/falta ou excesso de apetite/sonolência ou insônia; uso de álcool e/ou de drogas ilegais ou mesmo uso exagerado de remédios; distanciamento de amigos e familiares; idéias como “não agüento mais viver assim”; “prefiro morrer”; “esta vida é uma droga”.

ANTÍDOTOS CONTRA O SUICÍDIO

Três são os poderosos antídotos contra o suicídio:

amizade: oferta solidária de ajuda, feita por aquele que perceber o estado alterado de pessoa do seu relacionamento (apresentando depressão), com ou sem histórico de “suicidomania”;

calor humano: acompanhamento desinteressado, sincero e fraternal durante a crise desse alguém, mostrando que

ele que não está sozinho, que pode contar com seu apoio incondicional;
espiritualização: o mais eficaz de todos os antídotos.

Compreende, basicamente, a exposição da visão espírita da existência de todos nós:

O homem não é apenas o corpo físico: o verdadeiro ser é o Espírito, imortal;

O Espírito é criado “simples e ignorante” por Deus, para progredir e ser feliz;

O Espírito evolui por intermédio de várias vidas (reencarnação);

A justiça divina faz com que todos sejam iguais (quanto a deveres e a direitos);

A Lei de Ação e Reação, que expressa a justiça divina, faz com que “a cada um, seja dado segundo suas obras”, isto é, tudo o que nos envolve ou nos alcança é fruto que estamos colhendo, de nossas próprias pretéritas plantações; Berço e túmulo – nascimento e morte – são episódios inúmeras vezes repetidos pelo Espírito imortal, na senda do progresso moral, consubstanciada na Lei Divina de evolução;

A descrença no amor a Deus sobre todas as coisas e a falta de amor ao próximo como a si mesmo, trazem dificuldades vivenciais, gerando débitos conscienciais, que cedo ou tarde terão de ser resgatados; as vidas múltiplas ensejam tal resgate, que se manifestam ora por expiações (sofrimentos), ora por provações (testes de comportamento moral);

A vida é sublime oportunidade de crescimento, por meio de aprendizados;

A prática desses aprendizados nos proporcionará paz ou sofrimentos, conforme exercitemos o bem ou o mal, respectivamente;

Sufrimentos são resultantes de nossos erros, geratrizes de débitos, que também nós próprios, cedo ou tarde, iremos pedir a Deus a oportunidade de resgatá-los;

O amor de Deus é tanto que Ele nos concederá tantas oportunidades quantas sejam necessárias; tais oportunidades se manifestarão na proporção direta do merecimento alcançado por meio do arrependimento sincero e da vontade inabalável de reconstrução moral;

O suicídio, como busca de solução para qualquer crise ou problema, é o mais equivocados dos caminhos, eis que, longe de resolvê-los, na verdade aumenta-os devastadoramente;

Testemunhos de Espíritos que se suicidaram demonstram que seus problemas permaneceram “do lado de lá”, aliás, com gravames quase que insuportáveis;

A tendência atual para o suicídio, em muitos casos, reflete atavismo (a pessoa já o teria cometido em vidas passadas e agora surge a tendência a essa anomalia comportamental);

Há sempre a possibilidade de influências obsessivas, induzindo/incentivando o suicídio;

O tempo – para quaisquer problemas – é bênção máxima, capaz de resolver, a contento, todos eles. Jamais houve um único problema que o tempo não resolvesse;

A confiança no amor de Deus e na caridade de Jesus, expressa pela fé, em oração, é o mais eficaz meio de administrar a crise, por mais trágica que ela possa parecer.

Leituras sugeridas àqueles que tentaram o suicídio ou pensam nele: *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec (2ª

Parte, cap. 5, “Suicidas”), registra os depoimentos pungentes de nove Espíritos suicidas; *Memórias de um suicida*, do Espírito C. C. Branco, psicografia de Yvonne do Amaral Pereira, edição da Federação Espírita Brasileira; *Viver ainda é a melhor saída*, de Jacob Melo, editora Mnêmio Túlio.

O nada. Vida futura

O NADA. VIDA FUTURA (QUESTÕES 958 E 959)

“– O NADA... O que é o nada?
– Nada!”

Parece brincadeira, mas há quem tenha pavor do nada. Obviamente, quem assim se comporta, terá eclipsado o sentimento inato de que a existência física não é a única, bem como terá fechado as portas à fé na(s) vida(s) futuras(s), nas quais certamente não crê.

Não se pense que tais descrentes sejam pessoas incultas. Ao contrário, muitas delas são homens de grande intelectualidade e, pior que tudo, formadores de opinião.

Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão, contemporâneo de Kardec, pregando que o “querer-viver é a raiz de todos os males”. A ser verdade, o “querer-morrer”, representaria então a libertação dos sofrimentos. Triste apologia ao suicídio... que encontrou adeptos, muitos adeptos. Tentou o filósofo remendar sua teoria, apontando a salvação à entrega total às artes (contemplação da beleza), à piedade (combate ao egoísmo) e ao ascetismo (imersão no nada).

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), também filósofo alemão, que ignorando a excelsitude do Espiritismo então já

implantado, afirmou a negação do bem, a negação da vida e que os valores morais deviam ser tidos à conta da reação dos fracos.

Sobre essa filosofia do nada, Kardec afirma⁴³:

“A doutrina do nadismo é a paralisia do progresso humano, porque circunscribe as vistas do homem ao imperceptível ponto da presente existência... Com essa doutrina, o homem nada sendo antes, nem depois, cessando com a vida todas as relações sociais, a solidariedade é vã palavra, a fraternidade uma teoria sem base, a abnegação em favor de outrem mero embuste, o egoísmo, com a sua máxima – cada um por si –, um direito natural; a vingança um ato de razão; a felicidade, privilégio do mais forte e dos mais astuciosos; o suicídio, o fim lógico daquele que, baldo de recursos e de expedientes, nada mais espera e não pode safar-se do tremedal”.

Arremata o mestre lionês, magistralmente:

“Uma sociedade fundada sobre o nadismo traria em si o gérmen de sua próxima dissolução”.

Via de regra, ao crer em Deus, o homem encarnado crê na imortalidade e almeja uma vida melhor, quando esta terminar. Essa postura mental pode ser considerada unanimidade entre os que assim crêm e pensam.

Conquanto ao nascer todos sejamos contemplados com a bênção divina do esquecimento das vidas anteriores, essa supressão não apaga de todo lembranças daquelas vidas, mesmo que

43. Allan Kardec, *Obras póstumas* (Rio de Janeiro, FEB, 1987), pág. 386.

difusas, algo nebulosas. Mas isso já é o suficiente para a certeza na imortalidade da alma.

No planeta Terra é certo que todos nós enfrentaremos a morte.

Assim, à maioria deles, à medida que a existência vai se prolongando, visita-lhes naturalmente uma pergunta: quando eu morrer o que me aguarda?

Esse questionamento se compara ao do viajante que vai a país distante, viagem essa sem certeza da data do embarque, que pode ser o dia de amanhã, além do desconhecido que lá o espera, bem como da permanência não definida. É aí que o homem deduz que a vida futura é uma realidade.

INTUIÇÃO DAS PENALIDADES E PRAZERES FUTUROS (QUESTÕES 960 A 962)

À proximidade da morte, os descrentes insensíveis duvidam, os culpados temem e os homens de bem fortalecem a esperança.

O ceticismo não encontra abrigo entre a maioria dos homens e sua manifestação só expõe uma falsa fortaleza, que desaba no momento da morte. A natureza é pródiga em exemplificar que o que se planta se colhe, princípio esse que induz o homem que crê na justiça de Deus ao raciocínio de que o mesmo acontece na moral, já que ambos os processos são divinos.

Crédito ou débito, bênçãos ou problemas, eis as resultantes de nossas ações, boas ou más, respectivamente.

INTERVENÇÃO DE DEUS NAS PENALIDADES E RECOMPENSAS (QUESTÕES 963 E 964)

– Deus, que é tão grande, se ocuparia de cada um de nós, tão pequeninos? Qual a nossa importância aos olhos do Criador?

Essas interrogações, se feitas em algum lugar, se a princípio contemplam a grandeza divina, na verdade ignoram-na. Ante a imensidão do universo, onde o macro e o micro expõem uma inimaginável inteligência, como questionar a visão e a bondade de Deus?

Num exercício primário de meditar sobre o alcance do olhar divino, imagino que se for colocado um átomo na palma da mão, tenho para mim que Deus, estando além do infinito o vê – vê detalhes de cada um dos prótons e elétrons...

Agora, não se cometa o raciocínio primário de pensar que Deus, a cada mínima ação individual profere um decreto de pena ou recompensa. Não. O que há é que as leis morais, implantadas na consciência de todos os Espíritos, submetem, regem e respondem, respectivamente, pelo ativo e passivo morais de cada um nós, segundo cada uma das nossas ações. E as leis morais são de toda a eternidade, perfeitas, justíssimas, inalteráveis – para todos. Aplicadas em todo o universo.

NATUREZA DAS PENALIDADES E PRAZERES FUTUROS (QUESTÕES 965 A 982)

Após a morte, as impressões visitam o Espírito de maneira muito mais intensa do que quando revestido do corpo físico, posto que, estando ele mais impressionável, não há a matéria para atenuá-las.

Somente o desconhecimento das leis morais, principalmente da Lei de Ação e Reação justifica o juízo errôneo que o homem faz da vida futura. Os bons Espíritos sentem-se felizes por fazer o bem e principalmente por terem extinguido de sua vivência o ciúme, a inveja, a ambição e as paixões que induzem à infelicidade.

Pressuposto equivocado seria aquele que deduzisse quanto à satisfação de as necessidades materiais proporcionarem felicidade, já que a ausência delas acarreta infelicidade: na verdade, quando as coisas do mundo atendem por completo ao homem, tal felicidade proporciona um gozo material.

A felicidade, na completa acepção do termo, só é própria dos Espíritos puros, aqueles que podem ser considerados os “Ministros de Deus”, que se ocupam em espalhar pelos diversos mundos os sublimes conhecimentos que por esforço próprio integralmente conquistaram. Para eles, alavancar o progresso constitui gozo e ocupação permanentes.

Já os Espíritos moralmente inferiores, por ignorância ou perversidade, estão sempre tentando desviar do bem e do arrependimento quem lhes dê ouvidos. Para tanto, incensam as paixões desvairadas (ouro inatingível, orgias sem participação e inveja por honras negadas). Dessa forma portam-se quais guias para aqueles que, desguarnecidos de virtudes, por eles se deixam conduzir e se supliciar, pela excitação dos apetites carnisais, a nenhum deles satisfazendo.

Considerar tais sofrimentos como as dores de “fogo eterno” não passa de pobreza de linguagem, muito usada comparativamente na Antigüidade.

No plano extracorpóreo, o Espírito quase sempre não tarda a descortinar sua existência, entendendo que seu presente é reflexo do passado e que o futuro só dele depende.

Kardec comenta, após a resposta à questão 975: “O Espírito, no mundo espiritual, toma conhecimento, por um lado, de todas as suas existências passadas (...)”.

Considero que essa afirmação não deve ser levada “ao pé da letra”, já que alguns autores espirituais têm dito que o conhecimento integral do passado, em muitos casos, poderia levar o Espírito recordante à loucura, como, por exemplo, se visse

eventuais crueldades que tenha então praticado, contra pessoas que agora fazem parte do próprio círculo familiar⁴⁴.

Prefiro ficar com a resposta da questão 308 de *O Livro dos Espíritos* que estou comentando: “Todo o seu passado [do Espírito recém-desencarnado] se desenrola diante dele (...) mas, como já dissemos, não se lembra de uma maneira absoluta de todos os atos (...) Quanto às primeiras existências, as que podemos considerar como a infância do Espírito, perdem-se no tempo e desaparecem na noite do esquecimento”.

Os bons Espíritos, ante a visão do sofrimento dos devedores morais, não se afligem por isso, pois sabem perfeitamente que os sofrimentos destes terá fim, desde que suportados sem revolta. Afligem, sim, se perceberem desânimo dos retardatários, cuja situação se expressa por inteiro, sendo esse mais um sofrimento.

Aqui, deduzo que aqueles que têm débitos morais, quando na espiritualidade, não conseguem ocultar essa situação nem a eventuais inimigos e principalmente aos bons Espíritos. Uns e outros, vendo-lhes a aura, respectivamente os reconhecem e os identificam como transgressores das leis morais.

Os erros do passado não constituem turvação da felicidade aos que os tenham devidamente resgatado, purificando-se. Dessa forma, de um certo nível evolutivo em diante, o Espírito não mais sofre ante a expectativa de débitos seus ainda a serem saldados, perante as leis divinas e à própria consciência.

Os Espíritos voltados para o bem são felizes em se unirem a semelhantes.

Temer a morte ou desejá-la configuram situações diferentes: a intenção, no caso, determina as conseqüências, quando ela

44. O Ministro Clarêncio, com registro de André Luiz e psicografia de F. C. Xavier, em *Nosso lar*, cap. 21 e em *Entre a Terra e o Céu*, cap. 26, deixa patente o grande risco de as vidas passadas serem recordadas.

ocorrer, sendo certo que na segunda hipótese parece estar evidente uma revolta diante da vida...

O Espiritismo é incomparável bênção para apoiar o progresso moral do homem. Contudo, não é a única alternativa da evolução espiritual. A resignação diante dos sofrimentos e a prática do bem, seja do espírita ou de qualquer outro homem, esse será o caminho que levará o Espírito a progredir.

PENALIDADES TEMPORAIS (QUESTÕES 983 A 989)

A morte do corpo físico, se exime o Espírito faltoso de sofrer as tribulações materiais (rol de exigências, fisiológicas, sociais, financeiras, profissionais etc.), não o livra de dores morais, mais lancinantes do que eventuais sofrimentos decorrentes da vida material.

Ciente de suas faltas entende que só numa próxima existência física poderá repará-las. Assim é que os abusos de uma vida encontrarão a bênção reparadora em outra: o rico avarento de ontem vem a ser o pedinte de hoje, o orgulhoso retorna debatendo-se em humilhações e o autoritário tendo por chefe alguém até mais ríspido do que tenha sido. Nem todos os problemas refletem erros de vida(s) passada(s), pois muitas dificuldades espelham imprevidências na vida atual.

Falando-se de problemas, tanto podem ser impostos pelas leis morais quanto serem deferimento de petição do próprio infrator delas – questão de merecimento.

Avançando em evolução, o Espírito pode reencarnar em mundos menos grosseiros do que a Terra, nada impedindo, contudo, que aqui mesmo retorne, agora sem roteiro expiatório, senão sim missionário.

Já o Espírito estacionário, que nada produz, nenhum bem faz, ficando no entanto igualmente distante do mal, este é um

preguiçoso moral e que estacionou seu progresso, do que terá que prestar contas em nova existência.

EXPIAÇÃO E ARREPENDIMENTO (QUESTÕES 990 A 1002)

Arreponder-se é atitude meritória que pode ocorrer na vida material ou na espiritual. No entanto, numa ou noutra circunstância, o erro redundará em expiação, além de exigir ação: reconstruir aquilo que tenha destruído ou danificado, em termos materiais ou morais! Exemplo de arrependimento nos dois casos:

Danos físicos: alguém joga uma pedra na vidraça do outro e se arrepende; necessário, além do arrependimento, que providencie a colocação de novo vidro, o que demanda trabalho perigoso (retirar os cacos remanescentes na vidraça e juntar com os que caíram e dar-lhes destino seguro), além de comprar novo vidro e aplicá-lo no local do que quebrou;

Danos morais: alguém ofende a outrem e se arrepende: é necessário manifestar ao ofendido o seu arrependimento e mais que isso, se o fato ocorreu em público, publicamente agora testemunhar que errou. Indispensável fazer isso com humildade.

Como se nota, em ambos os casos houve expiação do culpado – e progresso!

Ninguém erra permanentemente. A Lei do Progresso, no tempo certo, impõe correção de procedimento. Amíúde, no plano espiritual é onde mais ficam evidentes os erros, quando então o insensível se dá conta do mal que vinha praticando, ocasião que pede oportunidade de reparação – essa a abençoada constante das vidas sucessivas, via reencarnação, mostrando o amor de Deus.

Orar pelos infelizes é dever de todos, sendo que as preces podem ou não sensibilizá-los, dependendo do seu grau de humildade, ou de orgulho...

O que não escapa às Leis de Deus é que os faltosos e os empedernidos, mais dia, menos dia, trilharão o caminho da própria reconstrução moral, com expiações no plano físico, pelas provas a que serão automaticamente submetidos ou pelas dores morais, quando no plano espiritual.

Já a partir da atual existência, o Espírito devedor pode iniciar a expiação de suas faltas, nela cometidas, desde que imbuído desse sincero desejo.

Doar esmolas e submeter-se a privações diversas não constituem expiação: a quitação de débitos morais (perante a consciência), caracteriza-se pela reforma moral: atos constantes de refazimento moral.

Neste tópico, na questão 1000 de *O Livro dos Espíritos*, está registrado que a perda de um dedo mínimo em serviço de auxílio ao próximo apaga mais faltas do que “suplicios da carne”, impostos por anos, só com objetivo pessoal.

Parece-me que vem daqui a narrativa exaustivamente proclamada nos centros espíritas, a respeito de um homem que perdeu um dedo na marcenaria em que ajudava jovens pobres a se profissionalizarem e que numa reunião mediúnica perguntou aos mentores “como é que Deus permitira aquilo, justamente com ele”, obtendo como resposta que “na verdade, era para ele perder o braço inteiro...”.

Ainda neste grande capítulo é enfocado o caso dos testamentos...

Sugerem os bons Espíritos que o ideal é que em vida o dono reparta aquilo que a providência lhe confiou (bens materiais), isentando-o de tal preocupação quando da transferência para o plano espiritual.

É oportuna tal recomendação, pois não são poucos os Espíritos que, manifestando-se em reuniões mediúnicas, mostram-se agoniados quanto ao emprego dos bens deixados para seus herdeiros...

Os três últimos itens deste capítulo têm quase todas as questões comentadas ou respondidas por Espíritos que deixaram seus nomes: São Luís, Santo Agostinho, Lamennais, Platão, Paulo, apóstolo. Como já se constituem em comentários – verdadeiras luzes filosóficas e evangélicas – de minha parte, me esforçarei para poder apresentar a essência de tais esclarecimentos.

DURAÇÃO DAS PENALIDADES FUTURAS (QUESTÕES 1003 A 1009)

As Leis de Deus são universais, infinitamente sábias e bondosas.

Quando alguém erra, há todo um vasto rol de circunstâncias, agravantes ou atenuantes, levadas em consideração para que o ressarcimento se dê, invariavelmente, dentro da capacidade daquele que errou. Isso envolve o tempo que for necessário para que sejam reunidas, sempre, condições adequadas de suporte e de auxílio externo. Tal é o amor do Pai!

A medição do tempo para os desencarnados, no caso de inocência ou culpa, alterna-se respectivamente em brevidade ou alongamento: as horas felizes parecem minutos e os minutos de dor parecem horas...

De qualquer forma, mesmo em arrependimentos tardios, não há dor eterna: o sofrimento dura enquanto o culpado não se corrige, sendo proporcionalmente aliviado na razão direta dos esforços próprios em melhorar-se.

Comentários dos luminares da codificação à questão 1009 sobre o tempo de duração das penalidades eternas:

Santo Agostinho: Jamais se poderá imaginar que o Criador do universo houvesse imposto às suas criaturas sofrimentos perpétuos. A razão repele energicamente tal idéia!

Lamennais: A idéia da perpetuidade das penas é blasfematória, negação da bondade de Deus.

Platão: Guerras de palavras! A duração das penas decorrerá da existência do mal.

Paulo, apóstolo: A idéia das caldeiras do inferno a ferver só foi tolerável num século de ferro. Hoje [século 19] não passa de vão fantasma. Castigos só existem para a reabilitação da alma, que pela dor inexoravelmente buscará porto de salvação.

Kardec (em nota subsequente aos comentários acima): Crer em penas eternas é reduzir o Supremo Criador a um deus implacável, qual um senhor que paralelamente a ser bom, justo, protetor, seria igualmente vingativo e de inflexível rigor diante de descaminhos dos que o cercam.

RESSURREIÇÃO DA CARNE (QUESTÕES 1010 E 1011)

Até a 81ª edição desta obra, nas edições da FEB figuraram as questões 1010 a 1019 sob os nºs 1010 a 1018, sem ter sido atribuído número à questão imediatamente seguinte à de nº 1010. Esse lapso remonta ao tempo de Kardec, a partir da 2ª edição francesa, definitiva, de março de 1860. Atualmente, muitas são as versões em que figuram o nº 1011 à questão que naquela versão (a francesa) aparecia como 1010 a. Este é o caso da edição da Petit Editora.

São Luís registra: Não tomadas ao pé da letra, as palavras do dogma da “ressurreição da carne”, em sendo devidamente analisadas e interpretadas, conduzirão à

compreensão da doutrina da “pluralidade das existências”, consentânea à justiça de Deus. Dessa forma, é a própria Igreja (católica) que, despercebidamente promulga a reencarnação.

Kardec (em nota subsequente aos comentários acima): Com efeito, a própria ciência demonstra ser impossível que despojos humanos específicos venham a se reunir e a recompor um corpo. O que resta cientificamente comprovado é que uma vez decomposto o organismo, uma ou outra molécula pode, sim, em algum lugar, servir à formação de um novo corpo.

PARAÍSO, INFERNO E PURGATÓRIO (QUESTÕES 1012 A 1019)

Paraíso, inferno e purgatório não passam de alegorias. O homem, na ânsia de estabelecer comparações emulou o Plano Espiritual símile ao material: paraíso para os bons, inferno para os maus e purgatório como estágio temporário, doloroso, para quitação.

Se um Espírito moralmente elevado utiliza alguma dessas expressões o faz para que seja entendido por os que naquele momento o ouvem; já se tratando de um Espírito sofredor, ao dizer que está penando, expressa idéias arraigadas quando de sua existência terrena e foi nesse caso que se popularizou a expressão “alma penada”.

“Céu” é outra expressão que, longe de simbolizar local de aglomeração de Espíritos em gozo eterno, na verdade exprime a grandeza do universo, sendo que em qualquer espaço os Espíritos tenham ampla liberdade de locomoção, isentos de tribulações da vida material. Se um Espírito se comunicar e se dizer habitando o *quarto* ou *quinto céus*, está adequando a realidade ao entendimento humano, significando que no plano espiritual há diferentes graus de purificação.

Na série *A vida no mundo espiritual* (13 livros), de André Luiz e psicografia de F. C. Xavier/W. Vieira, todos publicados pela FEB, o leitor encontrará inúmeras referências às esferas espirituais. Cito as obras, com os respectivos capítulos e páginas: *Nosso lar* (3/27, 7/48); *Os mensageiros* (15/85); *Obreiros da vida eterna* (3/49); *No mundo maior* (Prefácio/11); *Libertação* (1/16); *Entre a Terra e o Céu* (33/213); *Evolução em dois mundos* (13/97); *E a vida continua* (9/70). Também na obra *Devassando o invisível*, de Yvonne A. Pereira (1906-1984), 9ª ed., 1994, págs. 29 e 30, RJ: FEB, há o registro de que no “Mundo invisível” são encontradas “Regiões do espaço (esferas)”. E ainda o livro *As sete esferas da Terra*, de M. Frigeri, RJ: FEB, trata desse mesmo tema, com detalhes.

Quando Jesus proclamou “meu reino não é deste mundo”, referia-se ao mundo dos que não se apegam aos bens terrestres e fazem do amor ao próximo a sua norma de conduta moral.

Aliás, vêm de longe predições de que o planeta Terra se regenerará, isso representando que a humanidade coletivamente vivenciará praticando mais o bem do que o mal, progredindo moralmente cada vez mais.

1 – OBSERVAÇÃO E ANÁLISE

ASSIM COMO UMA criança brinca com o magnetismo, utilizando um ímã e com isso fazendo dois patinhos se moverem numa bacia, quem do Espiritismo apenas cuidasse de ver mesas se movimentando, ambos estariam imensamente distantes de uma verdade fantástica: no primeiro caso, está o segredo do mecanismo do universo e do segundo originou-se uma doutrina que resolveu os problemas que nenhuma outra filosofia a ela pôde ou poderá se comparar: o Espiritismo!

Kardec conclama a todos os homens de juízo e bom senso que estudem o que contém *O Livro dos Espíritos* e depois, só depois, então, digam de consciência se o que ele contém é matéria para zombaria.

2 – ESPIRITISMO E MATERIALISMO

“O Espiritismo é o antagonista mais terrível do materialismo!”

Óbvio que, seus maiores inimigos sejam justamente... os materialistas.

Uns até lançam mão de argumentos religiosos (do sobrenatural) e dizem que o Espiritismo se vale do maravilhoso, o que o invalida.

Se por sobrenatural isso diz respeito às religiões, na verdade, todas elas se valeram dele, de Moisés aos autores sagrados, passando pelos “milagres”.

O Espiritismo não examina se há ou não milagres, isto é, se Deus vez por outra derroga Suas próprias leis (as conhecidas pelos homens...): ele afirma e comprova que de sobrenatural nada têm tais acontecimentos. Todos os fenômenos espíritas, sem exceção, resultam de leis gerais.

3 – O VASTO CAMPO DO FUTURO

A ausência de crença vem levando a humanidade a relaxar os laços de família, causando com isso desordens sociais de todo tipo. Já o Espiritismo reaviva a fé no futuro, demonstra a existência e a imortalidade da alma, levanta ânimos caídos e fornece sublime analgésico moral aos infortúnios humanos: a resignação e a confiança na justiça divina.

Onde está a razão: na pregação de que com a morte tudo se acaba ou na certeza de que os Espíritos prosseguem “vivos”, amando ou odiando, acertando ou errando, nascendo, morrendo e renascendo, mas progredindo sempre?

Onde há a mais preciosa e consoladora das virtudes, a esperança: no aniquilamento total ou na continuidade da vida?

Deus teria criado Seus filhos para depois os relegar aos monturos quais máquinas imprestáveis, a se decomporem com o tempo?

E se tudo acaba com a morte, para que viver virtuosamente, ou com sacrifícios ao permanente prazer?

Na verdade, aí está o perigo do que se propaguem sem base, essas idéias materialistas, que causam grande mal à razão e à dignidade de cada ser.

4 – PROGRESSO MORAL

A humanidade só progredirá se tiver por princípio a aplicação da Lei de Justiça, de Amor e de Caridade, lei que se baseia na certeza da existência do futuro. Essa lei, em qualquer época que se situem os povos que a praticam, responde pelo progresso de cada um deles. Todos os tratados internacionais modernos se baseiam na igualdade dos direitos humanos, embora, nem sempre, na prática, isso aconteça. Mas, aos poucos, o homem vai compreendendo que é melhor fazer alianças do que guerras, melhor desatar nós do que cortá-los...

O certo é que pela força do progresso, razão à frente, o homem tenderá a praticar essa Lei Divina. Para tanto, o Espiritismo se constitui em alavanca incomparável a esse soerguimento moral planetário.

5 – CONFIANÇA EM DEUS

O Espiritismo jamais será uma ameaça de “invasão” do mundo.

Aliás, nenhuma concepção terá tamanho poder se destituída de lógica e razão.

Os Espíritos alertaram mesmo a Kardec que os inimigos do Espiritismo, ao invés de sabotar a Doutrina, na verdade, suas críticas, sua oposição, estariam trabalhando a favor de sua causa. Verdadeira profecia...

Lembro, a propósito, o “auto-de-fé de Barcelona”, quando em 1861 o bispo daquela cidade queimou em praça pública vários escritos espíritas e principalmente uma encomenda de vários exemplares de *O Livro dos Espíritos*. O mundo todo, ao conhecer o episódio, quis saber qual o conteúdo do que tinha ido para a fogueira inquisitorial. Resultado: divulgou-se bastante o Espiritismo,

de forma inesperada, confirmando a máxima tantas vezes proclamada pelos Espíritos: “de todo mal Deus tira um bem”.

O Espiritismo, quase sempre, se alicerça no fato de que os que o esposam, na busca da felicidade (busca humana) primeiro vão a ele com curiosidade, depois raciocinam e, então, por fim, se põem a aplicar o que viram, analisaram, compreenderam e aprenderam.

Encontram motivo para calma, para resignação e com isso fortalecem a fé.

A contraposição filosófica de que tudo se acaba com a morte, que esperanças oferta, que consolos diante das provações apresenta, que bálsamo dá aos que sofrem as perdas de entes amados?

6 – RAZÃO E BOM SENSO

A força do Espiritismo não provém da prática das manifestações materiais. Nada mais falso do que quem o afirmasse.

“Na verdade, sua força está na sua filosofia, no apelo que faz à razão, ao bom senso”.

Longe da crença cega, a Doutrina Espírita é de claridade linear, simples, sem mistérios, sem falsas interpretações e a todos deseja a luz de crer sabendo por que crê.

Impedir manifestações espirituais seria acabada tolice, principalmente as públicas, pois os Espíritos se manifestam de médium a médium e até de forma mais fácil num grupo recatado, sério, respeitoso e sem publicidade.

Se fosse decidido encarcerar todos os médiuns da Terra seria preciso prender, no mínimo, metade da espécie humana...

“O Espiritismo não é obra de um homem”. “É tão antigo quanto a criação”.

Aliás, seus princípios encontram-se em todas as religiões, proclamando a existência dos Espíritos, bons ou maus; anjos guardiães; a reencarnação; a emancipação da alma durante a vida;

a dupla vista; todos os gêneros de manifestações; as aparições e até mesmo as materializações (aparições tangíveis).

7 – Os ESPÍRITAS

Três são as classes, ou graus, ou características de espíritas:

crêem nas manifestações dos Espíritos; para eles, o Espiritismo é uma ciência experimental;
compreendem as conseqüências morais do Espiritismo;
praticam a moral espírita ou se esforçam para fazê-lo.

Nos três casos, encontram-se novas ordens de idéias tendentes a melhorar a humanidade pela prática do bem.

Os contrários ao Espiritismo também podem ser categorizados de três maneiras:

os que negam sistematicamente tudo o que é novo e do que falam não têm conhecimento, menos ainda base filosófica; para eles só importa o que os sentidos evidenciam e assim, o Espiritismo não passa de fantasia. Orgulho e presunção os dominam;
os que sabem que o Espiritismo existe e o compreendem; contudo, o consideram um inimigo, por contrariar seus interesses pessoais (nestes, a ambição fala alto);
os que por seus atos são energicamente censurados pelo Espiritismo, o que os incomoda sobremaneira (nestes, o egoísmo dita procedimentos).

O Espiritismo, certamente, não corrigirá o mundo, da noite para o dia.

Cedo ou tarde, desenvolvendo o sentimento religioso nuns e noutros, a todos acabará por trazer serenidade diante das agruras da

vida e os “mistérios da morte”, adicionando resignação e coragem e a certeza de um futuro feliz.

8 – ESPIRITISMO: MORAL CRISTÃ

A moral dos ensinamentos contidos no Espiritismo, na verdade, há tempos está na humanidade, seja pelo Decálogo, seja pelas sublimes lições passadas e exemplificadas por Jesus.

Considerando as turbulências havidas na humanidade desde então, muitas delas sob a égide do Cristianismo, o plano maior julgou oportuno que fosse lembrada e mais bem explicada a moral cristã e esse foi e é exatamente o objetivo do Espiritismo.

Dezoito séculos separaram Jesus de Kardec e nesse período a ciência evoluiu a passos largos, fazendo não poucas idéias errôneas sobre o universo se curvarem e se modificarem diante da evidência científica.

A previsão da espiritualidade é que o mesmo aconteça com o Espiritismo, já que, se a ciência cada vez mais progride e entende as propriedades da matéria, poderá ser por novas descobertas de cientistas que, em suas pesquisas, tenham apoio e acompanhamento de ensinamentos dos Espíritos, através da mediunidade, ou mesmo reencarnando entre nós instrutores celestiais, que virá a ser demonstrada e comprovada a existência do Espírito imortal.

Isso elucidará, senão todos, a grande maioria dos acontecimentos da vida, sob a ótica da justiça divina.

9 – APROXIMAÇÃO A JESUS

Na humanidade, praticamente todas as idéias novas foram e são combatidas de início para, só depois de comprovarem sua veracidade, aí sim, serem aceitas.

Com o Espiritismo não foi diferente: de saída, foi considerado “obra de Espíritos do mal”, por adversários tão insensatos quanto ignorantes.

A esse respeito, os bons Espíritos advertiram que a seu tempo emergiria a pureza dos ensinamentos espíritas, qual “a luz mais pura que não é obscurecida por nenhuma nuvem”.

No planeta Terra, a humanidade sempre vem aprendendo com os erros. A unidade terrena da verdade será alcançada cedo ou tarde, e a união dos povos ocorrerá por um pensamento comum: “o amor de Deus e a prática do bem”.



A razão será sempre a suprema ferramenta da verdade.

Encerrando as sublimidades de *O Livro dos Espíritos*, Kardec houve por bem transcrever (o que também ora faço) palavras de Santo Agostinho:

“Por muito tempo, os homens se estraçalharam e se amaldiçoaram em nome de um Deus de paz e de misericórdia, ofendendo-O com semelhante sacrilégio. O Espiritismo é o laço que os unirá um dia, porque mostrará onde está a verdade e onde está o erro. Mas haverá ainda por muito tempo escribas e fariseus [figuras do *Evangelho*; neste caso, gente falsa, fingida, pérfida, traiçoeira] que o negarão, como negaram o Cristo. Quereis saber sob a influência de que Espíritos estão as diversas seitas que dividiram entre si o mundo? Julgai-as por suas obras e princípios. Nunca os bons Espíritos foram os instigadores do mal; nunca aconselharam nem legitimaram o assassinato e a violência; nunca excitaram os ódios dos partidos, nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da Terra. Somente aqueles que são bons, humanos e benevolentes

para com todos são seus preferidos e são também os preferidos de Jesus, porque seguem o caminho indicado para chegar até ele”.

✘ ✘ ✘

Ao terminar a leitura deste livro, talvez você tenha ficado com algumas dúvidas e perguntas a fazer, o que é um bom sinal. Sinal de que está em busca de explicações para a vida. Todas as respostas que você precisa estão nas Obras Básicas de Allan Kardec.

Se você gostou deste livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com aquelas do seu relacionamento, dar de presente a alguém que talvez esteja precisando ou até mesmo emprestar àquele que não tem condições de comprá-lo. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente a da literatura espírita. Entre nessa corrente!
